



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS**

THEREZA CARTAXO LINHARES

**CANOA QUEBRADA: DE ALDEIA DE PESCADOR A NÚCLEO INDUTOR DE
TURISMO NO CEARÁ**

FORTALEZA - CEARÁ

2016

THEREZA CARTAXO LINHARES

CANOA QUEBRADA: DE ALDEIA DE PESCADOR A NÚCLEO INDUTOR DE
TURISMO NO CEARÁ

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Estudos Sociais Aplicados e Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Gestão de Negócios Turísticos.

Área de Concentração: Gestão de Negócios Turísticos.

Orientadora: Dr.^a Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano

FORTALEZA - CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Linhares, Thereza Vânia Cartaxo de Arruda.

Canoa Quebrada: de aldeia de pescador a núcleo indutor de turismo no Ceará [recurso eletrônico] / Thereza Vânia Cartaxo de Arruda Linhares. - 2016.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 140 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, Fortaleza, 2016.

Área de concentração: Gestão de Negócios Turísticos.

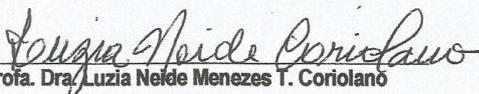
Orientação: Prof.ª Ph.D. Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano.

1. Turismo.. 2. Canoa Quebrada.. 3. Desenvolvimento Social Sustentável.. 4. Desenvolvimento a Escala Humana.. I. Título.

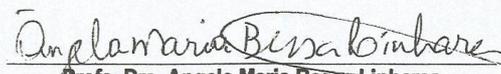
DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins e prova, que **THEREZA VÂNIA CARTAXO DE ARRUDA LINHARES**, aluna do Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da Universidade Estadual do Ceará - UECE qualificou sua dissertação de mestrado no dia **11 de fevereiro de 2016** intitulada: **“Canoa Quebrada: De Aldeia de Pescador a Núcleo Indutor de Turismo no Ceará”**.

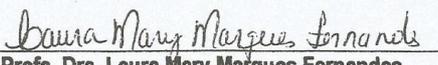
Membros da Comissão Examinadora:



Prof. Dra. Luzia Neide Menezes T. Coriolano
Presidente/Orientadora

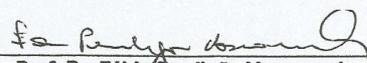


Prof. Dra. Angela Maria Bessa Linhares
1º Membro



Prof. Dra. Laura Mary Marques Fernandes
2º Membro

VISTO:



Prof. Dr. Fábio Perdigão Vasconcelos
Coordenador do Curso de Mestrado Profissional em Gestão
de Negócios Turísticos

Dedico esta dissertação ao meu precioso
filho Pedro, semente do amor,
continuidade do ciclo.

AGRADECIMENTOS

A Professora Luzia Neide Coriolano, minha orientadora, pelo apoio e incansável dedicação, incentivando, ensinando e acreditando no meu potencial. Contribuiu de forma significativa para meu crescimento intelectual e pessoal; contribuições valiosas para o desenvolvimento da dissertação.

Às professoras Ângela Linhares e Laura Fernandes, integrantes da banca de qualificação da dissertação, contribuindo com apreciações, críticas e considerações para o aprimoramento da pesquisa.

Aos meus professores do Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos que contribuíram para a compreensão do turismo de forma ampla e interdisciplinar.

A Adriana Fonteles, secretária do mestrado, sempre simpática, prestativa e eficiente nos informes e orientações burocráticas do mestrado.

Aos meus colegas, que por meio de apresentações de trabalhos de pesquisas, discussões e debates, possibilitaram uma visão transversal e multidisciplinar sobre o turismo. Em especial a minha equipe de trabalho: Éwerton Reubens, Priscila Medeiros, Eline Alves e Munike Magalhães.

A equipe que colaborou na pesquisa de campo, professora e orientadora Luzia Neide Coriolano, Conceição Nascimento, Jacqueline Assunção e Ewerton Reubens, proporcionou alegria e leveza à realização da tarefa. A amiga Regina Claudia, chamada carinhosamente de Guega, residente de Canoa Quebrada, que acolheu a equipe compartilhando o seu cotidiano e sua história.

À comunidade de Canoa Quebrada, que tive o privilégio de conhecer, na década de 1970, uma genuína aldeia de pescadores e rendeiras; no convívio em diferentes períodos ao longo dos anos, despertar o interesse para realizar a pesquisa. Valioso testemunho dos moradores que colaboraram com a pesquisa, possibilitando a conclusão da dissertação.

Ao Paulo Ribeiro, companheiro afetuoso nesta jornada.

RESUMO

A dissertação "Canoa Quebrada: De aldeia de pescadores a núcleo do turismo no Ceará", estuda o processo de transformação de Canoa Quebrada, em decorrência do turismo. Investiga mudanças sociais, econômicas, culturais e ambientais da comunidade receptora. O objetivo é analisar impactos e benefícios advindos do turismo e chegada de novos residentes, encontro e superposição de culturas interferem na identidade local e na vida de antigos residentes. Adota-se metodologia dialética, com abordagem quanti-qualitativa, por meio de levantamento bibliográfico, pesquisa documental e de campo, com visitas realizadas na cidade histórica de Aracati e na comunidade de Canoa Quebrada. Realizou-se roda de conversas com residentes de Canoa Quebrada, observando-se o cotidiano do lugar. Aplicaram-se 50 questionários com residentes e novos residentes, em novembro de 2015. Pela pesquisa moradores "nativos" admitem que o turismo traz benefícios de infraestrutura e oportunidades de emprego e renda para a comunidade. Traz também impactos negativos ao ambiente, com a perda da identidade, imposição de novos valores e culturas, com descaracterização da vida da antiga aldeia de pescadores. Os novos residentes chegam como turistas, encantados com as belezas naturais resolvem morar, percebem a oportunidade de investimento econômico no turismo, e passam a montar negócios gerando emprego para a população e, assim, dominam a economia e diretrizes de Canoa Quebrada. O turismo vincula-se ao crescimento econômico e não ao desenvolvimento social sustentável, que permite participação da população em negócios desde o planejamento. Quando há envolvimento da comunidade dá-se o desenvolvimento na escala humana, com justiça social, minimizando os aspectos negativos, preservando valores históricos, culturais e ambientais. Faz-se necessária reflexão crítica do turismo, por promover o crescimento econômico e trazer mais inconveniências do que vantagens para as comunidades receptoras.

Palavras-chave: Turismo. Canoa Quebrada. Desenvolvimento Social Sustentável. Desenvolvimento a Escala Humana.

ABSTRACT

The dissertation "Canoa Quebrada: from fishing village to tourist destination in Ceará, studies the process of transformation on the village of Canoa Quebrada due to tourism. Investigates the social, economic, cultural and environmental changes in the community. The goal is to analyze the impacts and benefits from tourism and the arrival of new residents, and how this meeting and clash of cultures interferes with the local identity and the lives of old residents. Adopting dialectical methodology, with a qualitative approach, by means of bibliographical, documentary and field research, visits were carried out in the historic city of Aracati and in the community of Canoa Quebrada. Talks were held with residents of Canoa Quebrada, observing the daily life of the place. Questionnaires with 50 old residents and new residents were applied in November of 2015. The research revealed that the old residents "natives" admit that tourism brings benefits in infrastructure, employment opportunities and better income for the community. But also brings negative impacts to the environment, loss of identity, imposing new values and cultures, deteriorating the life on the former fishing village. The new residents arrive as tourists, delighted by the natural beauties decide to live there, they then realise the investment opportunities through tourism and set up their businesses generating employment for the local population; dominating the economy of Canoa Quebrada. It was concluded that tourism in Canoa Quebrada is linked to economic growth and not to a sustainable social development, which includes the local population into the business plan. When there is community involvement the human development occurs with social justice, minimizing the negative aspects, while preserving the historical, cultural and environmental values. It is necessary a critical reflection of tourism while promoting economic growth bringing more inconveniences than advantages to the community.

Keywords: Tourism. Canoa Quebrada. Sustainable Social Development. The Development on a human scale.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Macrorregiões Turísticas do Ceará - principais núcleos regionais e núcleos turísticos	28
Figura 2 - Planta do Porto e Vila do Aracati	34
Figura 3 - O estado do Ceará exploração de Aracati	35
Figura 4 - Sesmarias do Baixo Jaguaribe	37
Figura 5 - Principais vilas do Ceará e as rotas de comunicação	43
Figura 6 - Casarões da Rua Grande	47
Figura 7 - Igreja Matriz	48
Figura 8 - Detalhe do interior e da porta da Igreja Matriz	48
Figura 9 - Casa de Câmara e Cadeia.....	49
Figura 10 - Residência do Barão de Aracati - atual Museu Jaguaribano	50
Figura 11 - O fazer labirinto.....	54
Figura 12 - Banda da Lua e Carmem Miranda	55
Figura 13 - Banda da Lua no Chile.....	56
Figura 14 - Teatro Francisca Clotilde	57
Figura 15 - Garrafinha de Areia Colorida em Majorlândia	63
Figura 16 - Litoral Leste Polo Canoa Quebrada	65
Figura 17 - Lua e a Estrela.....	67
Figura 18 - Valor das marcas para consumidores e empresas.	70
Figura 19 - Símbolo de Canoa Quebrada	72
Figura 20 - Dimensões da motivação de férias para o segmento de Sol e Praia	74
Figura 21 - Dimensões da percepção cognitiva em destinos de Sol e Praia.....	75
Figura 22 - Modelo de formação da imagem de destinos de Sol e Praia	76
Figura 23 - Casa de pescador em Canoa Quebrada.....	79
Figura 24 - Vila de Canoa Quebrada.....	80
Figura 25 - Entrada da Broadway.....	83
Figura 26 - Pescadores utilizam as jangadas para passeios turísticos	87
Figura 27 - Barracas de praia no sopé das falésias	88
Figura 28 - Barracas de praia no sopé da falésia.....	89
Figura 29 - Barracas à beira-mar em Canoa Quebrada	89
Figura 30 - Destruição da falésia com o símbolo de Canoa Quebrada pela erosão ..	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gênero dos entrevistados.....	106
Gráfico 2 - Faixa etária dos entrevistados.....	107
Gráfico 3 - Estado civil	108
Gráfico 4 - Renda familiar.....	109
Gráfico 5 - Entrevistados segundo naturalidade.....	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AME*CQ	Associação dos Moradores do Estevão - Canoa Quebrada
ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
APA	Área de Proteção Ambiental
APA-CQ	Área de Proteção Ambiental de Canoa Quebrada
APP	Área de Preservação Permanente
ARIE	Área de Relevante Interesse Ecológico
CMMAD	Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento
CODITUR	Companhia de Desenvolvimento Industrial e Turístico do Ceará
EMCETUR	Empresa Cearense de Turismo
FIB	Felicidade Interna Bruta
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDACE	Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
IPHAN	Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MTUR	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SEMACE	Superintendência Estadual do Meio Ambiente
SIC	Sistema de Informação ao Cidadão
UICN	União Internacional da Conservação da Natureza
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WTTC	World Travel & Tourism Council

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	OPÇÃO METODOLÓGICA: MÉTODO DIALÉTICO	16
1.2	PASSOS DA PESQUISA.....	19
2	ARACATI E O TURISMO NO LITORAL CEARENSE	21
2.1	REVISITANDO A MEMÓRIA DO ARACATI	31
2.2	ARACATI: CULTURA E PATRIMÔNIO	46
2.3	ARACATI TURÍSTICO.....	61
3	CANOA QUEBRADA: DE ALDEIA À NÚCLEO INDUTOR DE TURISMO .	65
3.1	IMAGEM E MARKETING DO DESTINO TURÍSTICO CANOA QUEBRADA	68
3.2	ATIVIDADE TURÍSTICA EM CANOA QUEBRADA.....	76
3.3	ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE CANOA QUEBRADA.....	83
4	A BUSCA DE NOVOS PARADIGMAS PARA A SOCIEDADE E O TURISMO	92
4.1	O PARADIGMA DA SUSTENTABILIDADE, DESENVOLVIMENTO SOCIAL E DO CAPITAL SOCIAL.....	92
4.2	O PARADIGMA DO TURISMO COMO FENÔMENO HUMANO.....	95
4.3	O OLHAR DOS RESIDENTES SOBRE O TURISMO EM CANOA QUEBRADA	105
5	CONCLUSÃO.....	120
	REFERÊNCIAS.....	123

1 INTRODUÇÃO

Canoa Quebrada: De aldeia de pescadores a núcleo indutor do turismo no Ceará é o tema da dissertação vinculada ao Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da Universidade Estadual do Ceará. Tem como objeto Canoa Quebrada em Aracati/CE, para estudos do processo de mudanças ocorrido nessa comunidade, desde a chegada dos primeiros turistas até a transformação por completo da colônia de pescadores fazendo-se núcleo indutor do turismo cearense.

No final da década de 1970, na comunidade visitada pelos andarilhos, mochileiros e *hippies*, iniciou o turismo alternativo, até a institucionalização do turismo convencional ao consolidar destino turístico. Surgem impactos em decorrência da atividade, e, na perspectiva de residentes, começa o processo de urbanização, com transformação da realidade sociocultural, econômica e ambiental.

O turismo alternativo compreende as opções de turismo que se contrapõem e compartilha diferenças comuns ao turismo convencional (PIRES, 2002). Tem como característica principal o comportamento dos turistas; Krippendorf (1987) diz que o turista alternativo evita lugar onde há turismo de massa, busca lugares isolados sem infraestrutura turística que dão sensação de aventura, estabelece maior contato com a comunidade, usa as mesmas acomodações e meios de transporte dos nativos.

Nesta pesquisa analisam-se transformações socioespaciais, identificando impactos da atividade turística para a comunidade e sua contribuição no crescimento do lugar, sobretudo no que se refere à escala humana. Há muitos interesses a contribuição econômica, na dissertação o olhar é para a escala humana. Ocorreram transformações na identidade local com aculturações e correlações entre as diferentes culturas que ali convivem, surgindo novos estilos de vida e novos costumes. O crescimento do turismo no Ceará explica como Canoa Quebrada se configura no processo de modernização passando pela urbanização para transformar-se em destino turístico.

O Estado do Ceará a partir da década de 1980 incrementa o processo de desenvolvimento econômico com base do turismo, na produção industrial e empresarial, intensificando o processo de urbanização. Industrialização e turistificação são palavras de efeito nas políticas públicas. Historicamente o estado possuía identidade agrária, mas a partir da década de 1980, desencadeia processo

de produção espacial contraditório, à medida que constrói e desconstrói espaços, abandona a identidade rural, desfaz-se da imagem de pobreza e secas para construir a imagem do Ceará “paradisiaco” para o turismo. O sol, identificado com seca e pobreza, passa a ser visto como fator de incentivo a fluxos turísticos utilizado na construção de nova identidade cearense.

Na construção da imagem do Ceará turístico, Canoa Quebrada desponta como destino indutor do turismo. Buhalis (2000) diz que o critério mais importante para escolha do destino é a imagem que o mesmo ostenta. A imagem da marca de Canoa Quebrada, que tem como símbolo a lua e estrela, é utilizada no *marketing* promocional, que objetiva despertar interesses e desejos influenciando a escolha do destino. Assim, a imagem do lugar gera expectativa no turista que, ao não condizer com a realidade na percepção do turista, causa frustração refletindo imagem negativa do destino.

Turismo, na concepção econômica, é apresentado como atividade geradora de emprego e renda, com dimensões socioculturais e socioespaciais, tem capacidade de interferir nas relações sociais que modificam o modo de vida e trabalho da população. Não é simples o processo, que ocorre em Canoa Quebrada.

A atividade turística passa a ser vista pelas óticas social, política, econômica, cultural e ambiental, e o estudo propõe-se analisar o turismo como fenômeno humano (SAMPAIO, 2007). Correlaciona-se o turismo convencional com alternativo, com visão dos conflitos e contradições das atividades inerentes.

Atividade capitalista enfatiza necessariamente o capital, seleciona lugares e explora não apenas o território, senão, mas também a força de trabalho, tendo em vista a acumulação de capital, desconsiderando valores socioculturais, assim como a conservação ambiental, que servem de suporte ao desenvolvimento do turismo. Assim, realiza-se em meio a contradições e conflitos. A relevância do estudo está em permitir inclusão da pesquisadora no grupo que se dedica a estudar o turismo relacionando desenvolvimento com a escala humana e desenvolvimento social.

A relevância da pesquisa está na revisitação do processo de formação e do histórico da comunidade, sob o olhar não apenas da pesquisadora, mas em especial dos pescadores e rendeiras, analisando a compreensão de transformações em decorrência da atividade turística. Nesse contexto, pescadores e rendeiras são chamados de “nativos”. Nativos não por serem de origem indígena, como alguns referem, senão, mas por nascidos no lugar, com raízes e identidade do lugar. A

comunidade de Canoa Quebrada, antiga aldeia de pescadores e rendeiras, vivia da pesca e do labirinto e artesanato. Agora inseridas na modernidade vivem do turismo, todas as atividades econômicas estão direta ou indiretamente vinculadas ao turismo.

A importância do estudo está na busca de informações de antigas famílias de pescadores com vivências no meio do lugar turistificado. A antiga colônia de pescadores é descaracterizada nos aspectos espaciais, culturais e, sobretudo, no estilo de vida local.

Compreender o turismo exige visão multidisciplinar para identificar as transversalidades de inter-relações socioculturais, políticas, econômicas, e impactos socioambientais, assim como as contradições do fenômeno na produção capitalista. O envolvimento de atores políticos e sociais com interesses diversos e contraditórios, expressa a complexidade da realidade pesquisada e exige análise crítica na interpretação do fenômeno turístico.

A problematização tem foco na compreensão do processo de transformação de Canoa Quebrada, em decorrência da atividade turística, pelas intervenções de políticas públicas e empreendimentos privados, mediados pelo contraditório processo de urbanização de construção do destino turístico que provoca mudanças na realidade espacial, econômica e social dos moradores.

A pesquisa investiga mudanças promovidas pelo turismo convencional, que repercutem nas condições de vida dos nativos. Analisa os impactos que afetaram a vida da comunidade, com a chegada dos novos residentes, empreendedores do turismo promovendo encontro e superposição de culturas, quando a identidade local é diluída pela transformação espacial do lugar, formas de trabalho e relações sociais.

Para entendimento da realidade, elaboraram-se os seguintes questionamentos que norteiam o estudo e a pesquisa:

- Como se deu a transformação da vila de pescador em núcleo de turismo?
- Como se deu o crescimento do núcleo receptor de Canoa Quebrada?
- Quais as transformações da comunidade de Canoa Quebrada, na visão dos antigos residentes?
- Quais impactos causados pelo turismo convencional em Canoa Quebrada?
- Qual a participação dos residentes na produção do território turístico de Canoa Quebrada?

Como objetivo geral: Analisar o processo de transformação da colônia de pescador no núcleo indutor de turismo do Ceará

E como objetivos específicos:

- Buscar a memória histórica e cultural do contexto do município de Aracati, onde se insere Canoa Quebrada;
- Compreender o crescimento do núcleo receptor Canoa Quebrada, identificando os impactos sociais e ambientais causados na transformação;
- Fazer escuta sensível de residentes sobre as transformações da vida cotidiana do lugar em decorrência do turismo.

A estruturação da dissertação compreende cinco partes:

Na primeira, proposta da dissertação: objeto de estudo, problematização e questionamentos, justificativa da escolha do tema e relevância da investigação para a academia, sociedade, sobretudo para a pesquisadora, e escolha metodológica e processo percorrido na investigação.

A segunda parte refere-se à base teórica sobre o turismo. Leu-se Trigo (2002), Cooper (1997), Dias; Aguiar (2002), Souza; Correa (2000), Barretto (2003), Lohmann; Panosso Neto (2008), Benevides (1998), Coriolano (2006; 2012), Coradini (2006). Apresenta-se Aracati, município litorâneo cearense onde se localiza a praia de Canoa Quebrada, objeto de estudo. Identifica-se a área, estuda-se a importância histórica e cultural, com ênfase do patrimônio histórico e oferta turística de Aracati, cidades praianas com destaque para Canoa Quebrada, destino turístico relevante para o desenvolvimento do turismo no Ceará.

A terceira tem o foco em Canoa Quebrada, relata sua história, descreve a antiga aldeia de pescadores, mostra a origem do nome e do símbolo, relata a descoberta da praia pelos primeiros visitantes, e o processo de turistificação, que a modifica não só esteticamente, sobretudo social e economicamente. Analisa o encontro de culturas identificando impactos do turismo convencional, pelos turistas e novos residentes, na vida dos “nativos” e na colônia de pescadores.

Na quarta apresenta-se, à luz da conclusão do desenvolvimento a escala humana, com enfoque no FIB – Felicidade Interna Bruta, indicador de crescimento econômico a serviço das pessoas e da sociedade e que faz um contra ponto ao PIB – Produto Interno Bruto, indicador economicista de desenvolvimento que contabiliza o crescimento quantitativo de produtos e serviços, o que não reflete o

desenvolvimento humano com base na sustentabilidade. Tem-se ainda o olhar dos nativos e dos novos moradores, sobre o turismo em Canoa Quebrada, sugerindo o turismo sustentável e participativo como alternativa ao turismo convencional, que minimiza impactos negativos em comunidades receptoras.

A última parte, conclusão, com a apreensão do objeto e sugestões para melhoria da atividade turística em Canoa Quebrada.

No que tange especialmente à pesquisa de campo, realiza-se na praia de Canoa Quebrada, no município de Aracati, litoral leste do Estado do Ceará.

1.1 OPÇÃO METODOLÓGICA: O METODO DIALÉTICO

O percurso até a conclusão, com temática complexa como turismo e transversalidade de conhecimentos e conceitos sociais, econômicos e culturais deve pautar-se em opção metodológica que atenda aos critérios do pesquisador.

Para produção de conhecimento científico, foi necessário o uso de técnicas eficientes para se chegar aos objetivos da dissertação. Escolher método e técnicas adequadas é imprescindível para orientação da compreensão das teorias, paradigmas e matrizes epistêmicas (BORGES; DALBERIO, 2007)

Considera-se pensamento de Pereira (1995) que afirma que o conhecimento científico não se limita à descoberta da verdade “absoluta”, “mas é um processo de interpretação” da realidade, que se transforma em conteúdos de conhecimento concreto em “verdades relativas”, alcançados pelo rigor epistemológico.

Santos (1991) ressalta que a orientação epistemológica do pesquisador objetiva a apreensão do conhecimento em movimento, passando por subjetividades e interpretações. O autor explica que:

O espírito científico que se define pela criação e produção de noções e conceitos capazes de construir verdades relativas, mediante um procedimento de incessante aproximação da verdade dos processos, dos detalhes e dos sonhos que constroem o social (SANTOS, 1991, p.58).

O método define-se pela postura política do pesquisador, para análise de múltiplas relações que interferem em resultados alcançados. Desse modo, não é possível “explicar os métodos por si mesmos sem levar em conta os contextos teóricos e as condições histórico-sociais da produção e da pesquisa” (GAMBOA,

1996, p. 62). Logo se compreende que aspecto, central em todas as ciências, pode ser compreendido com diferentes abordagens – e a dialética é uma delas, assim como, o materialismo histórico ou da dialética marxista (PIRES, 1997).

Assim, optou-se por trabalhar o método dialético. A dialética, do grego *diá* (por causa de, ou seja, ideia de intercâmbio) + *lexiko* (preparado à palavra) traduz o antagonismo de consensos ou posições e resulta em unidade ou consenso de posições anteriores, com novas ideias e possíveis contrapontos.

É mérito dos filósofos gregos o pensamento dialético. Heráclito via o mundo sob uma perspectiva dialética, mas o termo “dialética” foi usado posteriormente por Platão (KONDER, 2004).

O modo grego de pensar é, em geral, afirmativo, mas não linear, e sim digamos, “dialético”, ou seja, caracterizado por um modo dualista de pensar. Foi a tradição pitagórica (cultura da ideia do tempo cíclico e do conceito de antinomia) que o concebeu deste modo, como se o pensamento só fosse capaz de pensar por oposição, confrontando diferença nos termos de Xenófanes: “se o divino não tivesse feito o dourado mel, os figos seriam o exemplo de doçura”. (SPINELLI, 2004, p.69).

Na Grécia antiga, os filósofos clássicos, Sócrates, Platão e Aristóteles elaboram a dialética como forma de análise da realidade, em busca da verdade pelos confrontos de teorias, hipóteses e teses. Assim, compreende-se a dialética como a arte do diálogo e poder de argumentação.

A palavra composta dialética é formada por relação, troca, intermediação e por falar. Etimologicamente, remete à arte da conversação; epistemologicamente, corresponde à arte da conversação desenvolvida na prática política da cidade grega. (BARRETTO, 2006, p. 208).

Para Sócrates, a dialética se caracteriza pelo confronto de ideias e argumentos, com técnica de pergunta, resposta e refutação; conduz o diálogo a evidenciar as contradições, desconstruindo e reconstruindo ideias, em busca de novo saber. (MACHADO, 2012).

A dialética relaciona aspectos da realidade em movimento constante com as relações e interações. Para a dialética a separação e o repouso são relativos, e o movimento é sempre absoluto. Movimento e mudança geram transformações qualitativas e/ou quantitativas, explicáveis pela luta dos contraditórios (KONDER, 2004).

A dialética considera pensamentos e palavras como polos de contradição, isto é, trabalha o processo temporal histórico movida pelas contradições em geral o sujeito é o espírito da reflexão, o que constitui o pensamento hegeliano apresentado

por Chauí (2006), resumido nos seguintes aspectos básicos encontrados em Hegel (1996):

- O trabalho filosófico busca compreender a origem e o sentido da realidade como cultura, sendo a cultura fruto das relações humanas com a natureza, o trabalho e linguagens. A exemplo da ciência e das instituições sociais. O sujeito, espírito da reflexão, não só produz cultura, ele é cultura e as manifestações da realidade.
- Define o real pela cultura e pelos movimentos exteriorizado e interiorizado do espírito que se manifesta nas obras que produz. Assim o real é histórico; não tem história nem está na história.
- Revoluciona o conceito de história:
 - Não pensa a linearidade continua de fatos sucessivos no tempo, mas com o movimento de forças internas capaz de criar acontecimentos.
 - Não pensa a história com resultado de causa e efeito, mas como produto de acontecimentos produzidos, dotado de forças internas, que trazem em si contradições.
 - Pensa a história como processo de fatos contraditórios e unificados em si, estudado de forma compreensiva e racional. Para Hegel o real é racional e o racional é real.
 - História é o movimento do espírito e suas obras culturais, com realizações para si, assim como a compreensão das mesmas.
 - Entende a história como reflexão de si, criando cultura reconhecendo-a como movimento de sua obra.
- Dá conta da alienação.
- Distingue imediato de mediato; concreto de abstrato; ser e aparência; contradições, tendo a síntese afetada pelo espírito. A síntese, para Hegel, é o conceito.

Para Hegel o sujeito é o espírito e seu objeto. A cultura são obras do espírito, o que o espírito produz são ideias.

O filósofo alemão Wilhelm Friedrich Hegel (HEGEL, 2003; SAMPAIO; FREDERICO, 2006) retoma a questão central da dialética na filosofia; concebe o método dialético em três momentos básicos: tese – antítese – síntese. A tese é a

ideia inicial pretensamente verdadeira; antítese é a contradição e/ou negação da tese e a síntese o resultado da contradição ou negação de ambas as ideias. A síntese torna-se nova tese recomeçando o ciclo da dialética.

Na concepção de Hegel (1770-1831) a verdade não é um conjunto de princípios definitivos, é um processo histórico, o movimento é o da própria ciência, que não progride senão sob condição de ser crítico. Concorde-se que na ciência a verdade não é absoluta, sendo ao mesmo tempo absoluta e relativa. O fenômeno está em movimento contínuo e traz em si aspectos que se relacionam e interagem gerando muitas vezes atritos e contradições, e se compreende com o olhar crítico o processo histórico na concepção dialética.

Desse modo, a dissertação amparada no método dialético e revisão da literatura, apresenta as seguintes categorias de análise: turismo, turismo sustentável, turismo para o desenvolvimento humano e cultural; ou desenvolvimento à escala humana, na concepção de Max-Neef (2012). A base fundamenta a composição teórica da dissertação.

Como técnica de investigação, utilizaram-se entrevistas semiestruturadas de pesquisa *in loco*, de modo a conhecer a realidade por meio da observação direta dos aspectos, da vida social, política e econômica das pessoas, de grupos, de novos residentes, moradores mais antigos da comunidade; identificando representações sociais e a visão dos antigos moradores sobre o turismo. O relato de escutas sensíveis serve de documentos também para as análises. A aplicação de questionários configura o âmbito de respostas à questão norteadora da pesquisa.

1.2 PASSOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na praia de Canoa Quebrada, município de Aracati no litoral Leste do Estado do Ceará. Envolve estudo do suporte teórico, conceitual e metodológico. Realizou-se levantamento de dissertações, teses e periódicos acadêmicos relacionados ao tema. Visitas e consultas a instituições públicas estaduais, municipais e federais colhendo dados estatísticos, planejamentos e planos de ações públicos e incentivos a iniciativas privadas de desenvolvimento do turismo.

A pesquisa se fez com investigação *in loco*, com visitas à cidade de Aracati, monumentos, igrejas, museu, casarões, e alamedas que revelam a memória

da cidade e importância histórica. A pesquisa de campo na comunidade de Canoa Quebrada teve foco na percepção de residentes. O olhar revela a transformação socioeconômica e cultural da antiga aldeia de pescadores em um lugar turistificado. Para dimensionar os impactos de transformação, realizaram-se conversas informais com antigos e novos residentes, aplicados questionários, fontes de informação indispensáveis para uma conclusão relevante sobre objeto pesquisado.

2 ARACATI E O TURISMO NO LITORAL CEARENSE

O turismo surge no século XIX, após a Revolução Industrial. Quando o sedentarismo, o homem viaja, motivado pela necessidade de comércio com outros povos, para conhecimento e exploração de novas terras, questões religiosas, visita a templos, busca de saúde nas cidades litorâneas ou termas em banhos medicinais. Na Idade Média, filhos de nobres viajavam para estudar em centros culturais da Europa surgindo o *grand tour* (IGNARRA, 1999).

As viagens são precursoras do turismo contemporâneo e de segmentos de turismo: de negócio, eventos, aventura, religioso, saúde, cultural, entre outros. No entanto, o complexo fenômeno, turismo, que envolve tempo e espaço, e se relaciona com questões sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais, passa a ser estudado, analisado e desenvolvido cientificamente no período que antecede a Segunda Guerra, e torna-se relevante no período pós- Segunda Guerra Mundial.

Santos Filho (2009, p.5) define o turismo como:

A atividade que surgiu com o desenvolvimento da humanidade atrelado ao conjunto das necessidades básicas, que vão cristalizando-se em conjunto com a evolução das relações de produção. O aparecimento é sinalizado pela necessidade básica de movimento que cada sociedade segundo os preceitos culturais e históricos por meio da sociabilidade. Inicia como uma necessidade básica e vai se transformando historicamente e adquire inúmeras base conceituais, mas sempre mantendo sua espinha dorsal de significação, passando por tempo liberado; tempo de não trabalho; tempo livre; ócio; lazer e na forma contemporânea como atividade turística.

Os elementos, lazer, tempo livre, ócio e consumo estão inerentes ao turismo, dizem-se necessidades básicas do ser humano, relacionadas ao prazeroso uso do tempo o que difere o tempo do trabalho necessário para sobrevivência. Assim, o turismo passa a ser necessidade do homem moderno. Sobretudo no cotidiano de cidades urbanizadas e industrializadas. Diferentes de pequenas comunidades em que muitas vezes o trabalho é confundido com lazer, como relatam antigas rendeiras da aldeia de pescadores de Canoa Quebrada “Quando terminava os afazeres domésticos, as mulheres, sentavam em rodas a tear com os labirintos a conversar para o tempo passar, esperando o pescador chegar”. A fala é da mais velha rendeira, Dona Agripina, coletada em pesquisa de campo, simboliza o tempo livre e lazer prazeroso e social das rendeiras de Canoa Quebrada.

Para compreensão do fenômeno turístico é preciso entender conceitos de tempo livre, lazer e ócio, tempo essencial à saúde e bem-estar do homem no mundo moderno, pautado pelo movimento acelerado, ruídos, tensões e estresse urbanos.

Tempo livre é o que lhe resta após cumprimento de obrigações profissionais e sociais, para atender às necessidades de sobrevivência o que pode ser preenchido da forma que convém a cada pessoa e grupo social, tempo para si, para atender necessidades pessoais, que variam de acordo com costumes e estilo de vida (MEDEIROS, 1971, p.4).

Historicamente tempo livre se refere às férias e folga de final de semana, conquista dos trabalhadores, em longas lutas trabalhistas decorrentes do processo de industrialização. Existe classe de trabalhadores sem direitos trabalhistas assegurados. É emblemático o caso de empregadas domésticas que só recentemente conquistaram os direitos básicos trabalhistas, concedendo-lhes o direito de férias remuneradas, e tempo livre para gozo de ócio e lazer.

O lazer é uma forma de ocupar o tempo livre com atividades de livre e espontânea vontade: divertir-se, entreter-se, repousar, informar-se, exercer a livre capacidade criativa, tudo relacionado com livre vontade. (DUMAZEDIER, 1994). São atividades fora das habituais ou rotineiras, exercidas pelo prazer e não por obrigação.

A palavra ócio utilizada pelo sistema capitalista tem conotação depreciativa, vagabundagem, negligência, desleixo, desperdício ou preguiça, que é considerado um dos sete pecados capitais, tempo menos útil, menos ético e menos complexo que o utilizado no trabalho (DE MASI, 2001). Assim, ócio é compreendido no mundo moderno, pela máxima de que o trabalho dignifica o homem, o que precisa ser questionado, pois muitas vezes não promove dignidade, senão, mas exploração. Portanto, a relação do homem com o trabalho, tem conflitos e contradições dialéticas próprias da história da humanidade.

Os gregos, na época áurea, assim como os filósofos da Antiguidade desprezavam o trabalho, reservado a escravos, homens livres dedicavam-se aos exercícios corporais, às artes e aos jogos de inteligência; os poetas cantavam a preguiça como presente dos Deuses (LAFARGUE, 2001). A classe ociosa escreveu livros, cultivou artes, descobriu ciências, inventou a filosofia e aperfeiçoou as relações sociais, não colaborou com os fundamentos de justiça social, mas colaborou para o que chamamos de civilização (RUSSELL, 2002).

No processo histórico do desenvolvimento das civilizações o proletariado se rebela contra a desigualdade do trabalho servil e desumano, emancipando a si e a humanidade. “O lazer é produto da civilização e da educação [...] embora, a ideia de que os pobres devem ter direito ao lazer sempre chocou os ricos” (RUSSELL, 2002, p. 55 e 57).

O trabalho humano, inerente à condição humana, é necessário à garantia de sobrevivência, fundamental para a organização social, sofreu transformações significativas que interferi na estrutura da vida das pessoas. O tempo de trabalho tem como objetivo o aumento da produtividade e do capital, o tempo livre foi apropriado pelo turismo, indústria cultural do lazer e entretenimento (FERREIRA, 2010). Considera útil para a economia como oportunidade de consumo na lógica do capitalismo.

A Revolução Industrial, com novas tecnologias e avanços nos meios de transportes e comunicação, constitui a nova sociedade industrial e centros urbanos interligados são de fundamental importância para o desenvolvimento do turismo na versão moderna (BURSZTYN, 2005).

As cidades industrializadas e o desenvolvimento tecnológico mudam as paisagens dos grandes centros urbanos, a sociedade perde a qualidade natural da vida. As pessoas passam a valorizar ambientes tranquilos e o contato com a natureza das pequenas regiões montanhosas e litorâneas, para usufruir do tempo livre, longe da sociedade de consumo de produtos pasteurizados. O turismo passa a ser a melhor forma de fuga do cotidiano estressante causado pelo ritmo acelerado dos tempos modernos em centros urbanos (KRIPENDORF, 2000).

Por ser o turismo a forma mais elitizada de lazer, a sociedade de consumo comercializa de forma empresarial e o atrela a leis de mercado, por entender a importância do lazer na contemporaneidade. O turismo influencia e é influenciado pela sociedade, economia, política e cultura; a viagem exerce forte sedução nos tempos modernos, em que a cultura privilegia o prazer e o lazer (CORIOLANO, 2006).

Com o aumento do fluxo turístico em escala mundial, que se intensifica com a globalização, o turismo torna-se uma atividade rentável do mercado perdendo apenas para a indústria de petróleo e bélica (MOLINA, 2001). Impacta 52 setores da economia, envolvendo micro, médio e macro empreendimentos (CARVALHO, 2000).

Dinamiza a economia local, na perspectiva da lógica de mercado gerando emprego e renda, acelerando o crescimento do lugar, dentro do modelo capitalista vigente.

A Tabela 1: participação do Brasil no turismo mundial e na América do Sul. Os dados demonstram que a participação do Brasil no mercado turístico global cresceu entre os anos de 2005 e 2013. No Panorama do Turismo Internacional publicado pela Organização Mundial do Turismo (OMT) em 2014 o Brasil ocupa a décima posição no grupo dos dez países que mais gastam em turismo internacional, com valor de 25 milhões de dólares, aumento de 13% relativo ao ano anterior¹.

Tabela 1 - Demanda Turística: participação do Brasil no Mundo

	Mundo (milhões)	América do Sul (milhões)	Brasil	América do Sul no Mundo	Brasil na América do Sul	Brasil no Mundo
2005	803	18,3	5,4	2,3%	29,3%	0,7%
2006	847	18,7	5	2,2%	26,7%	0,6%
2007	904	20,0	5	2,2%	25,0%	0,6%
2008	922	20,8	5,1	2,3%	24,3%	0,5%
2009	882	22,9	4,8	2,3%	23,4%	0,5%
2010	940	24,4	5,2	2,5%	22,0%	0,5%
2011	982	25,8	5,4	2,6%	20,9%	0,5%
2012	1,035	26,9	5,7	2,6%	20,0%	0,5%
2013	1,087	27,4	6	2,5%	22,0%	0,5%
2014	1,138	29	*	2,5%	*	*

Fonte: Organização Mundial do Turismo, 2014.

*Dados não disponíveis.

O fluxo internacional de turismo aumenta continuamente: 25 milhões em 1950; em 1980 o fluxo é de 227 milhões de turistas; em 1990 registrou 438 milhões; 682 milhões, fluxo de turistas em 2000 e em 2008 a cifra atingiu 920 milhões. No ano de 2009 houve redução de 40 milhões de turistas internacionais, com registro de 880 milhões de turistas, resultado de desaquecimento da economia mundial ocasionado pela crise financeira. A OMT estima que em 2020 os turistas internacionais chegarão a 1,6 bilhões (OMT, 2014).

¹ Disponível em:

http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/estatisticas_indicadores/download_estatisticas/OMT_Turismo_highlights_2014_sp.pdf. Acesso em: 11 dez. 2015.

Com o aumento do fluxo tem-se que o turismo é atividade econômica promissora. No Brasil o turismo, dentro da perspectiva do mercado, contribui de forma significativa com a criação de emprego e geração de renda, participação expressiva na economia do país. À análise da geração de empregos diretos e indiretos, o WTTC descreve que, em 2011, foram gerados 7,65 milhões de empregos e, em 2012, 8,04 milhões, valores que representaram, respectivamente, 7,8% e 8,3% do total de empregos gerados no país (WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL, 2013).

No Brasil, o estudo do turismo torna-se relevante quando o fenômeno impulsiona o desenvolvimento, ainda que questionável pelo seu modelo excludente, acelera a economia nos países centrais do capitalismo. ^{34,3}

É certo então que o turismo é um fenômeno observado e estudado em diversos contextos: sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais entre outros; aspectos que interagem entre si. São diretrizes que ora se complementam e muitas vezes revelam as contradições do complexo fenômeno. Nesta pesquisa, o foco é voltado ao turismo como fenômeno humano que promove o desenvolvimento atendendo as necessidades da comunidade receptora, não apenas o capital.

A Organização Mundial do Turismo define turismo como atividade realizada pelas pessoas em viagens para fora da residência ou entorno habitual por período maior que 24 horas e menor que um ano e motivada por lazer, ócio, negócio ou outro motivo que não seja atividade remunerada o motivo da viagem (OMT, 2004). Concepção questionada com o surgimento do turismo de negócio.

Para Sampaio (2012), o conceito da Organização Mundial do Turismo restringe a atividade do turismo e motivações da viagem ao turista não incluindo quem os recepcionam. Além das comunidades, os recursos naturais e culturais estão à disposição dos turistas, os atrativos turísticos dos lugares são privilegiados sob perspectiva econômica reducionista, em busca de lucro a curto prazo em detrimentos de recursos socioambientais e da vida das comunidades onde se inserem.

O planejamento de gestores e empreendedores do turismo privilegia a privatização dos lucros e infraestrutura urbana básica para atender os serviços turísticos e demandas do turista, e nesse bojo, provoca a degradação socioambiental, que é socializada, o que muitas vezes acontece no turismo de massa (RUSCHMANN, 1997) - segmento que não conta com a participação efetiva

de residentes, no momento do planejamento, das decisões políticas e gestão da atividade do turismo, com participação equitativa dos lucros, isto é, lucros e benefícios advindos do turismo não possibilitam melhor qualidade de vida para a população receptora nem atendem às necessidades dos nativos, para promoção da autonomia dos núcleos receptores.

Nesse contexto, o Ministério do Turismo tem norteado o desenvolvimento do turismo como processo de planejamento descentralizado, dado ao tamanho e a complexidade do país. Em 2003, diretriz permitiu interlocução do Ministério do Turismo com 27 Unidades Federativas. O mapa turístico brasileiro, em 2013, contava com 3.345 municípios organizados em 303 regiões turísticas². O desafio é desenvolver o potencial turístico regional com ações de proteção ao meio ambiente, promoção do uso de economia sustentável, com respeito aos costumes regionais objetivando avanços na inclusão social e na distribuição da riqueza (BRASIL. MTUR, 2013).

A região Nordeste desenvolve ações de políticas públicas para viabilizar e consolidar o turismo na região. O Ceará inicia as atividades em 1989, com o Programa de Desenvolvimento do Turismo do Litoral do Ceará - PRODETURIS. Mapeia a costa litorânea, pois, identifica potencialidades para a exploração do turismo, viabiliza melhorias de infraestrutura no litoral. O PRODETURIS serve de base para o Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo na Região Nordeste - PRODETUR-NE.

O Governo do Ceará afirma acreditar no potencial turístico para alavancar o desenvolvimento socioeconômico do Estado, cria a Secretaria do Turismo do Estado do Ceará - SETUR-CE e estabelece estratégias para o período de 1995 a 2020. Elabora o macrozoneamento para identificar e catalogar as potencialidades turísticas. Fortalece as bases municipais e regionais. Incrementa políticas governamentais e incentiva ações do setor privado (NASCIMENTO, 2010). O turismo ganha importância no cenário político.

A partir de 1995, quando foi criada e instalada a SETUR/CE, é que o turismo passou a ser reconhecido, como um segmento de importância econômica para o Estado, pois anteriormente os órgãos que administravam o turismo estadual (CODITUR³, SIC⁴ e EMCETUR⁵) não o priorizavam (MOURA, 2007, p.57).

² Disponível em:

<http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/mapa_da_regionalizacao_novo_2013.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2015.

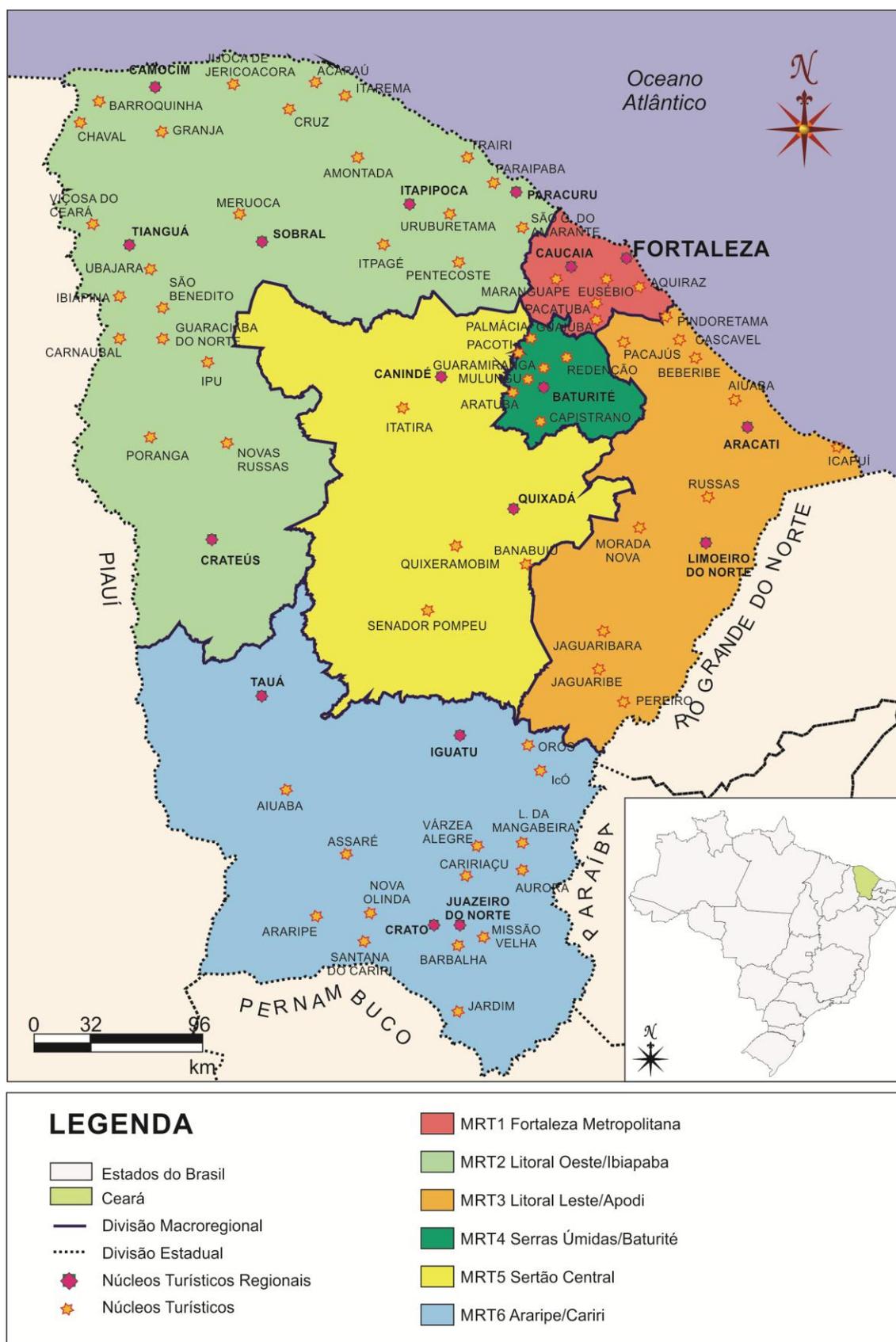
³ Companhia de Desenvolvimento Industrial e Turístico do Ceará.

O turismo se consolida como um dos pilares importante para a economia do Estado inserido no Programa de Regionalização do Turismo. O Ceará apresenta regiões turísticas setorizadas de acordo com os atrativos e segmentos com destaque para o litoral, seguido da região serrana, sertão e abrangendo os segmentos de esportes, aventura, gastronomia e religioso. Dividido em Região Metropolitana, Litoral Oeste- Ibiapina, Litoral Leste – Apodi, Serras Baturité, Sertão – Araripe e Cariri. Como se observa na Figura 1.

⁴ Sistema de Informação ao Cidadão.

⁵ Empresa Cearense de Turismo.

Figura 1 - Macrorregiões Turísticas do Ceará - principais núcleos regionais e núcleos turísticos



Fonte: SETUR, 1995. Adaptado por FERNANDES, Laura M. M., 2014.

O Plano Nacional do Turismo – PNT (2007-2010), do Ministério do Turismo (MTur) como instrumento de planejamentos de gestões e ações estratégicas de políticas públicas faz parcerias com iniciativas privadas. Definiu 65 destinos indutores de turismo, lugares com estrutura básicas e atrativos qualificados para o turismo, capazes de atrair ou distribuir o fluxo turístico e fortalecer a economia pelo efeito multiplicador (LIMA; ESMERALDO, 2011).

Desse modo, o Ceará é contemplado com quatro destinos indutores do desenvolvimento turístico regional: a Capital Fortaleza, Aracati, Jijoca e Nova Olinda; inseridos no Programa de Regionalização do Turismo objetivam estruturar os destinos em padrões de qualidade internacional. Com base em princípios de cooperação, integração, sustentabilidade ambiental, econômica, sociocultural e política institucional (BARBOSA, 2008, p.17).

Vale ressaltar que Aracati, como destino indutor do turismo, tem como expoente, a praia de Canoa Quebrada, com vocação para o turismo, meio ambiente natural e cultural, determinou o município de Aracati, a qual esta inserida, como núcleo indutor do turismo no Ceará. O mesmo ocorreu com o município de Jijoca e a praia de Jericoacoara.

Ceará, um dos destinos mais procurados para o turismo, registrou em 2013 fluxo de 3,1 milhões de turistas via Fortaleza, e em 2014 o Estado recebeu 3,2 milhões de turistas (SETUR, 2015). Em 2014 a entrada de turistas brasileiros e estrangeiros cresce com o evento da Copa do Mundo de Futebol. A capital Fortaleza está entre as principais cidades-sede, com registro, segundo o Secretário do Turismo do Ceará, em junho 2014, no período da Copa do Mundo de futebol, de 363 mil turistas. Pesquisa da Secretaria do Turismo revela que 87% dos turistas se dizem dispostos a voltar ao Ceará e 90% indicam o destino para amigos.

O Ceará destaca-se, uma região receptiva de turismo nacional e internacional e a praia de Canoa Quebrada, comparece como um lugar proeminente nesse cenário, objeto do estudo e pesquisa, no município de Aracati e um dos destinos indutores de turismo do Brasil. Entre as cidades mais visitadas, 80% estão no litoral devido ao clima tropical do Nordeste e extensão litorânea. O segmento do turismo de sol e mar prevalece na região (EMBRATUR, 2003).

O turismo de sol e mar consolida-se no litoral com atrativos naturais e culturais, ausência de chuvas, sol e calor durante todo o ano e ventos constantes proporcionando ao turista descanso, lazer e atividades diferenciadas do cotidiano

dos centros urbanos, como passeios de bugre, cavalo, jangadas e práticas de esportes, *surf*, *kitesurf* e *windsurf*. O segmento do turismo de sol e mar “constitui-se das atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor” (MTUR, 2010, p. 14).

A praia de Canoa Quebrada foi transformada em destino indutor do turismo, passa pelo processo de urbanização em que o espaço é transformado em função do turismo que mercantiliza o lazer, contribuindo para a valorização do espaço litorâneo, o que tem gerado conflitos entre os nativos, empresários e especuladores imobiliários, modificando a dinâmica sociocultural e econômica da comunidade. A produção de novos espaços é destinada à demanda do turista em detrimento das necessidades dos nativos⁶ é explicada por Luchiari (1998, p.16)

A urbanização turística coloca as cidades no mercado de paisagens naturais e artificiais. Algumas cidades chegam a redefinir toda sua vida econômica em função do desenvolvimento turístico, reorganizando-se para produzir paisagens atrativas para o consumo e para o lazer. Assim, estabelece-se uma relação entre antigas paisagens e velhos usos e novas formas e funções. E este movimento entre o velho e o novo impulsiona a relação do lugar com o mundo que o atravessa como novos costumes, hábitos, maneira de falar, mercadorias, modos de agir. Assim também a identidade do lugar é constantemente recriada, produzindo um espaço social híbrido, onde o velho e o novo fundem-se dando lugar a uma nova organização socioespacial.

O turismo promove reorganização territorial e ressignificação cultural, muda a mentalidade local ao promover encontros de múltiplas e diversas culturas, tem potencial para mobilizar a economia na desconstrução e construção de ambientes por meio de transformações sociais.

Na abordagem dialética, faz-se a contextualização histórica cultural para compreensão da atividade como fenômeno humano. Realiza-se como movimento de pessoas em múltiplas interações com motivações sociais, políticas, econômicas, culturais e pessoais. Faz-se necessário compreender a ambiência histórico cultural de Aracati, uma vez que no município se situa esta pesquisa que tem foco na transformação da comunidade da praia de Canoa Quebrada.

⁶ Próprio do lugar do nascimento. Nacional, não estrangeiro. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/nativo%201006813.html>. Acesso em: 20 dez. 2015.

2.1 REVISITANDO A MEMÓRIA DO ARACATI

A história da civilização revela que as pessoas atribuem às divindades as manifestações dos fenômenos da natureza. Na Grécia antiga, costumava-se dizer que o terremoto era provocado por Poseidon, sacudidor da terra, o relâmpago era lançado por Zeus, o vento soprado do Oeste por Zéfiro, o amor era castigo ou presente de Afrodite e a memória um atributo da deusa Mnemósine (FROTA, 2010).

Na mitologia grega, Mnemósine é a deusa que personifica a memória; era uma das filhas de Urano (o céu) e Gaia (a terra). Da união de Mnemósine com Zeus vieram nove filhas, as musas, representantes das artes, ciências e história, eram elas: Calíope - musa da eloquência; Clio ou Kleio - musa da História; Erato - musa da poesia romântica; Euterpe - musa da música; Melpômene - musa da tragédia e alegria; Polímnia - musa da poesia lírica; Terpsícore - musa da dança; Talia - musa da comédia; e, Urânia - musa da astronomia e da astrologia, todas as musas inspiradoras de poetas. Poetas e artistas davam a Mnemósine e às musas o lugar de imortalidade, pois seus feitos e atos se perpetuam na história das culturas, dos valores, do pensamento e do sentimento humano. O registro vai se perpetuando na memória e história dos povos, sempre recriado ou relido.

A função da memória é ser a fonte de resposta às questões que intrigam o ser humano, como a origem, identidade, assim como a posição e o papel do ser humano no mundo, e assim, registra Dantas (2010), a explicação mostra a importância da Mnemósine vinculada às faculdades da orientação e desorientação no tempo e no espaço.

Para a filosofia hindu a memória alude à sabedoria, sendo o saber de si mesmo, enquanto o esquecimento equivale à ignorância de si mesmo, em condições aparentemente engajadas no mundo. Diz Eliade (2004, p. 105-107) que o esquecimento ou amnésia é a falta de memória, é “a morte” ou sono, cegueira, perda da consciência do *self*, desorientação provocada pela ilusão.

Ora, as culturas dão significados diferentes à memória e assim é que revendo a filosofia agostiniana estudiosos verificam valores dados à memória.

Santo Agostinho distingue dois tipos de memória: a memória sensitiva, como um conjunto de diversas imagens produzidas a partir da percepção de toda espécie. Essas imagens são formadas não apenas pela visão, mas por todos os sentidos humanos. O cheiro de uma flor, o sabor de determinado prato, a textura de certo objeto pode ser acionado na memória mesmo sem estar presente. Não é necessário estar diante de uma flor para se lembrar de seu aroma, muito menos comer novamente determinada fruta para se lembrar de seu sabor. Basta acionar a memória para que o homem se

lembre de se uma fruta é doce ou azeda, se o cheiro de uma flor é bom ou ruim. O outro tipo de memória não aciona imagens. É a memória intelectual, superior à anterior por não estar relacionada às imagens, e sim à realidade. (FROTA, 2010).

A memória representa “a conquista progressiva do ser humano em relação ao passado individual, mostra como a história constitui para grupos sociais a conquista do passado coletivo” (VERNANT, 2002, p.135). A sacralização da faculdade memória, simbolizada por Mnemósine, marca a importância histórica dos registros tradicionalmente orais das antigas civilizações, no período em que a escrita não existia.

Assim, a história da humanidade, da civilização, de uma região ou lugar como Aracati se perpetua na memória (Mnemósine) dos contadores de história, e registros nas artes cuja personificação expressa pelas musas, filhas de Mnemósine, liga o passado ao presente e permite surgir o novo. O que se conhece ou é revelado passa a pertencer ao passado e fica no domínio da memória, lembranças. Quando registrado, passa a ter a glória da imortalidade, escapando da mortalidade no esquecimento (FROTA, 2010).

A história de ambiente cultural eclético e o resgate da sua memória são lembranças eternizadas e registradas. Constitui a gênese do lugar, no processo de formação da cidade, construindo especificidades que ficam registradas em traços urbanos e estilos arquitetônicos, revelando identidades e a cultura local. O conjunto de bens materiais e imateriais da sociedade, apreendidos pelo olhar com a ajuda da memória do passado, ajuda a compreensão do presente e aproxima as realidades do passado longínquo com realidades presentes que vivem na memória da contemporaneidade.

Registra Hoornaert (1995) que o povo luta pela memória para não desconhecer o passado e assim formular projetos para o futuro. Na explicação de Oriá (2002, p.255) as memórias encontradas em ícones e símbolos são lembranças que unem as pessoas e as cidades. Com referências históricas fazem-se sujeitos deslocados e confusos, com sensação de ser estrangeiro na própria terra.

Nesse contexto, compreende-se que resgatar a memória histórica da cidade de Aracati, remete-nos em certa medida ao processo de colonização do Nordeste brasileiro e os conflitos que se contrapõem ao passado ajudam explicar o presente. A capitania do Ceará tinha imagem negativa para os primeiros colonos

portugueses que associavam o lugar a terra inóspita, de clima semiárido, incapaz de render lucro para a Coroa Portuguesa. Assim explica Dantas (2003)

Terras impróprias ao desenvolvimento rentáveis... O Ceará não reunia condições favoráveis para o desenvolvimento de cultura agrícola rentável, a cana-de-açúcar, e não contava com minérios de qualidade que justificasse a exploração. Ademais, os índios eram belicosos e não se deixavam dominar facilmente (DANTAS, 2003, p.211).

A ocupação do Ceará marca seu início, quando aventureiros descobrem riquezas naturais das terras às margens dos Rios Acaraú, Coreaú e Jaguaribe; terras de qualidade para criação de gado, com planícies fluviais ocupadas pelo pasto para alimentação do gado, essencial à permanência dos forasteiros (BARBOSA, 2004). Colonizado do sertão para o litoral, com o caminho traçado pelas boiadas, e desenvolve-se com base econômica voltada ao gado, couro e carne de charque que justificam o povoamento do sertão, após desligado da capitania de Pernambuco, em 1799 (DUARTE JUNIOR, 2009).

A necessidade de água para sobrevivência em terras áridas do sertão do Ceará, e manutenção de pastos para o gado fazem surgir povoações ao longo dos Rios Jaguaribe e Acaraú, primeiros núcleos de povoados e formação de pequenas fazendas e vilas. Assim, as ribeiras eram mares lincados como responsáveis pela ocupação da capitania e divisão das primeiras cidades: Aracati, Aquiraz, Sobral, Icó e Viçosa do Ceará (BARBOSA, 2004).

O Ceará é região do planeta de maior insolação; por isso, a evaporação e a transpiração são as mais elevadas do planeta, o que, juntamente com a má distribuição da chuva no tempo e no espaço, justifica o fenômeno das secas (BOTELHO, 1997, p.148).

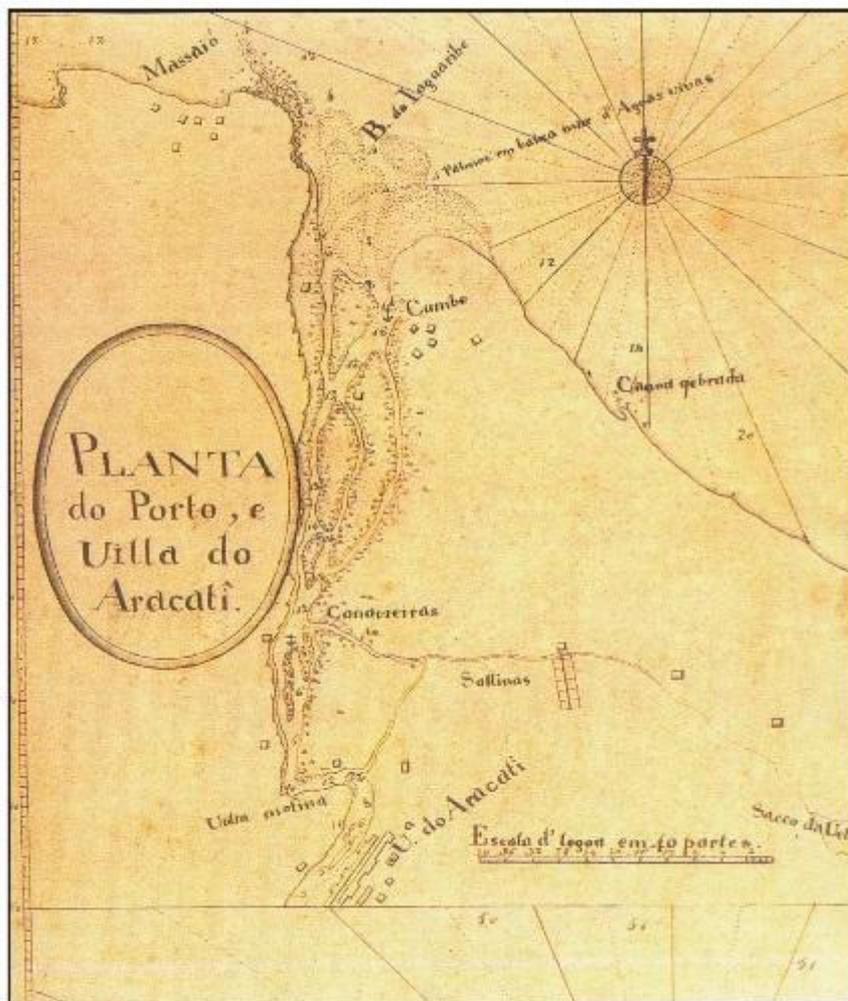
Azevedo (1994, p.60) afirma que “no Brasil colonial, raro era o núcleo urbano que não se achava associado a um curso d’água, grande, médio ou pequeno”. Hoje não é mais assim.

A demanda do gado para produção da cana-de-açúcar fica registrada na memória local, sendo os animais utilizados em engenhos de açúcar, além de abatidos para o consumo humano. A ocupação fez surgir pequeno arraial, atual município de Aracati que, no final do Século XVII e início do Século XVIII, expande-se com fazendas de gado.

O desenvolvimento da pecuária, no prosseguimento ocupacional, impulsiona a ascensão comercial e o crescimento populacional, além da atividade

portuária que amplia significativamente o comércio. O povoado inicialmente chamado de São José do Porto dos Barcos desponta como vila e torna-se importante para o desenvolvimento da região onde se localiza a cidade de Aracati. (VASCONCELOS, 2006), bem como Canoa Quebrada. A Figura 2: planta do porto da vila do Aracati.

Figura 2 - Planta do Porto e Vila do Aracati



Fonte: Mapoteca do Itamarati, 1813 apud REIS Filho, 2000.

Aracati é parte importante na história, evolução, desenvolvimento e urbanização do Ceará. Registra fase de apogeu com registro de patrimônio histórico, cultural e memória de história significativa. No espaço geográfico do sertão, Aracati é favorecida por ambientes privilegiados, considerando a margem do Rio Jaguaribe e proximidade ao oceano Atlântico, fazendo ligação do sertão com o mar no registro do processo histórico de formação e ocupação do território cearense. O professor Lauro de Oliveira Lima registra no livro “Na Ribeira do Rio das Onças”, como surge a cidade de Aracati:

Devido ao constante vaivém da corrente colonizadora, ao fluxo e refluxo dessa maré humana, que subia, rio acima, com os pernambucanos, paraibanos e rio-grandenses chegados pelo litoral, ora descia com os 'baianos, vindos em procura do El-Dourado' e de terras para a criação, surgiu o povoado de São José do Porto dos Barcos do Jaguaribe, a três léguas aproximadamente do mar, e muitos anos mais tarde seria chamado cidade de Nossa Senhora do Rosário de Aracati (LIMA, 1979. p. 59).

Localizada no nordeste brasileiro, Aracati possui área de 1.229 km e população de 72.248 habitantes segundo o IBGE (2014). Avizinha-se dos municípios de Beberibe, Jaguaruana, Itaiçaba, Fortim, Icapuí em direção ao Estado do Rio Grande do Norte e com o Oceano Atlântico. Diz Vasconcelos (2006, p.18) que a cidade está situada “às margens do Rio Jaguaribe, com um clima quente e úmido, contemplada por brisa do mar suavizando a temperatura, em média de 25 graus”. A Figura 3: Ceará identificando o município de Aracati.

Figura 3 - O estado do Ceará exploração de Aracati



Fonte: BARBOSA, 2004, p.21.

No Século XVII, inicia a história da cidade de Aracati, com o início oficializado do povoamento quando, chegada da expedição chefiada pelo capitão-mor Pero Coelho de Souza, vindo da Paraíba para expulsar franceses estabelecidos no Maranhão. O confronto com índios da região, para pacificar o território, recebe a expedição que se estabelece às margens do Rio Jaguaribe, por ser local seguro para as embarcações. Ergue-se, em Aracati, fortinho chamado São Lourenço, que passa a ser dito São José do Porto dos Barcos, posteriormente Cruz das Almas e Santa Cruz do Aracati. Aracati na linguagem indígena significa bom tempo e aragem cheirosa (BARBOSA, 2004).

A conquista das margens do Rio Jaguaribe é marcada por conflitos e enfrentamentos, entre indígenas que lutam pela permanência na região, e colonos que chegam para expulsar os índios e apoderar-se das terras produtivas, declarando guerra aos índios. Homens brancos ou colonizadores, conduzindo gados, constroem ranchos e currais, dividindo as terras em lotes chamados sesmarias. (BARBOSA, 2004). As sesmarias eram estabelecidas por datas das terras, e não podiam ficar improdutivas, conforme legislação (COSTA PORTO, 1965). Cabia aos sesmeiros cumprir as seguintes regras:

- Indagar quem eram os senhorios da terra, citando-os a dizer por que não a exploram e, se não comparecerem, ou não derem razões convincentes, assinar prazo de arrendamento.
- Pela desobediência tomam-se-hes os bens para a distribuição entre lavradores que os queiram explorar no prazo de cinco anos;
- Recebida a sesmaria, se o novo beneficiário não a aproveitar no prazo da lei, ser-lhe-á tomado o solo, para nova redistribuição, cominando ao faltoso, “certa” multa pecuniária;
- Não determina a lei a área de datas, fixando apenas, o princípio básico, tônica fundamental do sistema: ‘serão avisados os sesmeiros que não deem maiores terras a uma pessoa que as que, provalvemente, parece que no dito tempo as poderão aproveitar’ Costa Porto (1965, p.36-37).

As cartas de sesmarias foram utilizadas para dar posse de terras a colonos, ao longo do Rio Jaguaribe, percorrendo de Aracati a Fortim onde deságua o Rio Jaguaribe no mar. As sesmarias eram divididas em pequenas propriedades de duas léguas de comprimento de terra arrendada para cada proprietário, foram

A conquista do sertão foi palco de conflitos pela a utilização de terras, e as que não eram propriedades para à lavoura serviam para pecuária ou criação do gado, atividade lucrativa. Capistrano de Abreu, historiador, ressalva que a doação de terras em sesmarias contribuiu para a ocupação da região com função primordial de civilizar e apacificar os índios, bravios nativos do sertão. Nesse processo, os índios da região foram se aculturando e, em grande medida, dizimados. (ABREU, 1975).

O caminho das boiadas é marcado em fazendas e currais mudando a paisagem do sertão. Nas fazendas se estabelecem pequenos núcleos econômicos e sociais com encontros de vaqueiros, viajantes e fazendeiros. Vaqueiros e tangerinos⁸ fazem longas caminhadas adentrando as caatingas em busca das boiadas, abrigados e acolhidos em fazendas do percurso, como explica Capistrano de Abreu:

Desvanecidos os terrores da viagem ao sertão, alguns homens mais resolutos levaram família para as fazendas, temporária ou definitivamente e as condições de vida melhoraram; casas sólidas, espaçosas, de alpendre hospitaleiro, currais de mourões por cima dos quais se podia passear, bolandeiras para o preparo da farinha, teares modestos para o fabrico de redes ou pano grosseiro, açudes, engenhocas para preparar a rapadura, capelas e até capelões, cavalos de estimação, negros africanos, não como fator econômico, mas como elemento de magnificência e fausto, apresentaram-se gradualmente como sinais de abastança (ABREU, 1988, p.172).

Alpendres típicos de casas dos sertões também são encontrados nos litorais e representam espaço de acolhimento aos que chegam, local de encontro de grupos sociais onde se formou a sociedade local do período colonial. Para Lima (1997) o alpendre assume várias funções: ora é usado para o descanso nas redes armadas, ora para confraternizações, e, ainda como, camarotes quando nos terreiros armava-se palco para os festejos. É assim que Capistrano de Abreu descreve as casas de fazenda do ciclo do gado.

A ribeira do Rio Jaguaribe, nesse passo, foi ocupada pelas inúmeras fazendas de gado, sendo a principal atividade a pecuária, responsável pela consolidação da capitania do Ceará. A pecuária, no período colonial, foi a mais importante atividade econômica do Brasil, estabelecendo relações comerciais locais e internacionais (PRADO JÚNIOR, 2006). Em 1745, a vila do Aracati tinha a capacidade de produzir e comercializar cerca de 80 toneladas de carne seca, afirma Girão (1984), a conhecida carne de charque. Diz Girão que:

⁸ Responsável pela condução do rebanho no Nordeste do Brasil.

Toda a vida da fazenda girava em torno dessa própria finalidade: o gado. A lavoura para nada servia que para atender, supletivamente, às necessidades de quantos nela se ocupavam: dos roçados, na época das chuvas, colhiam-se o feijão, o milho, as abóboras e a mandioca, depois que o cultivo desta foi introduzido; no estio, o celeiro eram as vazantes dos rios, onde se plantavam melancias, melões, feijão ligeiro e não mais (GIRÃO, 1984, p.135).

A lavoura para cultivo de produtos alimentícios, milho, feijão, mandioca, frutos e leguminosas em geral, não é atividade prioritária de fazendas, pois não era comercializada, sendo toda a produção consumida internamente, portanto sem geração de lucro para os sesmeiros que tinham como objetivo tornar as terras produtivas e lucrativas.

Haviam 2.378 sesmarias distribuídas em datas (BARBOSA, 2002). A maioria das fazendas desenvolvia prioritariamente a pecuária. O gado era utilizado no trabalho do engenho, no transporte e no fornecimento do couro e da carne para alimento. Ajudou a fixar as famílias na terra constituindo a civilização conhecida como do couro, fase de identidades e memórias das famílias do sertão. As sesmarias divididas e arrendadas a vaqueiros formavam as fazendas de gado.

O vaqueiro produz a imagem de um sujeito de ofício heroico, por adentrar as matas da caatinga, em busca do gado enfrentando a dureza do sertão semiárido. A figura do vaqueiro é de homem livre que gozava de prestígio, tratado como senhor nos documentos históricos, com posição social diferenciada dos demais trabalhadores: os camaradas, os 'cabras', chamados assim os que ocupavam uma posição subalterna e não tinham contatos com os sesmeiros. (ROLIM, 2008).

A imagem do vaqueiro representativa, carregada de simbolismo do sertão cearense. Homem desbravador de sertões, figura central que povoou e fez moradia nas caatingas em atividades econômicas das fazendas de gado. Do boi retirava-se alimento, vestimenta e fabricação de utensílios, a salga da carne era necessária à conservação e comercialização do couro. Popularmente se diz 'que do boi só se perde o grito'.

A capitania do Ceará passa a ser povoada e produtiva a partir das fazendas de gado, definindo-se civilização do couro, pois tudo era derivado do gado, de onde se produziam os objetos necessários, marcando o modo de vida do sertão e do sertanejo. A utilização do couro, nessa perspectiva expandia a fabricação de mobílias e utensílios para a casa, na confecção de roupas de proteção do vaqueiro,

além de utensílios de trabalho, arreios, selas para cavalos, bainha para facão, entre outros (QUEIROZ, 1997).

O período da civilização do couro proporciona o surgimento das cidades de Aquiraz, Icó, Sobral, Viçosa de Ceará e Aracati, na capitania do Ceará, modifica a paisagem do sertão nordestino (DUARTE JÚNIOR, 2009) e promove a aproximação entre indígenas, negros e homens brancos, os colonizadores. Havia 2.378 sesmarias distribuídas ao longo dos anos, que foram ocupadas por quase dois séculos (Tabela 2).

Tabela 2 - Distribuição de Sesmarias na Capitania do Ceará

DISTRIBUIÇÃO DE SESMARIAS NA CAPITANIA DO CEARÁ				
Período	Pecuária	Agricultura + Pecuária	Agricultura	Total
1679-1699	254	-	07	261
1700-1709	583	00	-	595
1710-1719	324	02	12	328
1720-1729	383	12	26	431
1730-1739	300	11	20	376
1740-1749	212	15	11	238
1750-1759	50	07	03	60
1760-1769	06	-	-	06
1770-1779	09	-	01	09
1780-1789	12	07	02	21
1790-1799	28	12	07	47
1800-1809	12	02	04	18
1810-1819	47	08	34	89
1820-1824	26	00	01	27
Sem definição	-	-	-	10
Total Geral	2.162	76	140	2.378

Fonte: PINHEIRO, 2002.

A Tabela demonstra expressiva ocupação das sesmarias com atividades pecuaristas, quando a região é ocupada sem grandes investimentos, com possibilidades de lucros para meeiros que tentaram prosperar no sertão semiárido e

na caatinga. Fazendas de gado, em terras áridas, não eram propícias ao desenvolvimento da agricultura.

A ocupação da Ribeira do Jaguaribe torna as terras produtivas gerando lucro para a colônia, enquanto a pecuária oferece possibilidades outras (BARBOSA, 2004). Segundo Girão (1986, p.135) em 1780, no Ceará implantavam-se 972 fazendas. Pinheiro (1999, p.16) relata que, para liberdade do gado, a estratégia adotada era “limpar a terra”, expulsando os povos indígenas da área. Ocorre processo violento para dominar os índios, expulsá-los e, às vezes, exterminá-los. Os índios paiacus e jaduins eram os nativos da região estigmatizados pelo processo de ocupação dos colonos na região jaguaribana (BARBOSA; SOUZA, 2004).

Em 1683 inicia o povoamento do sertão com doações de terras para a pecuária nas imediações do Rio Jaguaribe. Fazendas foram instaladas e inicia-se a rota do caminho do gado com formação de pequenos núcleos urbanos. O ciclo econômico do gado e o fortalecimento da comercialização do couro e da carne impulsionam a economia. O desenvolvimento do comércio e o crescimento da população transformam pequenos lugarejos em vilas, com destaque de Aracati, que em 11 de abril de 1747 torna-se vila, interligando o comércio do sertão ao litoral e movimentando as charqueadas (VASCONCELOS, 2006, p.24 - 25).

Aracati gozava de condições geoambientais favoráveis ao desenvolvimento da pecuária, facilitando a criação do gado e a produção do charque. A natureza e o clima com presença de água são elementos essenciais. Os ventos constantes favorecem a secagem da carne e o sal é utilizado como conservante natural de carnes no o preparo de charqueadas.

Durante muito tempo o gado foi tangido para feiras da Bahia e de Pernambuco para ser comercializado vivo. As secas e enchentes dificultavam o transporte e provocavam a perda de animais, surgindo assim a ideia do abate para charqueadas, que são oficinas de salga de carne. O gado abatido transformado em carne salgada era negociado em mantas ou postas (ROLIM, 2008). A técnica desenvolvida no processo das charqueadas, decorre do aperfeiçoamento do processo de conservação de carne utilizada pelos índios aprendida pelos vaqueiros, no preparo da carne seca; charqueadas, eram conhecidas no Nordeste como carne de sol, comentada pelo historiador Girão (1984, p.106). Foram as charqueadas que ajudaram no desenvolvimento de Aracati, assim explica Silva (2002):

O advento das charqueadas no Ceará contribuiu sobremaneira para a pujança de Aracati que se tornou o mais movimentado e rico centro da capitania do Ceará. A acirrada concorrência da Paraíba e do Rio Grande do Norte, no comércio de gado bovino para o abastecimento da região canavieira pernambucana, fez com que os cearenses optassem pela venda de um produto preparado e comercializado no local, no caso a matança do gado e preparação de mantas de carne conservadas pelo sal, ficando assim resistente a viagens longas (SILVA, 2002, p.227).

Impulsionado pelo trânsito comercial de diversificados produtos, o porto, às margens do Rio Jaguaribe é dinamizado, aumenta o fluxo do comércio e importação da carne seca, couro, algodão, madeira, cera, salitre, entre outros. A vila de Aracati é espaço privilegiado de trocas comerciais e figura como principal porto na costa leste do Nordeste do Brasil, no século XVIII (ROLIM, 2013).

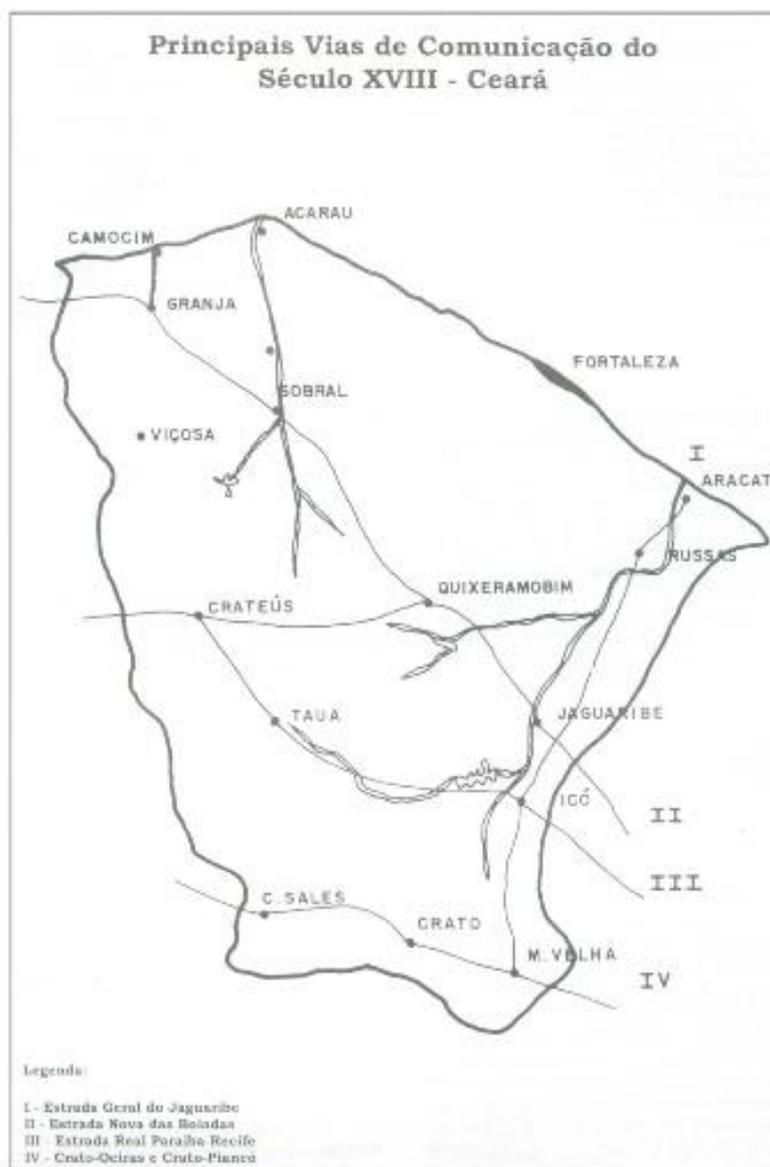
Aracati inicia o processo de ocupação territorial, no Ceará, no período colonial. As atividades da pecuária e produção do charque e da cotonicultura transformaram Aracati no principal porto de exportação e importação do Ceará Colonial (LIMA; SILVA, 2004). Artigos e produtos eram comercializados em vilas, povoados e lugarejos, favorecendo a abertura de caminhos e estradas ligando feiras e abastecendo pequenos arraiais nos sertões do Nordeste (ROLIM, 2013). Aracati torna-se, desse modo, o principal centro econômico do século XVIII até o final da primeira metade do século XIX. Em 25 de Outubro 1842 foi eleita a condição de cidade (LIMA; SILVA, 2004).

A cidade estabelece relações mercantis com Recife e com povoados e vilas das capitanias do Norte, tornando-se espaço de conexões: exportava carnes secas, farinha, ceras, entre outros e importava considerável quantidade de produtos como tecidos, mel, aguardente, vinho, gêneros alimentícios em geral e secos e molhados, entre outros, ou seja, qualquer produto que possa ser vendido em pequenas quantidades. Os produtos e artigos eram vendidos na região jaguaribana por mascates que adentravam o sertão, comercializando os produtos em vilas e povoados como Icó, Crato, Sobral, na capitania do Siará Grande, Assu, Mossoró e Portalegre, no Rio Grande do Norte, as regiões de Rio do Peixe, Pombal e Sousa, na Parahyba. Abriam-se estradas e caminhos ligando importantes feiras e pequenos arraiais nos sertões (ROLIM, 2013).

Fluxos de cearenses, de modo emblemático, abriam caminhos do sertão para o mar e do mar para o sertão, abastecendo pequenos lugarejos de utensílios e mantimentos necessários ao desenvolvimento e crescimento dos lugares que de

vilas passaram a cidades. Figura 5: as principais vilas e rotas de comunicação no Ceará do Século XVIII.

Figura 5 - Principais vilas do Ceará e as rotas de comunicação



Fonte: PINHEIRO, 1999.

Historicamente, Aracati torna-se um dos principais pontos da rota do circuito mercantil pelo embarque de gêneros alimentícios e chegada de produtos importados vindos do comércio europeu. As classes mais abastadas da capitania começam a se destacar nesse momento. A sociedade aracatiense adquire novos hábitos, reproduz modos de vida europeia, passa a consumir objetos importados. A Europa influencia de modo marcante a arquitetura, com revestimentos em azulejos portugueses nos casarões, na urbanização da cidade com ruas largas e alinhadas, e

os jovens interessados em estudos das letras, da música, ciências e ofícios mecânicos (BARBOSA, 2002).

De acordo com Rolim (2013), os longos períodos de seca, marcadamente os da década de 1790, prejudicam a agricultura e a pecuária e como consequência emerge a crise de abastecimento de alimentos na colônia, declinando a produção de carne seca e produtos alimentícios- quando a produção de charque do Rio Grande do Sul supre a demanda do comércio. Nesse período, Menz (2009) explica que, no Rio Grande do Sul, surge a colônia 'providente de outras capitanias', especialmente pelas exportações de carnes. A forte concorrência de alimentos forjou o mercado 'criador de preços' e permitiu consolidar o escravismo colonial no Sul (MENZ, 2009).

Contudo as secas de 1777, 1778, 1790 e 1793 não impedem que Aracati seja elevada à categoria de Cidade pela Lei nº 244, em 25 de outubro de 1842. Era o centro de maior produção e importância da província, e a hegemonia só vai declinar quando o Porto de Fortaleza passa a atrair a rota de navios para o porto da capital. A construção da Estrada de Ferro de Baturité em 1872 e a da rodovia Crato-Mossoró ampliam vias de escoamentos de produtos em circuitos comerciais. Fortaleza ganha importância a partir da construção do porto do Mucuripe que implementa melhores condições para facilitar a importação e exportação de produtos, dando preferência ao sistema político-administrativo do império como capital (VASCONCELOS, 2006, p.27).

Com o declínio das charqueadas, o sertão do Jaguaribe entra no ciclo econômico do algodão. Condições geográficas do semiárido permitem que a lavoura atenda a demanda do mercado, levando o Ceará ao circuito mundial com a venda do algodão que produzido no Nordeste, abastece indústrias têxteis inglesas. A Guerra da Secessão (1860-1865) nos Estados Unidos entre as regiões Sul e Norte do país paralisa a produção algodoeira, momento em que a lavoura de algodão se expande em áreas do sertão do Ceará, sendo Fortaleza e Aracati as principais produtoras, seguidos das serras de Baturité, Uruburetama, Pereiro e Aratanha. (VASCONCELOS, 2006). Diz Silva (2002) que:

O desenvolvimento da lavoura algodoeira e a colocação desse produto no mercado internacional provocaram a projeção de Fortaleza como centro urbano. Pouco a pouco, a capital cearense foi adquirindo destaque entre as cidades do Estado e, posteriormente, entre as cidades brasileiras (SILVA, 2002, p.229).

Em decorrência da sucessão de acontecimentos político-econômicos e dos fenômenos climáticos, Aracati perde posição de centro urbano do Ceará, para Sobral e Fortaleza, que na metade do século XIX tornam-se os principais polos econômico e social do Estado do Ceará (BARBOSA, 2004).

Embora perdendo posição no cenário econômico do estado, Aracati continua a apresentar relativo crescimento urbano, mantendo expressivas atividades comerciais e indústrias, destacando-se:

A firma Costa Lima e Mirtil, fundada em 1875 de patrimônio holandês, importadora e exportadora, comercializava couro, peles, algodão, cera de carnaúba, chapéu de palha, bolsas, e tecidos mantendo trânsito econômico com grandes centros nacionais e internacionais, principalmente com o mercado europeu e americano, nas cidades de *New York, Haver, Liverpool, Hamburgo e Manchester*. Amplia suas atividades patrimoniais, pela propriedade da Usina Elétrica de Aracati, usinas de algodão na região jaguaribana, companhia de seguro, companhia de navegação, *Bank of London* e Banco Frota Gentil S.A. (BARBOSA, 2004).

A fábrica têxtil Santa Tereza, de propriedade da família Leite Barbosa, mantinha filiais nos Estados do Pará, Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte, desativada na década de 1980 (LIMA, 1997).

Atividade relevante para a economia de Aracati foi a indústria do sal, na década de 1950, que contava com dez salinas, Santa Isabel, Santa Edwiges, Córrego da Inveja, São Francisco, Guajeru, Pedrinhas, Nazaré, Betânia, Juraci e a Salina do Canoé que teve apogeu em 1904, com produção média anual de um milhão de alqueire de sal, a primeira a ser desativada (LIMA, 1979, p.34 e 35); cuja atividade que ficou na memória da cidade.

Fábricas de cerâmica, tijolos e telhados, atividades econômicas que marcaram a cidade podem ser observadas nas paisagens urbanas que mostram chaminés, resquícios de indústrias antigas. Verifica-se que, em toda a região, os carnaubais nativos, favoreceram a indústria extrativa da cera e óleo. Palhas da carnaúba eram usadas para artesanato e cobertura de casas, o tronco para construção e o palmito servia para a alimentação do gado (LIMA, 1979).

Aracati registrou glorioso passado, revelado na arquitetura, alamedas, vilas que retratam a arte e cultura, e privilegiada situação geográfica, riquezas naturais que favoreceram o apogeu econômico e cultural, da importante cidade do Ceará.

2.2 ARACATI: CULTURA E PATRIMÔNIO

A supremacia de Aracati no contexto social, político, econômico e cultural do Ceará, no período colonial, consolidou-a cidade histórica materializada pelo rico conjunto arquitetônico dos sobrados, igrejas, casaril, espaços ostentadores de padrões de riqueza, poder e beleza, mantendo homogeneidade de padrão da mais alta valia da época. Diz Corrêa (1998, p.8) que “a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim dimensão simbólica”. Claval (1999) reforça:

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou os gostos estéticos dos grupos. Ela constitui desta maneira um documento-chave para compreender as culturas, o único que subsiste frequentemente para as sociedades do passado (CLAVAL, 1999, p.14).

Vestígios deixados no espaço urbano de Aracati apresentam-se como fatos da memória histórica, cheia de significados. Reconhecidamente, o acervo do centro histórico de Aracati é monumento nacional inscrito no livro de Tombos pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, protegido por lei federal, Decreto nº 25, de 30 de novembro de 1937 (VASCONCELOS, 2006, p.32).

Aracati passa por períodos de crise após o apogeu econômico, no século XVIII. Contudo o lento desenvolvimento econômico permitiu sobrevivência, ao longo do tempo de antigas edificações. Patrimônio cultural, porém, sofreu com a falta de conservação, pela degradação de peças arquitetônicas, desfiguradas pelo passar do tempo, castigadas pelo sol, chuvas, enchentes e fortes ventos. Muitas foram reformadas no decorrer do tempo, dando lugar a arquiteturas modernas. Mas a cidade guarda testemunhos da história dos colonizadores, sendo detentora de rico patrimônio cultural (Figura 6):

Figura 6 - Casarões da Rua Grande



Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

O sítio urbano e histórico da cidade guarda relíquias do passado na paisagem, no traço urbano e conjunto arquitetônico, que somam mais de 257 edificações entre igrejas, sobrados, casarões e prédios, na grande maioria decoradas com azulejos portugueses de alto valor histórico, tombados em Abril de 2000 pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, destacando-se, igrejas Matriz e de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Mercado Central e Museu Jaguaribano - antiga residência do Barão de Aracati (IPHAN, 2015).

Aracati possui 154.824 metros quadrados de área de tombamento rigoroso, onde estão inseridos 275 imóveis. Ao redor do espaço, existem 786.151 metros quadrados, englobando 1.175 edificações como parte poligonal do entorno, espaço que circunda tombamento rigoroso, também regulado pelas restrições às intervenções físicas (IPHAN, 2015).

A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário foi construída nos primeiros anos do século XVIII e segunda metade do século XIX, reconstruída em 1761 em estilo barroco. Possui porta de arenito baiano com trabalho em relevo. Diante da Igreja há grande cruzeiro, com símbolos do sofrimento da Paixão de Cristo, de 1859 (IPHAN, 2015). As Figuras 7 e 8: fachada da Igreja Matriz e interior.

Figura 7 - Igreja Matriz



Fonte: Acervo Thereza cartaxo. 2015

Figura 8 - Detalhe do interior e da porta da Igreja Matriz



Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

A Casa de Câmara e Cadeia de Aracati foi construída na segunda metade do século XVIII, sede do governo em 1842. Tomada pelas tropas de Tristão Araripe,

Miguel Pereira e outros, ficou conhecida como Prédio da Confederação do Equador (BARROSO, 2006, p.57). Um dos documentos mais importantes para reconstituição da história do edifício é aquarela de José dos Reis Carvalho, pertencente ao Museu de História Nacional (IPHAN, 2015). (Figura 9).

Figura 9 - Casa de Câmara e Cadeia



Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

Sobrado do Barão de Aracati, atual Museu Jaguaribano, construído no século XIX, com quatro pavimentos, a residência do Barão de Aracati, José Pereira da Graça. Desde 1889, após a morte do barão, o sobrado passou a funcionar como colégio, clube e hotel. A fachada principal é guarnecida por azulejos portugueses. Com vasto acervo histórico, religioso e literário, um dos mais ricos do Ceará (IPHAN, 2015), (Figura 10)

Figura 10 - Residência do Barão de Aracati - atual Museu Jaguaribano



Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

A riqueza arquitetônica de Aracati reflete a participação e vivência de estrangeiros na região, e as relações com centros urbanos mais desenvolvidos do país: Rio de Janeiro, Bahia e Recife, que influenciaram positivamente o crescimento cultural e intelectual, ideias inovadoras e progressistas do “velho mundo” abolicionismo, ideias republicanas, hábitos, até a forma de vestir e falar transformam os aracatienses em sociedade da maior importância cultural do Estado do Ceará, nos termos de Girão (1989):

A riqueza e o contato com a gente mais civilizada fizeram dos aracatienses os homens mais notáveis da capitania, não só no trajar, nas artes, nas letras e nas ciências, mas nos negócios. Ser natural de Aracati representava na época uma legítima carta de apresentação. (GIRÃO, 1989, p.77).

Podem ser observados na lista de seus filhos ilustres, citados no livro Terra Aracatiense, de Aberlado Costa Lima (1979) personalidades da cidade que registram parte da história local:

- **Adolfo Caminha** (1867 - 1897) - escritor romancista, autor de obras de destaque na literatura brasileira: *A Normalista*, *Bom Crioulo*, *Tentação* (romances); *Judite e Lágrimas de um crente* (contos); *Voos incertos* (Versos); *Cartas Literárias* (crítica); *No país dos iankees*, narração de viagem aos Estados Unidos.
- **Pedro Pereira** (1814 - 1876) - Dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães, primeiro brasileiro a apresentar, na Câmara Federal, projeto de lei em favor da abolição da escravidão.
- **Visconde de Jaguaribe** (1820 - 1890) - Domingos José Nogueira do Jaguaribe, político, diretor e professor do Liceu do Ceará, redator de vários jornais, ocupou altos postos na administração do país, juiz, desembargador; recebeu o título de visconde pelos serviços em prol da libertação dos escravos.
- **José Avelino** (1843 - 1901) - jornalista, promotor em Aquiraz, secretário da presidência de São Paulo, cavaleiro da Legião de Honra da França e de Santo André da Rússia, publicou trabalhos abordando temas de política e direito.
- **Monsenhor Bruno** (1852 - 1930) - sacerdote e educador, muito amado pelos aracatienses que em sua homenagem ergueram herma e um jardim que orna a cidade. Professor do Seminário e interinamente do Liceu, dirigiu o Ateneu e o Instituto de Humanidades. Lecionou Latim no Liceu Amazonense em Manaus e no Maranhão. Vigário de Soure e de Maranguape, cônego honorário da Sé do Pará, presidente da União do Clero, governou o Bispado, protonotário apostólico, examinador sinodal e pároco de Aracati.
- **José Lourenço da Castro Silva** (1808 - 1874) - político, em passagem pela Inspeção de Saúde Pública trabalhou no combate a epidemia de febre amarela e *cholera morbus*; deputado e senador, jornalista e orador. Condecorado com honra de comendador da Ordem de Cristo por serviços prestados à instrução pública, deixou, publicados, 11 trabalhos seus sobre medicina e política.
- **Liberato Barros** (1830 - 1885) - Bacharel e doutor pela Faculdade de Direito, em Recife. Em 1857, seis anos após doutorar-se retornou à

Faculdade como professor. Eleito deputado federal em duas magistraturas e senador do Império, distinguiu-se na carreira política. Ocupou altos cargos como Ministro do Império na pasta da Justiça.

- **Major Facundo** (1787 - 1841) - João Facundo de Castro Menezes foi deputado estadual e presidente da província por vezes. Por causa das ideias liberais perseguido inúmeras vezes, sofreu prisões arbitrárias, deportado para o Rio de Janeiro, e na noite de 8 de dezembro de 1841 assassinado em Fortaleza, na antiga rua da Palma, hoje rua Major Facundo.

- **Barão do Aracati** (1812 - 1889) - José Pereira da Graça agraciado com o título de Barão de Aracati pelos serviços prestados à magistratura e ao Estado. Formado em Direito, exerceu o juizado em comarcas de Aracati, Icó e Quixeramobim. Deputado provincial e federal. Membro do Superior Tribunal, transferido para o Rio, onde viveu os últimos anos de vida.

- **Costa Barros** (1779 - 1839) - Pedro José da Costa Barros o primeiro presidente da Província do Ceará, ministro de Estado e senador. Distinguiu-se entre os militares e participou das lutas da Independência do Brasil.

- **Francisco José do Nascimento** (1839 -1914) - Conhecido, Dragão do Mar, nasceu na praia de Canoa Quebrada, recebeu essa alcunha por sua luta com bravura à frente do movimento abolicionista do Ceará, impedindo o desembarque de escravos no porto de Aracati.

- **Júlio César** (1850 - 1931) - Republicano atuante. Foi um dos principais dirigentes do Clube Republicano de Aracati, primeiro do Ceará e anterior ao Clube Republicano do Rio de Janeiro.

Destaque para Aracati decorre de ter sido a primeira cidade do Ceará a publicar jornal impresso. De acordo com Lima (1979) foram publicados em torno de 64 jornais em Aracati, entre outros:

- **O Clarim da Liberdade** - em 1831 publicada a primeira edição do Clarim. Com conotação política, o jornal tinha linguagem bastante combativa e crítica;

- **Aracati** - jornal político liberal dirigido por Liberato Barroso e Hipólito Cassiano Pamplona;
- **Judas Iscariote** - periódico em verso com publicação inicial em 1861;
- **O Ordeiro** - periódico conservador cuja primeira edição é de 1861;
- **Tribuna do Povo** - jornal republicano publicado por Júlio Cesar e Padre João Francisco Ramos;
- **O Jaguaribe** - órgão do Gabinete Aracatiense de Literatura. O primeiro número data de 1886;
- **Gaspar da Terra** - Periódico crítico que tinha como epígrafe: “*Ridendo castigat mores*”;
- **A Pátria** - jornal crítico e noticioso, primeira publicação de 1897;
- **Barrete Frigio** - período publicado em Aracati, tendo como único e exclusivo redator Júlio Cesar da Fonseca Filho. Impresso em papel vermelho, o primeiro número publicado em 1869 quase todo apreendido pela polícia;
- **O Correio da Semana** - surgiu em 1909 em substituição ao jornal Aracati;
- **A Região** - jornal dedicado aos interesses da região do Jaguaribe;
- **A Reforma** - surgiu em 1930, tinha como diretor Eliezer Cavalcanti e redator-chefe Cursino Pessoa;
- **A Ideia** - jornal integralista;
- **Estrela do Mar** - órgão da propaganda ao culto de Nossa Senhora Auxiliadora, publicado inicialmente em 1921;
- **O Farol** - periódico humorístico, impresso nas oficinas do Jaguaribe.

A imprensa de Aracati registra, através de periódicos, a dinâmica social, política, econômica e cultural como legado do seu patrimônio, compartilhou o momento histórico dando suporte à memória do lugar. Patrimônio que não se limita a momentos arquitetônicos, mas envolve documentos e testemunhos do passado e a diversidade de interpretações culturais.

Concorda-se com Coradini (2006) ao ampliar a definição de patrimônio, envolvendo a pluralidade das sociedades.

A interpretação do patrimônio advém da valorização e da preservação, reconhecendo a comunidade como produtora do conhecimento e protagonista na reinvenção da cotidianidade, respeitando-se o imaginário,

as crenças, as etnias, os arquétipos, o tempo e o lugar (CORADINI, 2006, p. 5).

Nesse contexto, a preservação da cidade histórica de Aracati compreende a valorização da cultura e tradicionais manifestações sociais, entre outras, a arte do labirinto, teatro de bonecos e carnaval, precipuamente.

O labirinto é renda acolhida dos bordados e rendas da tradição europeia que se manteve e fluiu no tecido cultural aracatiense, ocupação tipicamente feminina, passada de geração em geração. Tradicionalmente, o conhecimento é transmitido espontaneamente no seio familiar, por meio de um trabalho lento e meticuloso de desfiar e preencher o tecido desenhando formas naturais ou geométricas. Que emoldura roupas, toalhas e lençóis. Esta ocupação econômica, feminina, complementando a renda familiar. Produção estética do cotidiano desvalorizada na história da arte (GALVÃO, 2006). A Figura 11: o fazer labirinto, na foto a rendeira finalizando o trabalho.

Figura 11 - O fazer labirinto



Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

A atividade de rendeiras é desvalorizada na dinâmica do mundo contemporâneo do desenvolvimento econômico, pautada pelo lucro imediato e pela desvalorização do trabalho visó-manual. A juventude prioriza, como opção profissional, atividades e ou outros serviços oferecidos pelo turismo, em detrimento da preservação e recriação da cultura local, promovendo fragmentação das identidades culturais.

O Cine-Teatro de Aracati, equipamento cultural, foi fundado em 1920, de propriedade do Círculo Operário São José, para fomentar a cultural, e tem como destaque o grupo teatral Banda da Lua, que fez apresentações com Carmem Miranda, recebido no Chile, em 1938, pelo então Presidente Frei (Fonte: Instituto do Museu Jaguaribano). Desativado e posteriormente alugado pelo artista Hélio Santos, que o nomeou Teatro de Boneco Francisca Clotilde, onde funcionava também o atelier do artista. Por mais de uma década, o teatro apresenta manifestações culturais locais e nacionais. (Figuras 12 e 13).

Figura 12 - Banda da Lua e Carmem Miranda



Fonte: Instituto do Museu Jaguaribano

Figura 13 - Banda da Lua no Chile



Fonte: Instituto do Museu Jaguaribano

O Teatro Francisca Clotilde (Figura 14) faz parte do sítio histórico encontra-se ameaçado na arquitetura, com infiltrações na estrutura que necessita ser restaurada. O artista Hélio Santo fecha o teatro e busca solução. A população se mobiliza e, em 2007, lança a campanha o espetáculo não pode parar cujos artistas, atores e bandas, entre outros atuantes da cultura, saem pelas ruas em cortejo até o Teatro de Boneco Francisca Clotilde, para sensibilizar a sociedade para a importância do equipamento cultural (HOLANDA, 2010). (Figura 14).

Figura 14 - Teatro Francisca Clotilde



Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

Em resultado ao apelo da população, o Ministério Público intervém junto ao Fórum Cultural de Aracati e o Sítio Histórico do Aracati protegido pelo IPHAN; a Prefeitura por decreto n.250/2008 toma as devidas providências para recuperação do Teatro, e para tanto, declara o imóvel de utilidade pública, equipamento de incentivo à arte a cultura e homenageia Francisca Clotilde⁹, passando a chamar-se oficialmente Teatro Francisca Clotilde pelo decreto n. 030/2009, conquista ainda um kit áudio visual para instalação do cineclube Aracati. (FÓRUM PERMANENTE DE CULTURA DE ARACATI, 2009).

Aracati espera a reinauguração do Teatro Francisca Clotilde, espaço com vocação para fomentar e incentivar as manifestações culturais, lazer e à preservação da memória do lugar, que tem na arte a representação do valioso patrimônio histórico. O espetáculo continua com oito grupos de teatro em atuação, entre outros, O Lua Cheia, Retalho, Cervantes do Brasil, Frente Jovem, e o teatro de

⁹ Francisca Clotilde foi educadora, escritora, poetisa, dramaturga, contista e abolicionista. Nasceu em Tauá, região dos Inhamuns, em 1862. Morou em Fortaleza, Redenção, Baturité e Aracati. Nessa última cidade viveu até o fim de sua vida, em 1935. Em Aracati fundou o Externato Santa Clotilde para meninas e meninos, que se destacava pela utilização das artes na pedagogia aplicada, além do ensino da língua francesa. Escreveu em 1902 o romance “A Divorciada” tema polêmico para a época. www.solardasclotildes.art.br acesso em 30-12-2015.

Bonecos Francisca Clotilde, do artista plástico Hélio Santos (BARROSO, 2006). O trabalho se revela em âmbito internacional, ao representar o Brasil em Berlim. Em 2011 o artista Hélio Santo, 66 anos, viaja a Berlim, capital da Alemanha, representando o Brasil no Carnaval das Culturas, que reúne mais de 100 grupos folclóricos de vários países, leva 30 bonecos chamados de cabeçudos, do seu bloco Universo Negro, composto de 60 bonecos, todos feitos por ele (DIÁRIO DO NORDESTE, 2011).

A diversidade de etnias, índios, europeus e negros influencia o comportamento e a expressão cultural que, representados nas artes plásticas, danças, música e no teatro se manifestam também no tradicional desfile de carnaval. O evento, tradicional e popular, passa a ser atrativo turístico, com todas as contradições, em termos de perda de seu traço genuíno, ainda que se considere a necessária reinvenção permanente da arte.

O carnaval, tradicionalmente organizado em blocos, é manifestação popular e diversificada, representada pelos folguedos, congos e reisados. Desfilavam com bandas cantando machinhas de carnaval (BARROSO, 2006). Festa popular que marcou a agenda da cidade, é sempre atrativo para visitantes. O evento cresce em grandes proporções atraindo turistas nacionais e internacionais.

Crescendo ano a ano, o carnaval é descaracterizado, criticado pelos aracatienses, perde espaço de manifestação cultural, pela invasão de bandas e trios elétricos de outras cidades, contratados com recursos públicos, a serviço de interesses privados. Nessa medida à compreensão do que seja a produção de eventos que desvalorizam o artista e o aspecto simbólico da cultura (HOLANDA, 2010).

Questão levantada pela autora é que, durante anos de carnaval contemporâneo, circuitos de trios elétricos, na Rua Alexanzito, conhecida Rua Grande, tem prejudicado o Sítio Histórico de Aracati, por causa, inclusive da trepidação de edificações históricas, o que significa mais uma ameaça à cultura e à memória do lugar. Feita a denúncia, o IPHAN intervém e, a partir de 2001, o percurso do trio elétrico é transferido para a Avenida Coronel Pompeu (BRASIL, 2005, p.158). Vê-se, nesses aspectos, ação de resistência cultural reencenada reiteradamente.

A Rua Grande, livre dos trios elétricos, é resgatada pelos grupos artísticos que, em ritmos das marchinhas e bandas tradicionais, realizam o Carnaval Cultural,

como o nomeiam, preservando a cultura e a memória, com a participação das famílias, crianças e idosos, o que ocorre paralelo ao carnaval dos trios elétricos, com o apelo econômico e foco voltado ao público turístico.

Nesse contexto histórico cultural, a cidade apresenta valor mercadológico, com atrativo singular que se explicita nas manifestações sociais, festas populares, teatro, danças, ritmos, arte, artesanato, exuberância do paisagismo, associado ao cenário ofertado pela exuberante natureza, o que forma conjunto de peculiar valor histórico, cultural e atrai investimentos no turismo.

Aracati, visto em abandono, após o apogeu econômico, ressurgiu como polo importante para o turismo. Anúncio (2001, p.90) ressalta que “a mercantilização desta paisagem é feita através do turismo como fonte de renda e de lucros. Isto leva a uma standardização da paisagem”, em detrimento do turismo cultural, incipiente em que o incentivo se restringe ao período de carnaval, com expressivo crescimento do turismo de sol e mar, que tem como destaque a praia de Canoa Quebrada.

A praia de Canoa Quebrada, aldeia de pescadores do município de Aracati descoberta pelos turistas, revela-se com potenciais naturais para o turismo passando a receber incentivos públicos e do setor privado, o maior atrativo do turismo de sol e mar do litoral Leste, ao tornar-se indutor do turismo.

As condições naturais de Aracati favorecem não só o desenvolvimento do turismo, mas proporcionam o surgimento de atividades econômicas produtivas, beneficiadas pelas potencialidades do meio ambiente que possui a singularidade da localização entre o Rio Jaguaribe e o Mar, com ventos constantes. Se outrora impulsionara o crescimento da região, hoje é associado às novas tecnologias, reposicionando Aracati economicamente, porém trazendo à mostra contradições, em dilema de múltiplas dimensões, econômicas, culturais e históricas, em contexto geopolítico complexo.

Assim, ao perder a hegemonia do comércio, liderado por Fortaleza, o município entra em declínio econômico e somente no início da década de 1990 sua economia é dinamizada com o agronegócio, posteriormente com a carcinicultura, energia solar e eólica, turismo, de modo contraditório, revalorizando o espaço para o lazer e segundas residências (SOUZA NETO, 2011).

Com a atividade agrícola, a fruticultura transforma a região em polo produtor e exportador de frutas tropicais, cultivo adequado à região semiárida que

permite condições naturais para produção de frutas de boa qualidade durante todo o ano, atendendo à demanda dos mercados nacionais e internacionais, como frutas frescas ou processadas em forma de sucos ou polpas, exportando, para outros lugares, para a Europa e Estados Unidos (ELIAS, 2002, p.313).

A riqueza do Vale do Jaguaribe proporciona o desenvolvimento de diversidade de atividades ilegais, instalação de fazendas de camarões, ao longo do Rio Jaguaribe próximo a mangues onde se tem abundância de nutrientes que alimentam crustáceos, com modernas tecnologias de controle da salinidade e uso de ração para crescimento rápido dos camarões, acelerando a comercialização dos animais. A carcinicultura é alvo de críticas de ambientalistas e a Secretaria Estadual de Meio Ambiente do Estado do Ceará – SEMACE, que recebe denúncias de contaminação de mangues destruindo o ecossistema.

A atividade cresce de forma desordenada, sem fiscalização dos órgãos competentes, o que constitui série de irregularidades, como produção ilegal e crime ambiental, por se tratar de área de proteção ambiental, com expulsão de pessoas do mangue, que vivem produzindo de modo significativo no lugar.

No entanto, a carcinicultura se expande. Segundo a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, em 2013, 50 criadores de camarão ocupavam área de 500 hectares, em 2014 o número cresce para 300 fazendas de camarão numa área de 2.200 ha, dos quais 75% exerce a atividade ilegalmente (DIÁRIO DO NORDESTE, 2015).

A complexidade dos problemas e possibilidades, nos devolve um Aracati beneficiado pelo clima de ventos fortes e constantes, com instalação de usinas eólicas, a energia limpa se expande pelos litoral Cearense, produzida pelo sol e ventos. Segundo a Agência Nacional de Energia Elétrica – ANEEL (2015) o Ceará é o terceiro, atrás de Rio Grande do Norte e Bahia, na produção de energia solar e eólica. O modo como se faz modifica a paisagem histórica e ambiental, porém traz urgentes necessidades de resistência quanto a isso é a vida local, contudo se impulsiona certo modelo de desenvolvimento. Impulsiona a economia assim como modifica e descaracteriza a paisagem natural.

2.3 ARACATI TURÍSTICO

A riqueza histórica, arquitetônica e cultural de Aracati, simboliza o potencial humano turístico, não valorizado no planejamento de políticas públicas do Estado. O turismo de sol e mar, ao despontar como maior atrativo, sobrepõe-se ao turismo histórico cultural. A identidade cultural é diluída em nome do ‘ progresso’ econômico.

Flui, no imaginário e no cotidiano das pessoas, a lembrança e valorização do passado das tradições, o que vai de encontro às ideias de modernidade em busca do “novo”, impulsionado pelo ideário do progresso, do modo como é posto pela elite política e pelo estado. O discurso é de olhar para frente, pois o passado que simboliza saudosismo e tradicionalismo com tons reacionários, deve ser revisto.

Apesar da estagnação e falta de conservação do patrimônio histórico do município, há variedade de recursos naturais, explorados como atrativos ao turismo, capaz de dinamizar cidades litorâneas.

Se no passado as condições naturais foram determinantes no desenvolvimento da pecuária e para a “indústria do charque”, não seria utopia acreditar que a natureza continua com a mesma promessa para a “indústria do turismo”. O potencial paisagístico propicia o desenvolvimento do turismo ecológico, de lazer e carnavalesco. (BARBOSA, 2004, p.153).

Observa-se, como a ação de políticas públicas incrementa o desenvolvimento do turismo na região, serviços essenciais de transporte, telecomunicações, segurança e melhorias de infraestrutura essencial ao crescimento econômico do turismo que, em conjunto, avalia-se com incentivos a iniciativas privadas que visam às demandas do fluxo turístico. Provocado pela valorização dos espaços litorâneos, dadas as belezas naturais. (SOUZA NETO, 2011)

Entender a valorização dos espaços litorâneos perpassa pela compreensão de transformações ocorridas nos trópicos, de caráter socioeconômico, tecnológico e simbólico que suscitam fluxos em escala local e regional e evidenciam ou reforçam a incorporação das zonas de praia, com a urbanização crescente de espaços anteriormente associados às práticas marítimas tradicionais (pesca artesanal, porto e marinha). (DANTAS, 2009, p.19)

A valorização dos espaços litorâneos dá-se às expensas de grave perda de autonomia e possibilidades de vida cultural, consentânea com perspectivas de compreensão do que seja desenvolvimento e turismo.

A cidade litorânea inicialmente torna-se espaço de lazer e descanso de trabalhadores abastados que fogem dos centros urbanos, construindo casas de

segunda residência para veraneio, posteriormente a litoralização, processo de valorização litorânea, se expande com o turismo que comercializa lazer.

O turismo, ou atração turística do litoral vem a ser a última fonte de pressão em todo o processo de litoralização. Inicialmente ele serve para completar a ocupação do território. Podendo tanto ser, e o é, um elemento de finalização da perspectiva de transformação do imaginário a respeito do litoral, de tenebroso a atrativo saudável, lugar do relaxamento, de lazer e de liberdade. (MADRUGA, 1992, p. 63)

As praias de Majorlândia e Quixaba têm vocação para o turismo, antigas aldeias de pescadores que se reconfiguram com a chegada de novos residentes temporários, que constroem casas de veraneio, em períodos de férias e feriados, onde encontram tranquilidade para o lazer e descanso, lugares que contam com poucas pousadas. Em Quixaba observa-se uma forte resistência ao turismo convencional. Encontram-se distintas características do processo de desenvolvimento do turismo. Em Canoa Quebrada, o turismo se estabelece e se desenvolve como atividade econômica proeminente.

Na praia de Majorlândia, a 10 km da sede do município de Aracati, se expande, no vetor de segunda residência para o lazer e veraneio, prática de lazer de trabalhadores de centros urbanos e metrópoles industrializados em condições financeiras de manter mais de uma residência. (SOUZA NETO, 2011). Entende-se por segunda residência a modalidade de alojamento que substitui infraestruturas de hotéis e pensões e atende a população em visita à cidade (SEABRA, 1979, p.19).

Assim, Majorlândia não sofreu processo de turistificação que, de acordo com Issa e Dencker (2006, p.2) “ocorre quando um espaço é apropriado pelo turismo, fazendo com que haja um direcionamento das atividades para o atendimento dos que vêm de fora, alterando a configuração em função de interesses mercadológicos”. No caso de Majorlândia, tem-se a urbanização pela expansão imobiliária, atividade econômica com base na pesca e na renda e no típico artesanato de garrafinhas de areia coloridas (Figura 15). Veranista oferece empregos na construção de casas manutenção e afazeres domésticos.

Figura 15 - Garrafinha de Areia Colorida em Majorlândia



Fonte: <http://www.canoabrasil.com/majorlandia/index.php>.

Identifica-se Majorlândia como lugar tranquilo, visitantes buscam o descanso como lazer necessário, mantêm relação harmoniosa com residentes que têm pertencimento do lugar e o mar é lugar de e subsistência do pescador e lazer das famílias.

A praia de Quixaba fica a 15 km de Aracati, preservam-se características de vila de pescadores tranquila com exuberante natureza diversificada em fontes de águas minerais, lagoas, falésias, areia branca colorida com inúmeros barcos de pesca que encantam visitantes, que gozam da tranquilidade e hospitalidade da população que vive da pesca, da renda e crochê, da agricultura e pequenos comércios.

A comunidade tenta se organizar para oferecer turismo comunitário participativo resistindo ao turismo convencional, que vem chegando de forma lenta. Resiste ao poder modelo econômico de desenvolvimento propostos pelo turismo convencional, torna-se desafio a comunidade, que considera o turismo globalizado forma de 'colonização' descaracterizando a história e a cultura local e os recursos naturais que passam a mercadorias.

O turismo é uma atividade: "Que tanto pode gerar riquezas, valorizar espaços, promover novas relações entre os povos e culturas como,

simultaneamente, tornar-se predador cultural, degradado ecológico e explorador econômico.” (QUEIROZ, 2006, p. 80).

A comunidade tem atividades voltadas à valorização e preservação cultural, cirandas em noites de lua, e o principal atrativo, produção e representação de atores locais da encenação da “Paixão de Cristo” na quaresma: a praia é o cenário transformado em palco de teatro e a apresentação é um espetáculo imperdível.

Quixaba resiste ao turismo convencional, evita impactos indesejáveis e se volta ao desenvolvimento do turismo comunitário, preserva o patrimônio natural e os bens culturais em detrimento do desenvolvimento do turismo, em cujo movimento famílias se voltam contra e preferem abandonar a comunidade e vender as casas.

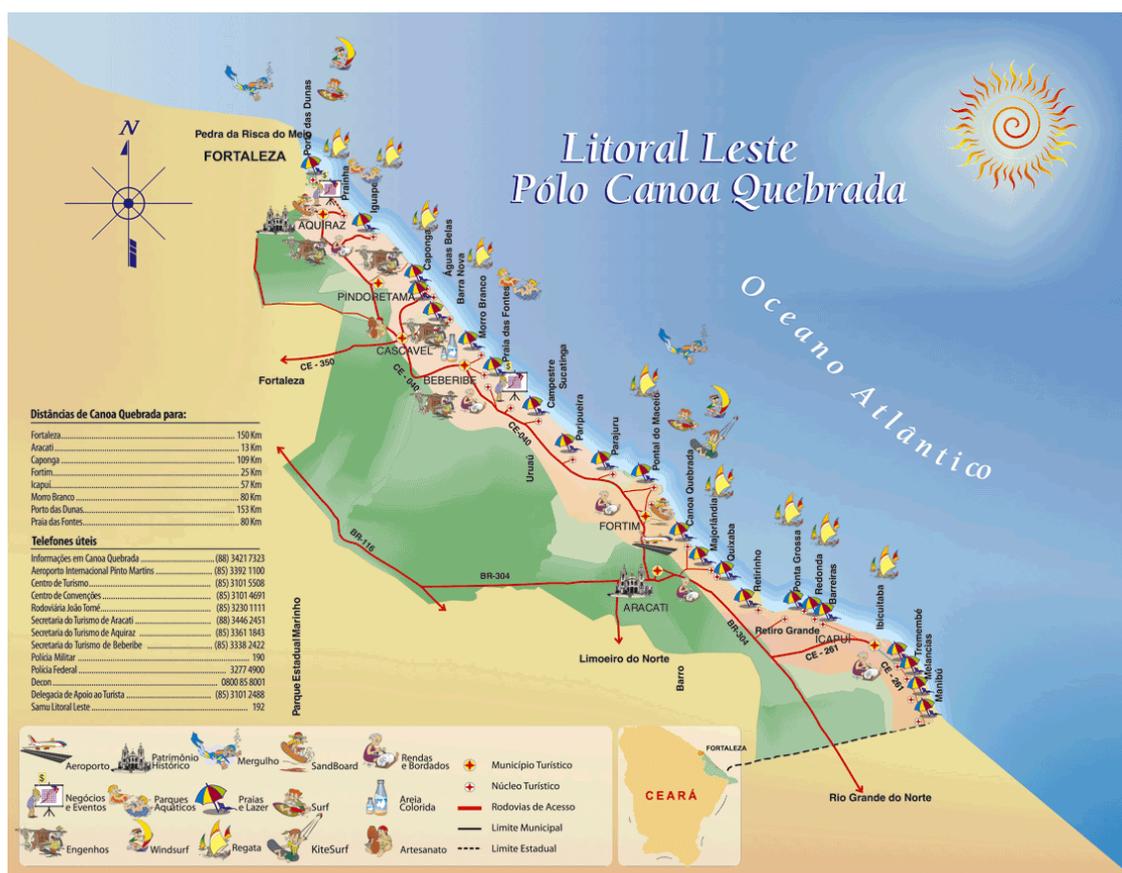
Na praia de Canoa Quebrada ocorre o processo de turistificação, é urbanizada pelo processo de reestruturação socioespacial, para atender os turistas. O lugar é invadido pelos novos residentes modificando hábitos e costumes tradicionais, em meio a impactos socioeconômicos à comunidade receptora que necessitam serem avaliados.

Para minimização dos impactos negativos, e modelos de desenvolvimento do turismo pensado, é necessária a participação de agentes sociais da comunidade, no planejamento do turismo. O que não se observa no desenvolvimento do turismo em Aracati e na exploração do litoral, a exemplo de Canoa Quebrada, onde o turismo cresce de forma desordenada, a serviço da acumulação do capital.

3 CANOA QUEBRADA: DE ALDEIA A NÚCLEO INDUTOR DE TURISMO

Canoa Quebrada é destino turístico do município de Aracati - CE, a 150 km da Fortaleza. O acesso é pelas BR-116 e CE-040, no circuito conhecido como Costa do Sol Nascente, o litoral Leste. A Figura 16 apresenta o mapa do litoral a leste de Fortaleza, com indicações de atrativos. (Figura 16).

Figura 16 - Litoral Leste Polo Canoa Quebrada



Fonte: SETUR - CE.

Lugar identificado como colônia de pescadores, no imaginário, registra-se como aldeia de pescadores e rendeiras. Canoa Quebrada tinha pesca artesanal, o artesanato e a produção de labirinto como atividades econômicas básicas, um lugar isolado entre dunas móveis e fixas, falésias, lagoas e mar.

Até o final da década de 1970, Canoa Quebrada era desprovida de acessos rodoviários regulares, não contava com energia elétrica e o abastecimento de água precário. Lugar rústico e aconchegante. Mesmo com todas as dificuldades de acesso fora descoberta pelos andarilhos e pessoas curiosas e aventureiras que

buscavam lugares rústicos e exóticos, com belezas naturais, associadas a lugar paradisíaco, atrair turistas nacionais e internacionais.

Os primeiros turistas estabeleciam relações familiares com a comunidade, sem caráter econômico. O lugar era o maior atrativo, assim como o modo de viver e fazer da comunidade. Belezas naturais propiciaram a exploração do turismo e isso despertou interesses políticos e econômicos de líderes locais, início do processo de construção da imagem e produção do lugar turístico - Canoa Quebrada.

Para expansão de potencialidades turísticas, Canoa Quebrada passa pelo processo de urbanização e turistificação. Construção e divulgação da imagem, quando criado o símbolo da lua e da estrela como marca do núcleo receptor:

A origem do símbolo está na história que Maria de Fátima Freire da Silva recebeu um casal vindo do Paquistão e os levou até a casa do artesão e escultor Chico Eliziário, que naquele tempo pacientemente elaborava peças artesanais em casco de tartaruga (ainda não era proibido) e chifre de boi, pois os visitantes queriam uma pequena lembrança de Canoa. O paquistanês desenhou uma meia lua e estrela que posteriormente foi esculpida no casco da tartaruga, e após o marido ofereceu a sua esposa. Logo após a realização daquele trabalho primoroso, o Senhor Chico Eliziário ficou sensibilizado e achou que aquele seria o símbolo apropriado para Canoa Quebrada. Canoa já recebia turistas entre eles: hippies, curiosos e aventureiros de vários países. As pessoas queriam ver a lua e a estrela no céu de Canoa, que na época era realmente um verdadeiro observatório espetacular. Não havia energia elétrica e foi assim que a meia lua e a estrela se consolidaram em desenhos, colares, bordados, brincos entre outros produtos (CANOABRASIL, 2010).

O fato é de outubro com a aproximação da lua e da estrela, na época em que Canoa Quebrada não era abastecida de luz elétrica, podendo-se observar o espetáculo do céu azul de Canoa Quebrada. Por residentes e turistas que associam o símbolo místico à posição da lua e estrela no céu. Visitantes e turistas divulgam-na como lugar de beleza natural rara, além de vila primitiva que oferecia liberdade e hospitalidade. Os símbolos lua e estrela confirmavam a magia e o encanto do lugar. interpretações sobre posição dos astros no firmamento eram variadas.

Para uns, é o casamento da Lua com a Estrela D'Alva, fenômeno que ocorre em outubro com a „aproximação“ aparente dos dois astros. A crença indígena classifica essa ocorrência com o nome missaré, que quer dizer "casamento dos céus". Já outros veem a Lua representando da polaridade feminina, recebendo em si a estrela de cinco pontas, ou de quinta grandeza, que é o Sol, representando o polo masculino, numa dialética do firmamento, o local onde os deuses se encontram. O arco da Lua também alude a um ventre feminino, que nutre uma Estrela-feto. Essa interpretação liga-se à ideia de procriação, fertilidade e amor. A Estrela é, ainda, a imagem do homem, ou microcosmo, e simboliza também os cinco sentidos (CANOABRASIL, 2010).

Lua e estrela esculpidas na falésia passaram a ser introjetadas como valor para os residentes e turistas. A imagem percorreu lugares e circulou na mídia como signo do lugar, atraindo turistas nacionais e internacionais.

Figura 17 - Lua e a Estrela



Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

O turismo, como atividade econômica, instalou-se em Canoa Quebrada e a transformou, não só esteticamente, sobretudo socialmente, de acordo com interesses da classe dominante. Justificativa do fato encontra-se nas ideias de Coriolano e Sampaio (2012) que afirmam que a racionalidade hegemônica invade espaços e os modificam muitas vezes, em detrimento da cultura e história da população. Sob essa ordem, consolidou-se o destino da praia, descaracterizando a antiga aldeia de pescadores.

O encontro de diversas culturas no espaço de Canoa Quebrada, o que, inicialmente, a transformou em um *não* lugar, onde o vínculo afetivo é rompido e a identidade local é transformada em função de um fenômeno que traz para o local a diversidade cultural e uma série de novas informações, costumes e estilo de vida que passam a influenciar e até a “dominar” a cultura local (AMORIM, 2006, p. 106).

O desenvolvimento de lugar turístico tem como ponto forte a representação de imagem que compreende o local, evidenciando marcas e o que se tem a oferecer, coerente com a identidade, proporcionando desenvolvimento que

atenda as necessidades e objetivos da região, como preocupação de gerir recursos naturais, sociais, econômicos e ambientais, do destino, de forma sustentável, preservando a identidade como maior atrativo e atributo do destino (PIMENTEL; PINHO; VIEIRA, 2006).

A matéria prima do desenvolvimento do destino turístico é o meio ambiente, recursos naturais e culturais que passam a atrativos turísticos. A relação das pessoas com a natureza é cheia de significados e remete à cultura, contém mitos, rituais, conceitos, preconceitos, modo de viver e produzir, fruto das relações sociais, políticas e ideológicas. Portanto, o turismo envolve além do lugar os significados e representações.

Promover e praticar turismo, de base sustentável, requer assim, um novo olhar sobre os problemas sociais, a diversidade cultural, e a dinâmica ambiental dos destinos, diante de uma economia globalizada e sujeita a nuances de imprevisibilidade, ditadas por um mercado que transcende as peculiaridades locais e/ou as especificidades de um destino turístico. Assim, a sustentabilidade no turismo depende de uma concepção estratégica e duradoura de desenvolvimento, apoiada numa interpretação interdisciplinar e integral da dinâmica regional, resultado de uma sinergia mutante, apoiada na noção de "espaço" material e imaterial, lugar concreto e abstrato, cenário de interações, conflitos e transformações, ponto de contato simbólico entre local e global (IRVING; BURSZTYN; SANCHO; MELO, 2005. p.2).

Assim, o desafio do turismo é promover o desenvolvimento de lugares com base na sustentabilidade, isto é, com preocupação de conservar a natureza, minimizar os impactos negativos, respeitar as culturas e identidade como valor exclusivo da imagem do núcleo receptor.

3.1 IMAGEM E *MARKETING* DO DESTINO TURÍSTICO CANOA QUEBRADA

A imagem de marca de um produto ou serviço é invenção de *marketing* moderno, tendo criação de imagem e marca de produtos como estratégia para atender às necessidades do mercado. Assim, ajuda a preparar oferta do produto, criar desejos de consumo e influencia na escolha dos consumidores; ou seja, cria demanda.

Iniciam, em 1970, estudos sobre a imagem de destinos turísticos no Brasil. Pesquisas em diversos estados revelam que a imagem de marca está relacionada não apenas à satisfação do visitante, mas com a escolha de símbolos relacionados a ambientes ou culturas da imagem do destino. As imagens, em grande parte, são

focadas na percepção do visitante e percepção do destino. A imagem da marca é utilizada no *marketing* promocional.

A formação da imagem do destino recai sobre fatores cognitivos e afetivos, passando por percepções, expectativas e associações mentais, elaboradas de forma individual, com informação do símbolo para despertar interesses e desejos que variam de pessoa a pessoa, influenciando a escolha dos destinos. Afirmando Jenkins e McArthur (1996 *apud* KASTENHOLZ, 2002) que imagem gerada sobre um lugar é única e exclusiva, relaciona-se às memórias, associações e imaginações particulares do lugar.

A marca identifica e diferencia o produto-serviço, facilita a escolha do consumidor; e é representada por nomes, termos, desenhos, símbolos ou combinação de elementos (AAKER, 1996).

O produto é um objeto produzido em fábrica; marca é qualquer coisa associada do consumidor. O produto pode ser copiado pelo concorrente, a marca é única. O produto pode desaparecer (perder o valor) muito rapidamente, marcas são eternas (LINDON *et al*, 2004, p.168). Marca é para longo prazo.

A marca, construída ao longo do tempo, agrega valor simbólico ao produto, estabelece elo com o consumidor que, ao comprá-la adquire o produto.

O significado de uma marca resulta dos esforços de pesquisa, inovação, comunicação e outros que, ao longo do tempo, vão sendo agregados ao processo da sua construção. Isso significa que a sua criação e manutenção não podem ficar restritas a *designers*, artistas gráficos e agências de publicidade [...] A marca é diferente do produto. Embora sejam coisas intimamente relacionadas, diferem nas características. A marca estabelece um relacionamento e uma troca de intangíveis entre pessoas e produtos. O produto é o que a empresa fabrica, o que o consumidor compra é a marca. Os produtos não podem falar por si: a marca é que dá o significado e fala por eles. O produto tem um ciclo de vida, a marca não. Isto não significa que algumas não envelheçam. A marca revela facetas de diferenças nos produtos: funcionais experiências e simbólicas (TAVARES, 1998, p.21).

No mundo globalizado há concorrência cada vez mais acirrada, a marca estabelece elos entre empresa e cliente; muitas vezes, determina o valor do produto em detrimento do preço, e tem poder de influenciar a escolha final do consumidor. Para melhor percepção das funções das marcas da criação de valores para o consumidor e a empresa, o organograma (Figura 18) é esclarecedor.

Figura 18 - Valor das marcas para consumidores e empresas.



Fonte: Lindon et al., 2004, p.169.

Cabe ressaltar a distinção entre imagem e identidade: imagem é como o público percebe a empresa e produtos; identidade é a maneira como a empresa identifica e posiciona os produtos com estratégias que reflitam sua imagem pública (PIMENTEL; PINHO; VIEIRA, 2006). Na concepção do turismo, o produto tem outra ótica e é representado pelo lugar, país, região, cidade, hotel. A identidade do produto-espço é um conceito relacionado com o emissor, enquanto a imagem é um conceito relacionado com o receptor.

O turismo tem desenvolvimento progressivo e é responsável por parcela significativa na economia mundial globalizada, impulsiona o desenvolvimento da atividade em diversos países, sendo acentuado o potencial de crescimento e diversificação. Nesse contexto, o incremento de investimento na atividade turística em âmbito local, regional, nacional e internacional, amplia a diversificação de ofertas, aumenta a competitividade de empresários, na concorrência e também na escala global, criando e mapeando produtos e marcas: Canoa Quebrada é, assim, produto e marca (CHAGAS; MARQUES JUNIOR; DUARTE, 2013).

A atividade do turismo, em expansão no mundo, exige de gestores planos estratégicos de *marketing* com o desafio de divulgar a imagem do destino e a marca da identidade. Assim, o *marketing* tem função de identificar o que o destino tem a ofertar, e qual o perfil de pessoas ou grupos em condições, tempo e dinheiro e

desejo de viajar. A melhor forma de imagem do destino é aquela que desperta interesses do conhecimento do lugar.

Na pesquisa de Um e Crompton (1994 *apud* ASHWORTH; VOOGD, 1994) é revelado que a imagem projetada ao turista potencial influencia na escolha do lugar a conhecer. Comprova que a imagem é fator importante na decisão da escolha do destino, tão valiosa aos destinos e os atrativos do lugar.

Faz o público estabelecer conexões afetivas, cognitivas com o poder de influenciar na escolha do destino. O *marketing* objetiva construir, consolidar e posicionar a imagem do destino turístico de um país, cidade, região ou lugar com coerência fiel à identidade.

Marca de destino é construída com ajuda de pesquisa de mercado e precisa revelar a identidade do lugar, característica capaz de construir boas imagens. Nesse contexto, a formação da marca é fator importante para a sustentabilidade do destino turístico (PIMENTEL, PINHO, VIEIRA, 2006).

Por meio de marcas, identifica-se destinos com peculiaridades, mas as imagens sofrem transformações, acompanhando o ciclo da vida do destino; são ressignificadas ao longo da história, sem perder a identidade. Diz Gallarza *et al* (2002) que a imagem sofre transformações a depender do tempo e do espaço, ou seja, são referenciadas ao tempo e ao espaço.

Na construção de destinos turísticos incorporam-se conceitos de marca e imagem. A marca do destino é o diferencial. Gestores trabalham a imagem da marca identificando e transmitindo a identidade local, como valor agregado, desenhando e moldurando a imagem para o público (PIMENTEL; PINHO; VIEIRA, 2006). Enquanto “imagem é o conjunto simplificado e relativamente estável de percepções e associações mentais ligadas a um produto, empresa, indivíduo”. (LINDON *et al*, 2004, p.180).

O marketing do destino identifica o que se tem a oferecer, direciona produtos a determinado público alvo, identifica a melhor forma de despertar desejo, motivar e convencer à viagem ao destino (LUNDBERG, 1990 *apud* KASTENHOL, 2005).

Canoa Quebrada tem como símbolo a lua e a estrela, símbolos criados de forma natural, com junção de dois astros em determinado período do ano, admirado pelos nativos e turistas, posteriormente concretizado pelo artista, Chico Elizario.

Em Canoa Quebrada, ‘esporadicamente’, ocorre no céu, um fenômeno – a junção da lua com uma estrela, que se tornou um símbolo místico da localidade, para aqueles que a visitam. A criação desse novo significado para Canoa Quebrada foi importante, para os primeiros visitantes da Vila, pois eles divulgaram este espaço, como um lugar mágico, cujas belezas naturais pudessem ser substituídas, por um significado que desencadeasse contemplação aos olhos daqueles que as vissem, se materializando e ao longo do tempo, atraindo, cada vez mais visitantes (SILVA, 2013).

O destino evoluiu, atraindo empresários e investidores nacionais e internacionais para a atividade turística. A Figura 19 mostra a falésia e o símbolo de Canoa Quebrada.

Figura 19 - Símbolo de Canoa Quebrada



Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

A lua-estrela foi esculpida na falésia de Canoa Quebrada pelas mãos de Raimundo Carlos Limaverde Silva, professor e arquiteto frequentador assíduo de Canoa, conhecido como Kako de Canoa. Em entrevista afirma:

Durante meu tempo como universitário, dediquei-me bastante à comunicação visual. Cheguei até a ganhar alguns concursos, a nível municipal, estadual, nacional e, posteriormente, no exterior. Cito alguns: o cartaz e símbolo do XXII Salão de Abril, o símbolo do movimento de promoção social do Ceará; o símbolo do Nutec (Núcleo de Tecnologia do Ceará); o cartaz e o símbolo do I Encontro Nacional dos Professores do Ensino Superior, e outros mais. Em 1977, ao me formar, senti o desejo de deixar uma marca para o local que me acolheu com tanto carinho. Vi no trabalho do *seu* Chico Elisiário o potencial que eu procurava. Já naquela temporada, os anéis de Lua-estrela tinham uma produção incessante. Dai esculpi, com a ajuda do Niciano, uma Lua-estrela de dimensões faraônicas, no alto da falésia. [...] O mérito reside na visão do que aquele símbolo poderia trazer a todos do lugar, para os que produziam artesanato em

labirinto, adornos tipo brincos e braceletes, tatuagens, etc. Logo caberia uma escultura, com um patamar em grandes dimensões, onde o visitante pudesse participar do cenário que tem por fundo a Lua-estrela, tornando-se um elemento vivo e divulgador, dentro do seu próprio cartão-postal. [...] Durante dez anos mantive a restauração da escultura original. Os turistas a utilizavam como havíamos previsto, mas também a destruíam, escrevendo nela seus nomes. Como a proposta era a de um trabalho e cultura cumpriu magnificamente, ao longo desses anos, o seu papel.

Para uns, é o casamento da Lua com a Estrela D'Alva, fenômeno que ocorre em outubro com a 'aproximação' aparente dos dois astros. A crença indígena classifica essa ocorrência com o nome *missaré*, que quer dizer "casamento dos céus". Já outros veem a Lua representando da polaridade feminina, recebendo em si a estrela de cinco pontas, ou de quinta grandeza, que é o Sol, representando o polo masculino, numa dialética do firmamento, o local onde os deuses se encontram. O arco da Lua também alude a um ventre feminino, que nutre uma Estrela-feto. Essa interpretação liga-se à ideia de procriação, fertilidade e amor. A Estrela é, ainda, a imagem do homem, ou microcosmo, e simboliza também os cinco sentidos (KAKOS DE CANOA QUEBRADA, 2015).

Diz Buhalis (2000) que o critério mais importante para escolha do destino é a imagem, conjunto de expectativas e percepções do visitante potencial sobre o destino.

Vivência e experiência do lugar são únicas e subjetivas, e o *marketing* trabalha a identidade em princípios da sustentabilidade, para que imagem e expectativa do visitante/turista não sejam frustradas, com imagem negativa do destino, quando não condiz com a realidade ou imagem divulgada do lugar.

A imagem pode ser ressignificada, ao longo do ciclo da vida do destino sem, no entanto, perder a identidade inicial projetada (PIMENTEL; PINHO; VIEIRA, 2006). Para que a ressignificação da imagem seja compreendida, faz-se necessário que seja avaliada a percepção da imagem veiculada ao destino.

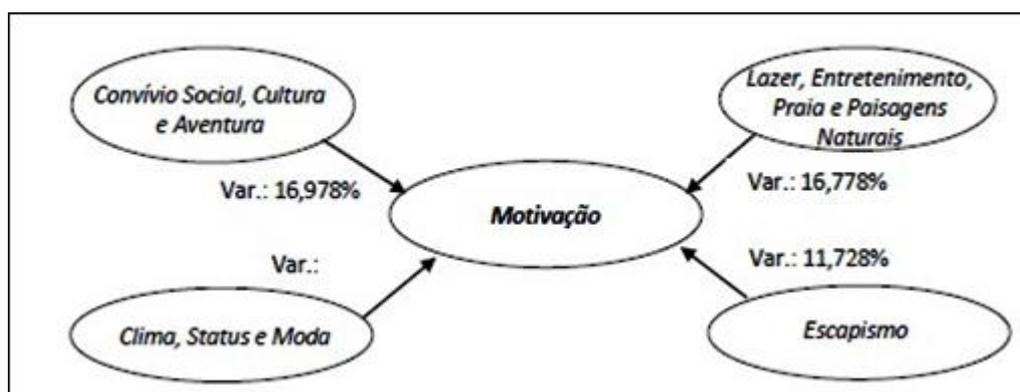
Chagas, Marques Júnior e Ferreira Duarte (2013) desenvolveram pesquisa e análises sobre o processo de formação da imagem de destino turístico de Sol e Praia em Canoa Quebrada, no período de setembro a dezembro de 2013, conforme modelo de formação de imagem: Baloglu e McCleary (1999); Beerli e Martim (2004a); Beerli Martín (2004b) e do modelo de Bosque e Martín (2008). Para análise da formação da imagem de Canoa Quebrada foi testado o modelo Beerli e Martín (2004b). (CHAGAS; MARQUES JÚNIOR; FERREIRA DUARTE, 2013).

O estudo trabalhou amostra dos gêneros masculino e feminino, na faixa etária de 14 a 65 anos, com predomínio da idade de 26 a 35 anos. A maioria dos entrevistados é solteira, com curso superior completo, com renda entre R\$ 933,00 e R\$ 7.582,00. O Ceará foi o principal estado de origem de turistas seguido de São

Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Brasília. São do Nordeste e o Sudeste os entrevistados que vieram a Canoa Quebrada.

Predominaram os seguintes construtos em dimensão de motivação, convívio social, cultura e aventura, lazer, entretenimentos, praia e paisagens naturais, clima, moda e status e escapismo - pela percepção dos turistas nacionais e entrevistados. Figura 20: dimensões das motivações dos entrevistados.

Figura 20 - Dimensões da motivação de férias para o segmento de Sol e Praia



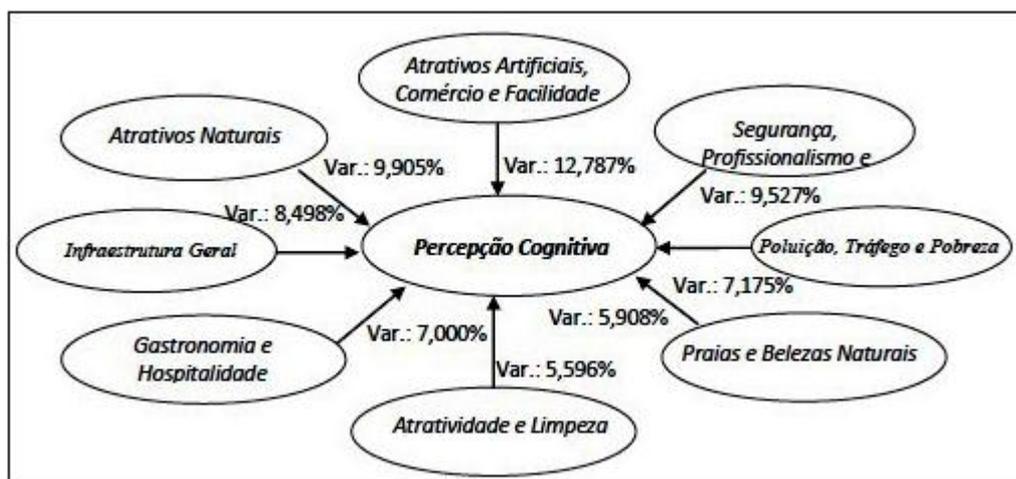
Fonte: CHAGAS; MARQUES JUNIOR; DUARTE, 2013, p.466.

As dimensões não têm grandes variações entre si, e o conjunto dos fatores mostra a complexidade dos aspectos explicados da revisão da literatura: Assael (1999), Yoon & Uysal (2005), Baloglu & McCleary (1999), Beerli & Martín (2004a), Beerli & Martín (2004b), Chagas (2009), Gutiérrez (2005). (CHAGAS; MARQUES JUNIOR; DUARTE, 2013).

Na análise fatorial exploratória a percepção afetiva do destino é composta, basicamente, por duas dimensões, ou seja, emoções positivas e emoções negativas, dois fatores não apresentam grandes diferenças no impacto de variâncias.

A análise fatorial exploratória da percepção cognitiva do destino Canoa Quebrada mostrou resultados concernentes ao exame da percepção cognitiva. A percepção cognitiva do destino é construída pelo exame de oito dimensões: atrativos artificiais, comércio e facilidades, atrativos naturais, segurança, profissionalismo, preservação natural e cultural, infraestrutura geral, poluição, tráfego e pobreza, gastronomia e hospitalidade, praias e belezas naturais e atratividade e limpeza. (Figura 21).

Figura 21 - Dimensões da percepção cognitiva em destinos de Sol e Praia



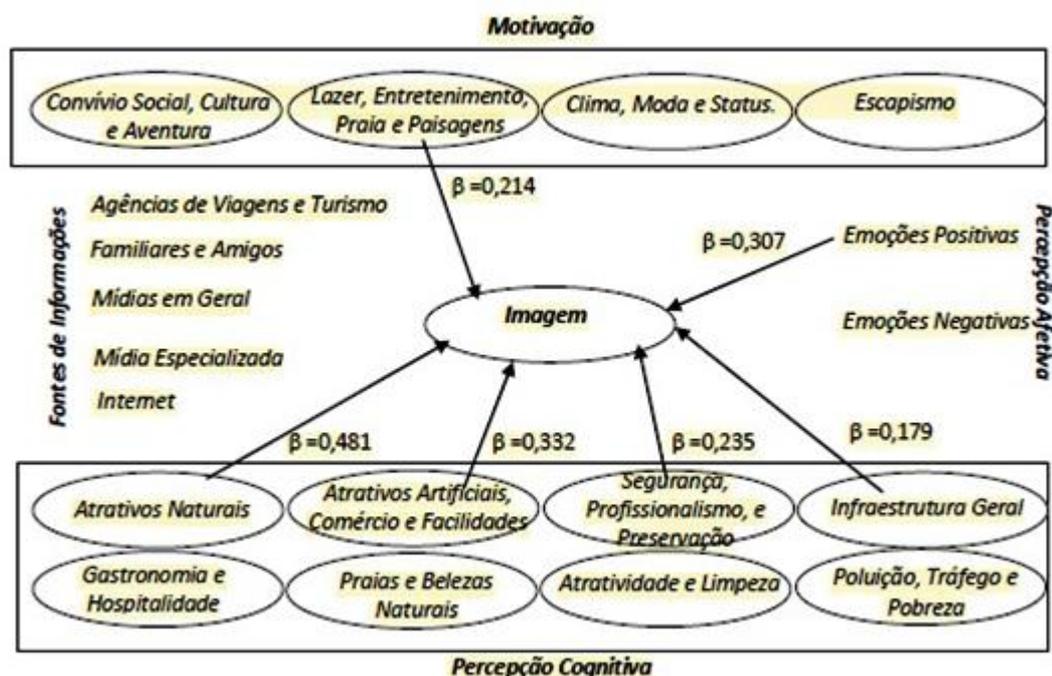
Fonte: CHAGAS; MARQUES JUNIOR; DUARTE, 2013, p.469.

Assim, a imagem é formada por dimensões da motivação, percepção/avaliação cognitiva e afetiva. Fatores lazer, entretenimento, praia e paisagens são dimensões motivacionais que influenciam na formação da imagem.

Influenciada também pelas motivações do turista. A formação da imagem origina-se na dimensão afetiva, especificamente, em emoções positivas experimentadas pelo turista. (Figura 22).

A escolha do destino sol e praia, no caso Canoa Quebrada, tem a motivação de belezas naturais que influenciam a formação da imagem do lugar, realçados os atrativos artificiais para experiência positiva do turista. As paisagens relacionam-se com percepções afetivas e atrativos artificiais com a avaliação cognitiva.

Figura 22 - Modelo de formação da imagem de destinos de Sol e Praia



Fonte: CHAGAS; MARQUES JUNIOR; DUARTE, 2013, p.472.

A dimensão cognitiva apresentou maior número de fatores influenciadores no processo de formação da imagem, inclusive, detentoras de maior poder explicativo. Sendo assim, fatores atrativos naturais, e artificiais, comércio e facilidades, segurança, profissionalismo, preservação cultural e ambiental, infraestrutura geral demonstram maior grau de influência na formação da imagem. Percepção/avaliação cognitiva exercem influência direta na formação da imagem.

A viagem do turista começa na construção da imagem do lugar a ser visitado; percepção e avaliação cognitiva são individuais fórum íntimo varia de acordo com expectativas pessoais, cultura e valores sociais do turista. Assim, o turista que tem a imagem de Canoa Quebrada como aldeia de pescadores e rendeiras, em chegar a um lugar urbanizado, pode ter expectativa positiva ou negativa se imaginava lugar rústico.

3.3 ATIVIDADE TURÍSTICA EM CANOA QUEBRADA

Canoa Quebrada, aldeia de pescadores isolada, no meio de dunas móveis e fixas, falésias, lagoas banhadas pelo oceano Atlântico. Até no final de 1970, desprovida de rodovias e transporte regular. Não contava com energia elétrica e o

abastecimento de água precário, casas feitas de taipa com cobertura de palha. Atividade econômica, a pesca artesanal, produção de rendas – labirintos e artesanatos.

Com dificuldades de acesso e precariedades, Canoa Quebrada foi descoberta pelos andarilhos mochileiros na década de 1970. A comunidade¹⁰ é identificada com o lugar e preserva a natureza e a cultura;

Vivencia turismo alternativo, em que visitantes buscam conhecer a praia com características originais, hábitos e costumes tradicionais. Prezam o contato com residentes, identificações culturais, rituais em uma imersão na troca de saberes, minimizando impactos sociais culturais e ambientais.

O princípio norteador dos turistas alternativos é o de colocar tanta distância quanto possível entre eles mesmos e o turismo massivo. Eles tentam evitar a trilha batida (os lugares comuns), eles querem ir a lugares onde ninguém pôs os pés antes deles; querem fazer coisas que lhes trarão uma sensação de aventura e os ajude a esquecer da civilização por um tempo. Turistas alternativos tentam estabelecer um contato maior com a população local, eles tentam passar sem infraestrutura turística, e eles usam as mesmas acomodações e meios de transporte dos nativos. Eles também querem obter mais informações antes ou durante as férias. Viajam sozinhos e em grupos pequenos (KRIPPENDORF, 1987 apud WÖHLKE, 2005, p.31).

A estrada de piçarra, na década de 1980, facilita o acesso e aumenta significativamente o fluxo turístico. Começa o processo de urbanização sem planejamento. Segundo Lima e Esmeraldo (2011, p.163) o processo de ocupação desordenado foi extremamente acelerado pelo crescimento da atividade turística, e assim Canoa Quebrada se transforma em território turístico que se desenvolve com ajuda de políticas públicas, que oferece infraestrutura ao lugar possibilitando empresários do setor desenvolver seus negócios, atrai investidores nacionais e internacionais.

Descaracteriza-se como aldeia de pescadores. Ganha novos residentes e torna-se destino indutor responsável pelo crescimento do turismo no litoral leste do Ceará, ganhando visibilidade do desenvolvimento econômico.

A política de ordenamento territorial para o Estado do Ceará fundamenta-se numa abordagem ampla e integrada de todos os setores que alavancam o desenvolvimento do turismo, dão suporte as facilidades e serviços exigidos para o setor e sua inter-relação com a base local e integração com o meio ambiente, a cultura e a população (LIMA, 1999, p. 100).

¹⁰ Comunidade é um grupo social residente em um pequeno espaço geográfico cuja integração das pessoas entre si, e dessas com o lugar, cria uma identidade tão forte que tanto os habitantes como o lugar se identificam como comunidade (CORIOLANO, 2006, p.201).

Apropriação territorial do turismo se dá pelo direcionamento da política pública em determinado lugar. “São metas e diretrizes de políticas que norteiam o desenvolvimento socioespacial da atividade, tanto no que tange à esfera pública como no que se refere à iniciativa privada” (CRUZ, 2000, p.9). Cultura local, valores socioeconômicos e paisagem não são aspectos preponderantes de turismo consolidado em Canoa Quebrada, que foram os primeiros atrativos para o turismo, e atividade do turismo em si contraditória, desvaloriza e descaracteriza valores sócio-culturais.

Nesse momento, há o encontro de diversas culturas no espaço de Canoa Quebrada, o que, inicialmente, a transformou em um não lugar, onde o vínculo afetivo é rompido e a identidade local é transformada em função de um fenômeno que traz para o local a diversidade cultural e uma série de novas informações, costumes e estilos de vida que passam a influenciar e até mesmo a cultura local (AMORIM, 2006, p.106).

Pela observação, para garantia da sustentabilidade, precisa promover o desenvolvimento com responsabilidade social contando com a participação efetiva da comunidade na elaboração e implantação dos projetos de desenvolvimento do turismo. Contudo pode representar:

Oportunidade para desenvolver um mundo multicultural, tingida de tolerância, abertura e aprendizagem mútua. Os nativos também podem desfrutar dos benefícios culturais trazidos pelo desenvolvimento do turismo em sua região. Mais contato com turistas, eles têm a oportunidade de redescobrir sua própria herança cultural e reforçar a sua identidade (DAGNIES, 2009, p.10).

O turismo promove nova ordem econômica, gera dependência econômica da comunidade que, por falta de qualificação, torna-se mão de obra barata com emprego sazonal e abandono de atividades tradicionais, pesca, labirinto e artesanato. A atividade turística deve valorizar preservar e restaurar os elementos do patrimônio tradições, símbolos, folclore, sítios, monumentos, história da região, obras de arte, culinária, artesanato, lendas e dialetos locais. Em Canoa Quebrada, o processo de “turistificação” urbanizou, pavimentou as ruas, diluiu a cultura e valores, descaracterizando o bucólico e o pitoresco do lugar.

Entende-se por turistificação, o processo pelo qual as potencialidades de uma região se circunscrevem a um processo de planejamento que tem por objetivo convertê-las, material ou simbolicamente, em recursos e produtos substancialmente destinados ao consumo turístico (BENEVIDES, 2003, p.47).

Canoa Quebrada manteve-se resguardada não sofreu influências significativas, com o crescimento e apogeu de Aracati, sob o ciclo do gado,

descoberta, na década de 1970, por andarilhos, viajantes e *hippies*, pessoas que buscavam contato com a natureza. Conforme Souza Neto (2011), a relação de visitantes com os nativos era amistosa, amigável e não comercial, dormiam e comiam em casa dos pescadores, desfrutavam com liberdade a natureza, tranquilidade e simplicidade do lugar, associando e divulgando Canoa Quebrada imagem de paraíso.

Segundo Dantas (2002) em 1975, estimava-se que a pequena aldeia de pescadores contava aproximadamente com 200 casas de taipa cobertas de palha, e população de aproximadamente 1000 habitantes, que tinham pesca, a renda de labirinto e artesanato, como principal atividade econômica, comercializado na cidade de Aracati. A Figura 23: típica casa de pescadores, de taipa coberta de palha.

Figura 23 - Casa de pescador em Canoa Quebrada



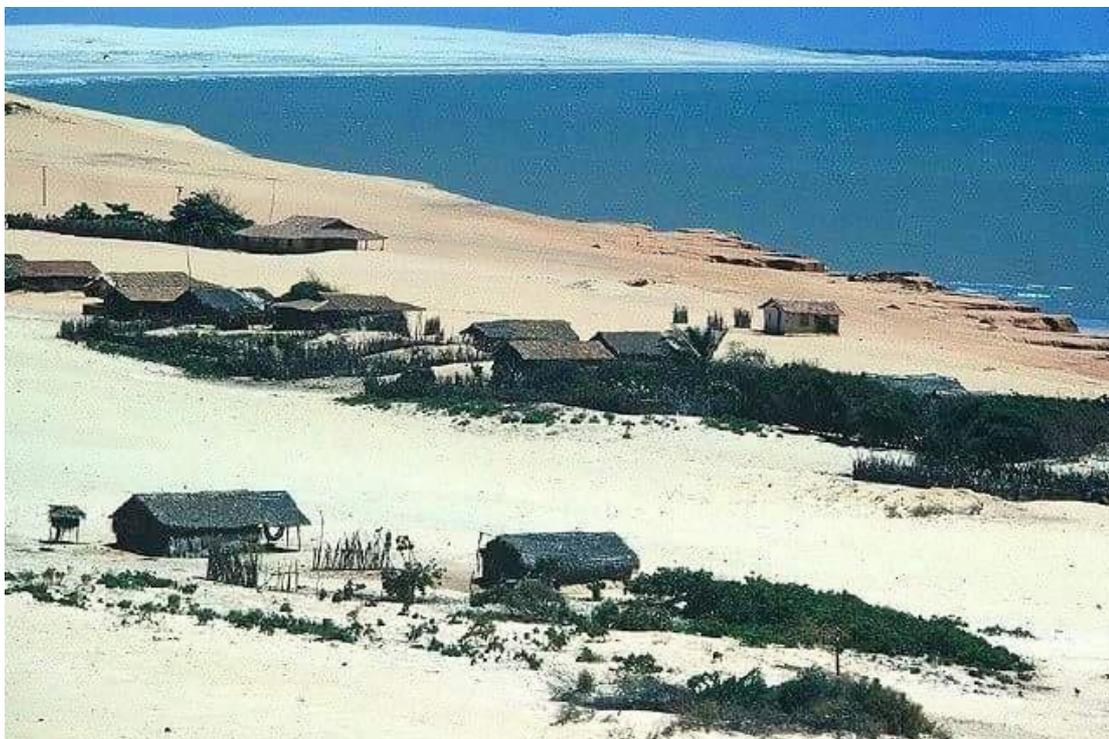
Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

Moradores revelam que aracatienses desaprovam o uso de Canoa Quebrada, viam com reserva a relação entre turistas e nativos, associada dos chamados *hippies*, que negavam valores da sociedade de consumo. Aracatienses nutriam visão negativa e preconceituosa do lugar que julgavam reduto de marginais (SOUZA NETO, 2011; DANTAS, 2003).

Jovens, na década de 1970, buscavam lugares alternativos ao turismo convencional, fugindo da aglomeração dos centros urbanizados e da sociedade de consumo. Encontram em Canoa Quebrada lugar ideal para desfrutar a natureza

vivenciando a simplicidade do dia a dia da comunidade de hábitos primitivos, sem luz elétrica e sem água encanada, e sem acesso viário.

Figura 24 - Vila de Canoa Quebrada



Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

A década de 1960 é marcada por juventude contestadora, recusavam-se valores e a ordem “instaurada na sociedade” industrial moderna, uma sociedade de consumo, que enquadra o homem dentro de um sistema “uma engrenagem social”; aprisionando o indivíduo como peça fundamental à dinâmica da nova ordem vigente da sociedade industrial moderna, obediente às normas do capital (SOUSA, 2004).

A comunidade recebe jovens “rebeldes” sem preconceitos, acolhidos em suas casas, em harmonia, turistas e residentes conviviam em relação de troca de saberes. Os primeiros turistas não tinham relação comercial, o turista acompanhava o modo de viver e fazer, sem interferir na cultura. Podemos dizer que Canoa Quebrada foi descoberta por jovens e exerceu o turismo alternativo. Mas esta realidade durou pouco, o lugar paradisíaco, foi divulgado boca a boca, aumenta o fluxo de turistas e desperta o interesse econômico do turismo convencional que promove transformação socioespacial.

A aldeia de pescadores deu lugar à vila turística, com a transformação socioespacial ao longo do tempo. A expropriação de terras, o aumento do custo de

vida e ampliação comercial, com multiplicação de lojas, alteraram os aspectos rústico e pitoresco.

A atividade turística em Canoa Quebrada exigiu a apropriação de espaços, seletividade e competitividade. Foram os seus espaços produzidos para o turismo litorâneo, além das áreas de segundas residências, espaços direcionados ao lazer local e expansão de novas áreas residenciais ocorrendo à urbanização dos núcleos receptores (SOUZA NETO, 2011, p.23).

Com acesso facilitado, fez-se loteamento e urbanização da praia. Aliado à divulgação, nos meios de comunicação, desencadeou-se o processo de especulação imobiliária. A própria abertura de estrada, cortando dunas, impactou sua dinâmica acarretando constante acúmulo de areia sobre a via, precisando retirá-la periodicamente (ESMERALDO, 2002).

O início do turismo caracteriza-se pela ausência de ações de políticas públicas. Investir em infraestrutura e programas de ação para o desenvolvimento do turismo não eram prioridades do governo, por não ser considerada uma atividade promissora ao crescimento econômico. A época, sem infraestrutura adequada, o turista, inicialmente alternativo, associava a viagem e lazer à descoberta de lugar exótico, belezas naturais e hospitalidade dos residentes.

Assim, Canoa Quebrada foi exposta como destino turístico, e crescendo, desperta interesses do setor econômico, nacional e internacional, que investe de forma desorganizada, sem prévio planejamento do setor público e participação da comunidade.

A atividade turística que resultou na valorização de terras, promove a urbanização, divulgada a praia nacionalmente e internacionalmente, o poder público passa a investir em infraestrutura básica para atendimento da demanda do turismo.

Entre os atrativos, estão passeio de jangadas, de *buggy* ao longo do litoral, praias desertas, lagoas, dunas, coqueirais e falésias multicoloridas, de diferentes formatos. Além da Rua principal e comercial, a Broadway, nome dado pelos turistas à Rua Dragão do Mar, formada pelo calçadão de pedras portuguesas, encontra-se uma estátua de bronze do Chico da Matilde, o Dragão do Mar, homenagem ao líder dos jangadeiros na luta abolicionista. Em 2003, a Broadway (Figura 21) é requalificada com instalação de pousadas, lojas, restaurantes, bares, cafés (SOUZA NETO, 2011).

A Vila de Canoa Quebrada se origina do pequeno povoado dos Estevão, situado ao leste do núcleo principal da vila, e, assim como a maioria dos paraísos, o local foi descoberto por acaso em 1685, por causa de um navegador português que encalhou o barco na praia de Ponta Grossa, e, em seguida, dirigiu-se à vizinha aldeia de Aracati, em busca de socorro, quando acabou descobrindo a praia de Canoa Quebrada (SOUZA NETO, 2011, p.108-109).

Esmeraldo (2002), em estudo sobre “os dilemas do turismo em Canoa Quebrada” informa que, na década de 1970, começava a atração pelos primeiros visitantes, entre eles, artistas, *hippies* e estudantes de antropologia e sociologia, vindos dos Estados do Sudeste e do exterior, principalmente da França, Estados Unidos e Suíça, o que tornou a região conhecida.

No início da década de 1980, com a construção da estrada de piçarra, aumenta significativamente o fluxo turístico e visibiliza-se a fase de transformação de Canoa Quebrada, pelo processo de urbanização sem planejamento (LIMA; ESMERALDO, 2011). A ação do poder público contribui, em 1989, para a inserção da atividade turística, pela instalação de energia elétrica, posteriormente, em 1992, abastecimento da água (DANTAS, 2003).

Canoa Quebrada tornou-se, então, cada vez mais dependente das atividades turísticas e, em 1997, foi criada a Secretaria do Turismo e Meio Ambiente de Aracati, que passou a desenvolver planejamento de valorização do destino turístico e instituída Zona de Turismo de Canoa Quebrada. Em 2003, foi executado o projeto de requalificação urbanística que resultou em profundas transformações de infraestrutura (ESMERALDO, 2002). A Figura 25 apresenta o centro, a Rua principal. Rua Dragão Do Mar; conhecida Broadway.

Figura 25 - Entrada da Broadway



Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

A urbanização amplia a atividade turística apropriando-se de atrativos naturais, fazendo-se necessárias ações de políticas públicas para conciliação de desenvolvimento do turismo e conservação socioambiental, com medidas de controle e fiscalização, o que ajudaria a reverter conflitos e tensões sociais, atendendo aos interesses do governo, empresariado e comunidade, muitas vezes, contraditórios.

3.3 AREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE CANOA QUEBRADA

A Área de Proteção Ambiental de Canoa Quebrada - APA-CQ abrange 6.340,75 hectares, “foi criada em 1998 pela Lei 040/98” (LIMA, ESMERALDO, 2011, p.164) e regulamentada na Lei nº 052/98 de 20 de março de 1998. Trata-se de área costeira em unidade de conservação que regula a exploração do território, que vai de Porto Canoa à foz do Rio Jaguaribe (GAU, 2002). Segundo a Câmara Municipal de Aracati, são objetivos e diretrizes:

I – A promoção do uso sustentado dos recursos naturais existentes em seu perímetro; II – A preservação da biodiversidade e dos recursos hídricos; III –

A preservação do patrimônio ambiental e cultural; IV – A melhoria da qualidade de vida das populações tradicionais nela fixadas e a unidade histórica social dos moradores; V – A proteção da paisagem, das comunidades bióticas nativas, das dunas, das paleodunas, gamboas, das lagoas perenes e intermitentes, dos manguezais, dos arrecifes, dos solos, das formações geológicas de grande potencial paisagístico e falésias; VI - O desenvolvimento sustentável do turismo, da agricultura e da pesca; VII – A proteção da área de praia da descaracterização e ocupação irregular; VIII – A preservação dos remanescentes e ecossistemas associados da Mata Atlântica; IX - A promoção e execução de atividades em educação ambiental (BRASIL. Lei nº 40/98, 1998, art.1, p.05).

A APA inclui as mais variadas paisagens de rio, manguezal, dunas, praias, picos e falésias, por trás das quais, as dunas brancas e móveis encontram vegetação interior. Lagoas e alagados, em meio ao carnaubal e coqueiros, complementam a paisagem. A praia fica em frente à pequena enseada na base de falésias (SEMACE, 2014).

É gerenciada pelo Comitê Gestor, composta por doze membros do Conselho Deliberativo, seis governamentais e seis não governamentais, e respectivos suplentes, indicados pelo Conselho Deliberativo, homologados pelo Prefeito (BRASIL. Lei nº 40/98, 1998, art.25). A APA-CQ adota princípios de zoneamento ecológico-econômico, baseado em normas de uso e ocupação do solo e de manejo de recursos naturais, em zonas específicas, com as seguintes tipologias:

I - Áreas de Preservação Permanente – correspondem a situações já enquadradas e definidas pelo Código Florestal ou por outros instrumentos legais que regulamentam situações específicas; II - Áreas de Proteção Especial – correspondem a situações específicas de vulnerabilidade e podem ampliar as ocorrências protegidas pelo Código Florestal ou por outros instrumentos legais. Devem receber alta proteção às peculiaridades ambientais e promoção a usos e atividades compatíveis com aspectos ambientais; III - Áreas de Proteção Prioritária – correspondem a situações que devem receber alta proteção às peculiaridades e grande restrição aos usos existentes; IV - Áreas de Conservação – a política nessa categoria de zona é admitir a ocupação do território sob condições adequadas de manejo dos atributos e recursos naturais, ou seja, consiste numa política de uso sustentável. Nessas áreas, as condições ambientais já alteradas pelo processo de uso e ocupação do solo apresentam níveis diferenciados de fragilidade, conservação e degradação, devendo ser aplicados programas de recuperação ambiental (BRASIL. Lei nº 40/98, 1998, art.14, p. 06).

A cada zona ou Área da APA-CQ é permitido, uso tolerado ou proibido. Zonas em que são permitidos parcelamentos, somente poderão ser implantados com infraestrutura completa: demarcação de vias com pavimentação em pedra, abastecimento d'água, energia elétrica / iluminação pública e esgotamento sanitário

e drenagem. O zoneamento ecológico-econômico deve ser revisado a cada quatro anos, ouvido o Conselho Deliberativo (BRASIL. Lei nº 40/98, 1998, art.15).

Entre as proibições previstas pela Lei nº 40/98 (1998), estão construção de rodovias, loteamentos ou empreendimentos turísticos sem prévia autorização, extração de minerais, captura de crustáceos, conchas, uso de agrotóxicos, implantação e funcionamento de atividades econômicas capazes de afetar os mananciais de água, vegetação, solo e ar, entre outros; o exercício de atividades capazes de provocar acelerada erosão de terras e/ou acentuado assoreamento das coleções hídricas, desmonte de dunas, paleodunas¹¹, falésias e retirada de vegetação fixadora das dunas, etc. (SEMACE, 2014).

A maioria das Áreas de Proteção Ambiental é permanente:

Canoa Quebrada ainda está em expansão, à necessidade mais premente é evitar a ocupação da área próxima à falésia por representar a zona mais sensível de toda a APA. Deve-se considerar que além de ser uma falésia recortada numa paleoduna, constituem Áreas de Preservação Permanente do ponto de vista legal. (LEAL, 2003, p.173).

Para alcançar o desenvolvimento sustentável, faz-se necessário compreender que o turismo e políticas públicas estão intrinsecamente ligados. No turismo há:

A soma de fenômenos e relações que resultam da interação entre turistas, governos dos territórios receptores, as comunidades de acolhimento, os governos dos territórios emissores, universidades, escolas e ONGs locais no processo de atração, transporte, alojamento e gestão dos turistas (DAGNIES, 2009, p.3).

Entre políticas públicas para minimização de impactos socioambientais, está a Legislação Ambiental da APA e a Legislação Urbanística de Canoa Quebrada e Estevão. Na prática, as leis que regulam a APA-CQ são legalmente “burladas” pelo próprio Comitê Gestor. Áreas verdes estão sendo desmatadas, ruas pavimentadas, equipamentos turísticos construídos em áreas de proteção permanente, para atender a demanda turística, modificando a paisagem e prejudicando a comunidade que, muitas vezes, nem percebe alterações da própria cidade.

A especulação imobiliária causa desagregação socioespacial no processo de desterritorialização e reterritorialização, promovido pelos empreendimentos para novos residentes e turistas. Muitas famílias são levadas a vender casas e passam a

¹¹ Paleodunas: Campos de areia que se apresentam de forma rebaixada, desmontadas pela erosão e cobertas por vegetação de grande porte.

habitar áreas periféricas, caracterizadas pela falta de serviços públicos: iluminação pública, coleta de lixo, saneamento básico.

A falta de saneamento e de fiscalização sanitária é um grave problema e representa a principal causa de contaminação do lençol freático da região. De acordo com resultados obtidos por Matanó, Lacerda e Marins (2003, p.163):

[...] os esgotos domésticos, a lixiviação e erosão dos solos, os fertilizantes utilizados na agricultura, e a pecuária [...] são as atividades antrópicas que mais emitem carbono, fósforo e nitrogênio para as águas estuarinas do Baixo Jaguaribe.

Devido à falta de conscientização da população, grande parte de residências joga esgoto doméstico em fossas artesanais não reforçadas, e também o lixo produzido, com a contaminação dos aquíferos. Residentes efetuam ligações clandestinas que despejam esgoto diretamente no mar, no rio ou manguezais. Além dos danos ambientais geram-se inúmeros problemas de saúde. A falta da participação efetiva da comunidade no planejamento turístico resulta em segregação espacial, sobretudo social; e os benefícios do turismo nem sempre são compartilhados com a comunidade.

O turismo traz nova ordem econômica, gera dependência econômica da comunidade e, por falta de qualificação, tem-se mão de obra barata e empregos sazonais, com abandono das atividades tradicionais, pesca, feitura de renda de labirinto e artesanato. Figura 26: novos usos de jangadas,

Figura 26 - Pescadores utilizam as jangadas para passeios turísticos



Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

O turismo segrega a população em áreas distantes, sem infraestrutura, ao invés de beneficiar a comunidade. Nesse contexto é importante o conhecimento de diretrizes e demarcação territorial da APA-CQ. Marcos referenciais e placas educativas devem, pelo poder público, empresariado e comunidade ser respeitado.

O Fundo Ambiental da APA-CQ, gerenciado pelo Comitê Gestor, constituído de recursos provenientes de multas, taxas e licenças, além de doações e subvenções financeiras, deve ser periodicamente investigado por controladoria com participação de integrantes do município, em acompanhamento do processo com lisura.

Construções irregulares e ocupação de Área de Preservação Permanente (APP), às margens do rio, sobre dunas, sopé de falésias, constituem significativo impacto ambiental. Área de falésia é mais vulnerável, pela raridade e instabilidade com ocupação intensiva, pela construção civil, circulação de pessoas e carros no topo, ou pela instalação de barracas no sopé (LEAL, 2003).

Nesses lugares, no sopé de falésias e na zona de intermarés, ergue-se construções irregulares de barracas de praia, o que traz problemas, além de não harmonizar com a paisagem natural e a arquitetura local, atrapalham o trânsito das

peças. A maré está cheia, leva a onda a bater na barreira que vai solapando a base e erodindo. Figura 27: barreira solapada e barracas.

Figura 27 - Barracas de praia no sopé das falésias



Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

O turismo é “uma atividade invasora, quando os projetos turísticos desrespeitam os valores locais, os ambientes, costumes e o significado que os residentes atribuem ao patrimônio histórico” (SOUZA NETO, 2011, p. 97).

O acompanhamento das políticas públicas é muito importante para que haja gestão democrática e participativa, melhorando aspectos sociais e minimizando impactos socioambientais do turismo.

A exploração comercial do território aliada ao planejamento ineficaz que norteia ações públicas ou privadas, resultam em impactos socioambientais que agridem a comunidade e o conjunto paisagístico da região.

Barracas de praia, atrativo turístico, são bares e restaurantes, situam-se no sopé das falésias, à beira-mar; 23 estabelecimentos que contribuem para acelerar o processo de erosão. O Ministério Público, em procedimentos administrativos, solicita laudo do Corpo de Bombeiros, e perícias realizadas pelos geógrafos e geólogos constataram que os estabelecimentos, além de provocarem erosão e assoreamento pluvial, põem em risco a vida de turistas e trabalhadores. A decisão judicial foi da 6ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Ceará, em 3 abril

de 2014, que determina a retirada de 18 barracas de praia em Canoa Quebrada. Figuras 28 e 29 localização de barracas de praia em Canoa Quebrada, no sopé das falésias e à beira-mar, áreas vulneráveis.

Figura 28 - Barracas de praia no sopé da falésia



Fonte: Jornal : Diario do Nordeste Abril 2014

Figura 29 - Barracas à beira-mar em Canoa Quebrada

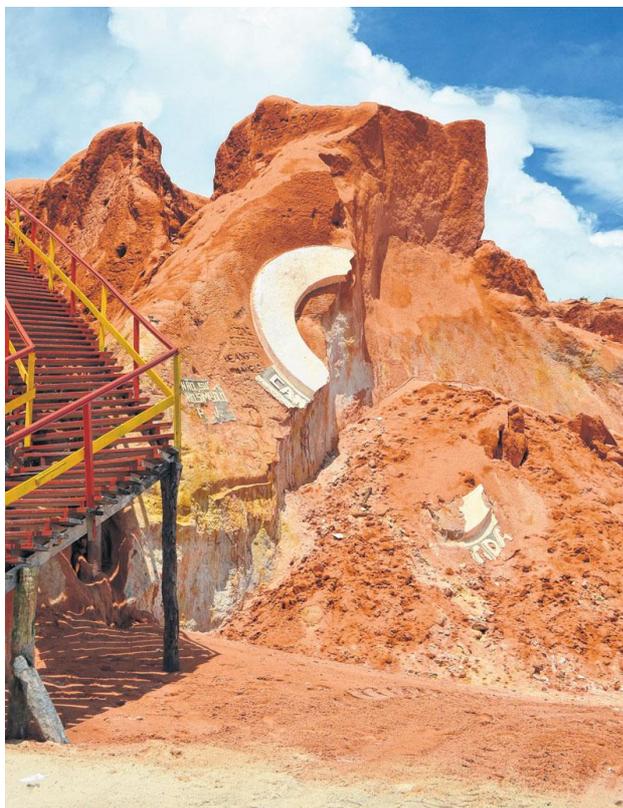


Fonte: Acervo Thereza Cartaxo, 2015.

A erosão das falésias, impermeabilização do solo e inexistência de sistema de drenagem pluvial intensificam a velocidade de escoamento das águas

das chuvas, provocando a abertura de enormes sulcos (voçorocas) nas falésias (PANTALENA, 2012). Figura 30: destruição do símbolo de Canoa Quebrada lua e estrela é recorrente.

Figura 30 - Destruição da falésia com o símbolo de Canoa Quebrada pela erosão



Fonte: DIÁRIO DO NORDESTE, 2015¹².

O tráfego de *buggys* e turistas nas dunas, falésias, bordas de lagoas, principalmente em áreas de Unidades de Conservação podem ocasionar destruição e degradação acelerada da vegetação, além da poluição de manancial hídrico, com impactos negativos do ponto de vista fisiográfico. “Tal fato parece ampliar o processo de migração das dunas móveis sobre as dunas fixas e a vegetação de manguezal” (CARVALHO NETA, 2007, p.99).

Do ponto de vista social, o turismo promove distribuição de renda, embora beneficie mais donos de empreendimentos que ficam com a maior parcela do lucro. A inflação de preços de alimentos, setor imobiliário e produtos básicos é sentida pelos residentes. O aumento de preços da maior atratividade turística, causada pela

¹² Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/lua-e-estrela-de-canoa-restauradas-1.1259752>>. Acesso em: 20 set. 2015.

concentração de turistas, com alto poder de consumo, mantém os preços dos produtos elevados.

Políticas públicas precisam melhorar e ampliar a infraestrutura urbana e instalações básicas para demandas da população e turistas. Sobretudo, é preciso trazer o olhar autóctone para promover a capacitação dos recursos humanos reinvestindo receitas fiscais em projetos focados em benefícios da vida social e da comunidade.

4 A BUSCA DE NOVOS PARADIGMAS PARA A SOCIEDADE E O TURISMO

Muito se tem abordado sobre o termo da sustentabilidade e atitudes sustentáveis. O conceito sustentabilidade se estabelece na década de 1990 no século XX para o mundo globalizado, mostrando a preocupação com a forma degradadora de uso dos recursos naturais apontando para os cuidados com a conservação de recursos naturais. O tema ganha importância nos debates sobre desenvolvimento econômico dos países. Para a transformação dos impactos socioeconômicos busca-se os paradigmas da sustentabilidade e do desenvolvimento humano e do capital social.

4.1 O PARADIGMA DA SUSTENTABILIDADE, DESENVOLVIMENTO HUMANO E DO CAPITAL SOCIAL

O processo de industrialização e urbanização de forma acelerada, em nome do desenvolvimento econômico, deixou em consequência, a alteração da paisagem e fortes impactos e danos à natureza. O progresso e os avanços tecnológicos trouxeram benefícios e preocupações à humanidade. Cresce a preocupação com o modelo de desenvolvimento e verificou-se que, se o homem continua a produzir e consumir nesse ritmo, destruirá o planeta. Daí a preocupação com o meio ambiente, com má utilização dos recursos naturais comprometendo a vida de milhares de pessoas, pondo em risco a existência de gerações futuras.

O desafio é o equilíbrio entre leis da natureza e leis da sociedade, sobrevivência de espécies e preservação dos recursos naturais, dos quais depende para sobrevivência humana, usando a natureza de forma equilibrada e respeitando ciclos da vida.

O desenvolvimento sustentável exige relação ecológica com o meio ambiente. Nessa inter-relação, encontram-se novas abordagens teóricas sobre o crescimento e desenvolvimento, relacionados com a conservação do “capital ambiental” e “capital social”, pois a abordagem puramente econômica não contabiliza custos socioambientais (BURSZTYN, 2005).

O desenvolvimento sustentável atende demandas do mercado, atentando para a conservação ambiental, sobrevivência do planeta e continuidade da espécie

humana, promove o bem-estar no ambiente físico e social, suprindo necessidades essenciais da vida humana.

Em 1968, questões ambientais são discutidas como pauta internacional, momento em que o Clube de Roma, composto de cientistas, políticos e industriais se reúnem para discutir a questão da sustentabilidade, meio ambiente e limites do crescimento. Os primeiros estudos científicos sobre sustentabilidade surgem em 1972, na publicação da obra “Os limites do crescimento” (CAMARGO, 2002). Na época, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, aliado ao Clube de Roma, simula interação de pessoas com o meio ambiente e conclui que, se a população mundial continuar a consumir e crescer em ritmo acelerado, os recursos naturais se esgotam em 100 anos (LIMA, 2006).

Reflexões sobre o tema ganham proporções generalizadas, e a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento propõe documento “Nosso Futuro em Comum”, produzido pela Organização das Nações Unidas (ONU). Logo, surge o Relatório de Brundtland em 1987, ampliando o debate em centros acadêmico e intelectual (CMMAD, 1991). O relatório da Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento (WCED, 1987; CMMAD, 1991), conhecido como Relatório de Brundtland, define desenvolvimento sustentável como:

Aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às próprias necessidades... Seus princípios consistem (1) no conceito de planejamento holístico e a criação de estratégias; (2) a importância de preservar processos ecológicos essenciais; (3) a necessidade de proteger o patrimônio humano e a biodiversidade; (4) a necessidade de buscar um tipo de desenvolvimento que permita a produtividade ser sustentada no longo prazo para as gerações futuras (o conceito de equidade intergeracional); (5) a meta de atingir um equilíbrio de justiça e oportunidades entre nações. (BURSZTYN, 2005, p.31).

Em 1980, com a publicação da Estratégia Mundial da Conservação da União Internacional da Conservação da Natureza – UICN, o termo sustentabilidade é assumido definitivamente. A Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento – CMMAD, é responsável pela concretização e difusão do conceito de sustentabilidade em escala mundial (CMMAD, 1991). A partir da década de 1990, adota-se o termo desenvolvimento sustentável.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano em Estocolmo - Suécia, em 1972, e a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento ECO-92, no Rio de Janeiro, efetivam o debate sobre sustentabilidade. A preocupação da humanidade com o meio ambiente entra em

pauta internacionalmente levantando questionamentos relacionados ao meio ambiente propondo nova ordem mundial, com orientação à educação ambiental e a respeito da natureza. Sabe-se que são atividades capitalistas, únicas responsáveis pelos danos e desequilíbrios causados ao meio ambiente.

A Natureza é a fonte natural dos recursos, apropriados ao consumo, desde bens naturais, água, solo, fauna, flora e recursos naturais e bens culturais que compreende o produto da inter-relação da sociedade com a natureza.

O conceito de desenvolvimento sustentável passa a ser novo paradigma, mostra a postura da sociedade para implementação de ações de crescimento socioeconômico com qualidade, maior equidade social, consciência ambiental respeito à diversidade cultural, na relação entre a natureza e as pessoas na busca da qualidade de vida (BUARQUE, 2004; HANAI, 2012; IRVING *et al*, 2005; CORIOLANO, 2011).

Diz Coriolano (2003) que como potência para o desenvolvimento socioeconômico, o turismo e o meio ambiente se encontram em relação recíproca; a atividade econômica transforma o meio ambiente, e o meio ambiente degradado causa restrições ao desenvolvimento econômico e social. Veja-se que desenvolvimento sustentável não restringe a geração de riqueza, questiona como produzir a riqueza e para quê. Não restringe o aumento do PIB (Produto Interno Bruto), mas questiona a inter-relação de natureza com as pessoas e tudo o que se cria e se lhe dá significado, criando assim cultura. O espaço que oferece condições socioeconômicas e culturais não é espaço neutro, pois nele se produzem relações políticas, sociais, ideológicas gerando contradições (CORIOLANO; LEITÃO; VASCONCELOS, 2008).

O desenvolvimento sustentável, nessa compreensão, envolve a dimensão social e acontece quando os diversos atores e segmentos da sociedade são contemplados com repartição dos benefícios e equidade social, com escuta e considerações da demanda e das necessidades da comunidade, em sua busca de atendimentos específicos, e não apenas retirar demandas do mercado competitivo e globalizado (IRVING, BURSZTYN, SANCHO, MELLO, 2005).

A retrospectiva histórica infere que a preocupação com a sustentabilidade é recente e intrinsecamente ligada às formas de resistência política e pelas estratégia de desenvolvimento econômico. O modelo econômico degradador e segregador leva à busca da sustentabilidade, do retorno à natureza e da

salvaguarda dos valores culturais. O retorno à natureza fez surgir o turismo que é lazer fora de residência e, em especial, junto à natureza e lugares de valores culturais, assim, o turismo invade Canoa Quebrada trazendo resultados positivos e negativos sobre populações e espaços. O governo aliado a comunidades tem o papel de mediar os conflitos econômicos, sociais, culturais e ambientais a fim de reduzi-los ao máximo possível, sobretudo para beneficiar lugar e pessoas.

O turismo tem como atrativo a natureza, e assim os impactos socioambientais são perceptíveis, primeiro que a comunidade pesqueira é expulsa para dar lugar ao núcleo indutor de turismo, o lugar é metamorfoseado e praia urbanizada. A turistificação do lugar deu início a nova ordem econômica e social. A aldeia de pescadores e rendeiras desaparece dando espaço a lugar e a equipamentos turísticos, ambientes de lazer e consumo, e há indagar para onde foram as famílias de pescadores.

4.2 O PARADIGMA DO TURISMO COMO FENÔMENO HUMANO

A atividade turística pode ser analisada sob diferentes óticas e interage com áreas do conhecimento humano. Por complexo, o turismo apresenta possibilidades de relações que permitem analisá-lo como fenômeno humano, que leva em conta interesses de polos receptores, no planejamento e criação de políticas de turismo.

O desenvolvimento turístico, atividade econômica, prima pela acumulação de capital e tem atentado muito à proteção de recursos naturais, o que contribui para depreciá-los ou transformá-los em mercadoria. Daí a necessidade de modo de promoção do turismo que contribua com o desenvolvimento de núcleos receptores, ou seja, desenvolvimento na escala humana (SAMPAIO, 2007).

A autodependência explicada por Max-Neef (1994) consiste na forma de regeneração ou revitalização local, pelo esforço, capacidade e recursos de cada um da comunidade, propondo o “desenvolvimento à escala humana”.

A história da humanidade é marcada pelas discontinuidades e não tem forma homogênea de desenvolvimento. Cujá conceito está agregado à sociedade moderna. A modernidade tem como característica ritmo acelerado e rapidez de mudanças em esferas sociais, econômicas, culturais e ambientais, em escalas locais

e globais. A nova ordem social e econômica é marcada pelo industrialismo e capitalismo com avanços tecnológicos. Na expectativa de futuro melhor, dialeticamente, o estilo de vida moderno se associa as incertezas, inquietudes e turbulências (BRASILEIRO, 2012; BAUMAN, 1997; GIDDENS, 1991).

Polêmicos discursos abordam teorias de desenvolvimento no contexto da modernidade. Elas representam discursos ideológicos com análise diferenciada, burguesa, evolucionista, conservadora, reformista, consensual ou crítica, com ideologias que justificam interesses sobre a realidade.

Teorias científicas investigam a realidade para entendimento do fenômeno e apontam diretrizes para políticas do desenvolvimento com superação do subdesenvolvimento em países periféricos (CORIOLANO; SAMPAIO, 2012).

Após a Segunda Guerra mundial e em consequência de impactos sociais e econômicos, a ordem mundial volta-se ao crescimento econômico, com o argumento de reduzir desigualdades entre países centrais e periféricos para a manutenção do sistema econômico capitalista, países centrais elaboram intervenções acreditando que o modelo de progresso dos países centrais deveria ser implantado em países periféricos. Tendo o crescimento econômico como vetor principal, aspectos políticos, ambientais, culturais e sociais ficam subordinados ao sistema econômico. Seguindo o modelo, o Brasil promove o crescimento industrial, entra em processo de desenvolvimento, sem preocupação em beneficiar qualidade de vida da população (BRASILEIRO, 2012). Acredita-se que um desenvolvimento levaria a outro.

Na esfera econômica, o desenvolvimento foi reduzido ao simples crescimento econômico. Só em 1962, o Conselho Econômico das Nações Unidas recomendou a inclusão dos aspectos sociais ao desenvolvimento. As Propostas de Ação da Primeira Década do Desenvolvimento da ONU (1960-1970) determinavam que o problema dos países subdesenvolvidos não fosse simplesmente o crescimento, mas sim o desenvolvimento. E que desenvolvimento implica mudanças sociais, culturais e econômicas, mudanças, sobretudo qualitativas (CORIOLANO, 2003, p. 7).

Surge assim novo enfoque de desenvolvimento, capaz de satisfazer necessidades do homem, democratizando a economia com distribuição de riqueza, não concentrá-la, mas beneficiando a maioria, distribuída com equidade atendendo as necessidades humanas, promovendo a qualidade de vida em países periféricos. As necessidades humanas são as mesmas, não se relacionam a tempo ou lugar, o que diferencia é a forma de atendê-las.

O desenvolvimento na escala humana se sustenta na satisfação das necessidades básicas dos seres humanos, na geração de níveis crescentes de autodependência e na articulação orgânica dos humanos com a natureza e a tecnologia, dos processos globais com comportamentos locais, do pessoal com o social, da planificação com a autonomia e da Sociedade Civil com o Estado. Necessidades humanas, autodependência e articulações orgânicas, são pilares fundamentais que sustentam o desenvolvimento na Escala Humana. Mas para servir seu propósito sustentador devem, por sua vez, apoiar-se sobre uma base sólida. Essa base se constrói a parti do protagonismo real das pessoas, como consequência de privilegiar, tanto a diversidade com a autonomia das áreas em que o papel das pessoas é realmente possível. Havendo diferenciado os conceitos de necessidades e de satisfator, é possível formular dois postulados adicionais. Primeiro: as necessidades humanas fundamentais são finitas, poucas e classificáveis. Segundo: As necessidades humanas fundamentais são as mesmas em todas as culturas e em todos os períodos históricos. O que muda através do tempo e das culturas, é a maneira e os meios utilizados para a satisfação das necessidades [...] Cada sistema econômico, social e político adota direções/estilos para a satisfação das mesmas necessidades humanas fundamentais (MAX-NEEF, 1994, p.14-27).

As necessidades humanas são universais e atemporais, as formas de satisfazê-las é que variam de acordo com a cultura da sociedade. Desenvolvimento no contexto da Teoria do Desenvolvimento na escala Humana, não está relacionado à renda, padrão de vida urbano, consumista e materialista, são índices enganosos, numéricos e com base em médias irreais. Em novo paradigma a felicidade humana deve estar presente no processo de desenvolvimento, com a maioria das pessoas beneficiadas (CORIOLANO, 2012; MAX-NEFF, 1994; ELIZALDE; HOPENHAYN, 1983; SACHS, 2003; SCHUMACHER, 1983; SAMPAIO, 2012).

Turismo, força indutora de desenvolvimento econômico, tanto nos níveis local, regional e nacional pode ser realizado de forma a alcançar sustentabilidade, desde que o foco de governos. Vincula-se ao crescimento econômico concentrado ou ao desenvolvimento social, quando a produção de riqueza é distribuída com equidade com justiça social atingindo a escala humana. A sustentabilidade se baseia em vetores que se interligam: qualidade de vida; desenvolvimento sustentável e socioambiental (CORIOLANO, 2003; DIAS, 2011; SCHUSSEL, 2012).

A Organização Mundial de Turismo (2001) define turismo sustentável como “ecologicamente suportável em longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente equitativo para locais e comunidades, exigindo integração com o ambiente natural, cultural e humano”. Mostra preocupação com o crescimento econômico, gerada pelo turismo em núcleos receptores, manutenção da integridade cultural, assim como riscos de degradação sociais e ambientais. O desenvolvimento sustentável permite acesso da população ao planejamento e ao crescimento

econômico promovido pelo setor, com capacidade de satisfação das necessidades, sem comprometer as necessidades das gerações futuras (CORIOLANO, 2009; SCHUSSEL, 2012).

O desenvolvimento do turismo com sustentabilidade surge como alternativa ao turismo convencional minimizando impactos negativos da cultura, economia e meio ambiente, em comunidades receptoras. Com política direcionada à cidadania com ética social e preservação do meio ambiente. Turismo alternativo em contraponto ao turismo convencional (WÖHLKE, 2005).

Turismo alternativo não é segmento do turismo, mas alternativa ao turismo convencional, semelhante ao conceito de desenvolvimento endógeno. É turismo participativo com inter-relação entre turista e residente, valorização da cultura.

Na visão de Beni (2002), é um encontro intimista com a natureza e ambiente de caráter familiar com residentes. O turista busca vivência autêntica e genuína, motivado pelo prazer de vivenciar novas experiências, longe dos centros urbanos cosmopolitas ou destinos turísticos artificiais empregados pelo comércio e consumo.

O turismo participativo e endógeno é sustentável, gera ganhos mútuos, no encontro de culturas e troca de saberes, promovendo benefícios sociais e econômicos em polos receptores preservando valores históricos, culturais e ambientais.

O turismo como desenvolvimento sustentável e endógeno fortalece o crescimento local promovendo cultura e participação ativa dos atores sociais no setor produtivo, preservando valores atendendo necessidades básicas e garantindo melhor qualidade de vida da comunidade (CORREDOR; CABEÇA, 2008). Afirma Coriolano (2003) que:

Em 1978 os especialistas da UNESCO criaram outro conceito de desenvolvimento – o desenvolvimento endógeno. Esse modelo de desenvolvimento recomendava que os países fugissem da imitação mecânica das sociedades industrializadas. Assim, as soluções seriam locais e não globais. As iniciativas deveriam originar-se nas culturas locais e com os potenciais de cada localidade, construindo-se o embrião do desenvolvimento local (CORIOLANO, 2003, p. 8).

Nessa perspectiva, questões humanas e ambientais são focos centrais do desenvolvimento que promovem a inclusão social, valorização de bens culturais e bem-estar econômico e o crescimento voltado ao desenvolvimento dos valores

humanos, maximizando e potencializando talentos e criatividade das pessoas (BRASILEIRO, 2012, p.83), para alcançá-lo os residentes são os principais sujeitos do processo e a produção de riqueza atende necessidades fundamentais dos indivíduos e autodependência da comunidade (CORIOLANO, 2012). Trata-se de processo de desenvolvimento pautado no modelo de desenvolvimento à escala humana apresentada por Max-Neef (2012), que propõe desenvolvimento baseado em necessidades humanas, diversidade e autonomia precisam ser respeitadas, indivíduos são protagonistas do próprio futuro, pressupõe democracia direta e participativa. O desenvolvimento à escala humana refere-se à pessoa e não ao objeto; a qualidade de vida depende de possibilidades que a pessoa tem de satisfazer suas necessidades humanas fundamentais.

Este conceito de desenvolvimento vem de encontro ao indicador principal de desenvolvimento e crescimento adotado internacionalmente, Produto Interno Bruto - PIB indica o crescimento quantitativo de objetos. Sem levar em conta a melhoria da qualidade de vida, não reflete o desenvolvimento da sociedade, gera impactos negativos ao bem comum. Para Max-Neef (2012) desenvolvimento e crescimento são distintos. Assim como uma pessoa, uma economia pode parar de crescer economicamente e continuar se desenvolvendo.

O PIB mede o crescimento econômico da região, cidade ou país, pela soma do valor de todos os serviços e bens produzidos, em uma região e em um determinado tempo. Criado, em 1930, pelo economista Simon Kuznets, de origem russa naturalizado americano, em 1971, recebeu o Prêmio Nobel de Economia, houvera pontuado que “a riqueza de uma nação dificilmente pode ser aferida pela medida da renda nacional” (QUITÉRIO; SANTOS, 2014).

Para ampliar avaliação, em 1990, o economista paquistanês Mahbud ul Haq lançou Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), com base anual, medido pela ONU - Organização das Nações Unidas, em indicadores de renda, expectativa de vida, saúde e educação do país, estado e município. O índice varia na escala de 0 a 1. Foi o início das avaliações centradas na qualidade de vida das pessoas. A consequência foi forte contraste quando comparado aos números do PIB. O Brasil é a sexta economia do mundo segundo o PIB, mas figura na 84ª posição, entre 187 países avaliados em 2011 pelo IDH. Em 2013, o Brasil cresce, em média, 0,95% no período, em 79ª posição no ranking do desenvolvimento humano (PNUD, 2014).

O desenvolvimento humano, no Brasil, se dá de forma lenta, marcado pelo crescimento econômico concentrado e desigual, promove exclusão econômica e social, com aumento da violência urbana e degradação do meio ambiente. O que pode ser observado em comunidades litorâneas que crescem sem desenvolvimento à escala humana, a exemplo da praia de Canoa Quebrada, que buscou no turismo alternativa para superar dificuldades. Nesse contexto, Coriolano (2000) diz que:

Um conceito mais exigente que o conceito de crescimento econômico. Para que o desenvolvimento se concretize, não basta crescer a economia, a produção de riqueza ou o PIB (Produto Interno Bruto), faz-se necessário, sobretudo, que essa riqueza circule elevando o poder aquisitivo e a qualidade de vida de todos os segmentos da sociedade dentro dos princípios de direitos humanos. Quando cresce a economia e ela não é redistribuída, ocorre apenas o crescimento econômico concentrado. O desenvolvimento só se dá quando o crescimento econômico beneficia a todas as pessoas, ou seja, atinge a escala humana. Assim, todo desenvolvimento é crescimento econômico, mas nem todo crescimento econômico é desenvolvimento. O Brasil cresceu economicamente, mas não se desenvolveu, uma prova disso é a grande exclusão social com a negação dos direitos humanos (CORIOLANO, 2000¹³).

Max-Neef (2012) acrescenta que o PIB (Produto Interno Bruto) é indicador economicista do desenvolvimento, considera qualquer transação de mercado sem considerar consequências, se produtivas, improdutivas ou destrutivas. Neste contexto, a depredação indiscriminada de recursos naturais, na construção de megaequipamento turístico, faz o PIB crescer. A política de desenvolvimento não compatibiliza o desenvolvimento pessoal e social. Advoga o desenvolvimento verdadeiro e o eco-humanista, desenvolvimento comprometido com a realização das necessidades humanas fundamentais, com sustentabilidade garantindo o desenvolvimento de uma sociedade saudável, na atual e futura geração. O autor defende a economia a serviço das pessoas.

A Felicidade Interna Bruta - FIB é indicador que completa a abordagem do desenvolvimento à escala humana, centrado na pessoa. Felicidade Interna Bruta (FIB) é indicador sistêmico desenvolvido no Butão, pequeno país do Himalaia. O conceito nasceu em 1972, elaborado pelo rei butanês Jigme Singya Wangchuck. Desde então, o reino de Butão, com apoio do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), começou a pôr o conceito em prática, e atraiu a atenção do resto dos países com a nova fórmula de medição do progresso da comunidade ou nação. Assim, o cálculo da “riqueza” deve considerar outros aspectos além do

¹³ Disponível em: http://www.equiponaya.com.ar/congreso2000/ponencias/Luzia_Neide_Menezes.htm. Acesso em: 20 set. 2015.

desenvolvimento econômico, como conservação do meio ambiente e a qualidade da vida das pessoas (LUSTOSA; MELO, 2014).

Felicidade Interna Bruta é um indicador baseado na premissa de que o objetivo principal da sociedade não deve ser somente o crescimento econômico, mas integração do desenvolvimento material com o psicológico, o cultural e o espiritual – sempre em harmonia com a natureza.

As dimensões do indicador felicidade interna bruta, baseadas em Lustosa e Melo (2014), são:

- **BEM-ESTAR PSICOLÓGICO** - Avalia o grau de satisfação e de otimismo do indivíduo, em relação à própria vida. Os indicadores incluem prevalência de taxas de emoções, positivas e negativas, e analisam a autoestima, sensação de competência, estresse e atividades espirituais.
- **SAÚDE** - Mede a eficácia de políticas de saúde, com critérios de autoavaliação da saúde, invalidez, padrão de comportamento, exercício, sono, nutrição, etc.
- **USO DO TEMPO** - O uso do tempo é um dos mais significativos fatores de qualidade de vida, especialmente o tempo para lazer e socialização com família e amigos. A gestão equilibrada do tempo é avaliada, incluindo tempo no trânsito, no trabalho, nas atividades educacionais, etc.
- **VITALIDADE COMUNITÁRIA** - Foca nos relacionamentos e interações em comunidades. Examina o nível de confiança, sensação de pertencimento, vitalidade dos relacionamentos afetivos, segurança em casa e na comunidade, prática de doação e de voluntariado.
- **EDUCAÇÃO** - Leva em conta fatores como participação em educação formal e informal, competências, envolvimento na educação dos filhos, valores em educação, educação ambiental, etc.
- **CULTURA** - Avalia tradições locais, festivais, valores nucleares, participação em eventos culturais, oportunidades de desenvolvimento de capacidades artísticas, discriminação por causa de religião, raça ou gênero.

- **MEIO AMBIENTE** - Mede a percepção do cidadão quanto à qualidade da água, do ar, do solo, e da biodiversidade. Os indicadores incluem acesso a áreas verdes, sistema de coleta de lixo, etc.
- **GOVERNANÇA** - Avalia como a população enxerga o governo, a mídia, o judiciário, o sistema eleitoral, e a segurança pública, em termos de responsabilidade, honestidade e transparência. Também mede a cidadania e o envolvimento dos cidadãos nas decisões e processos políticos.
- **PADRÃO DE VIDA** - Avalia a renda individual e familiar, segurança financeira, nível de dívidas, qualidade das habitações, etc.

A experiência do Butão ilustra a teoria de Max-Neef (2012), que ressalta ser impossível afirmar que as necessidades humanas fundamentais são constantes, históricas e culturais. A escassez de evidências empíricas dificulta mostrar o caráter sóciouniversal, do conceito, já que, em todos os lugares, as pessoas buscam satisfazer necessidades, em inter-relação dos seres humanos e sociedade, as necessidades se alteram ao longo da história. Os satisfatores se modificam de acordo com o ritmo da evolução e diversidade histórica cultural, em inter-relação permanente e dinâmica.

São necessidades individuais ou coletivas: Ser, Ter, Fazer e Estar que objetivam suprir as necessidades humanas. Os bens econômicos afetam, de forma positiva ou negativa, eficiências dos satisfatores, em permanente dinâmica, dialética em relação ao contexto histórico e cultural.

Max-Neef (2012) apresenta matriz de Necessidades e Satisfatores, ilustrativa e não normativa ou conclusiva. Dados do preenchimento do quadro variam em relação à cultura do indivíduo, o grupo e momento histórico.

Quadro 1 - Matriz de Necessidades e Satisfatores

	Ser	Ter	Fazer	Estar
Subsistência	Saúde física Saúde mental Equilíbrio Solidariedade, senso de humor Adaptabilidade	Alimento Abrigo Trabalho	Alimentar Procriar Descansar Trabalhar	Meio ambiente, Meio Social
Proteção	Cuidado Adaptabilidade Autonomia	Sistema de Segurança Poupança, Seguro Social,	Cooperar, Prevenir, Cuidar, Curar, Defender,	Espaço onde se mora, Ambiente social,

	Equilíbrio Solidariedade	Sistema de Saúde, Família e Direitos	Planejar	Habitação
Afeto	Autoestima, Solidariedade, Respeito, Tolerância, Generosidade, Receptividade, Paixão, Determinação, Sensualidade, Senso de humor	Legislação, Amizade, Família, Parcerias, Animais, domésticos, Plantas, Jardim, Relação com a natureza	Fazer amor Acariciar, Expressar emoções, Compartilhar, cuidar, Cultivar, Apreciar	Privacidade, Intimidade, Lar, Espaço de. Encontro
Entendimento	Consciência crítica, Receptividade, Curiosidade, Espanto, Disciplina Intuição Racionalidade	Leitura, Professores Métodos, Políticas educacionais Políticas de comunicação	Investigar, estudar, Experimentar, Educar, Analisar, Meditar, Interpretar	Ambiente de interação formativa, Escolas, Universidades, Academias, Grupos de comunidades, Família
Participação	Adaptabilidade, Receptividade, Solidariedade, Vontade, Determinação, Dedicação, Respeito, Paixão, Senso de Humor	Direitos, Responsabilidades, Obrigações, Privilégios, Trabalho	Filiar-se, cooperar, Propor, Compartilhar, Divergir, Acatar, Interagir, Concordar, Expressar opiniões	Ambiente de Interação Participativa, Festas Comunidades Vizinhança, Família
Ociosidade	Curiosidade, Receptividade, Imaginação, Despreocupação, Senso de humor Tranquilidade, Sensualidade	Jogos, Espetáculos, Clubes, Festas, Paz. de espírito	Divagar, Sonhar, Lembrar dos velhos tempos, Mergulhar em fantasias, Relembrar, Relaxar, Divertir-se, Brincar	Privacidade, Intimidade, espaço de encontro Tempo livre, Espaço que rodeia-nos, Paisagens
Continua. Criação	Paixão, Determinação, Intuição, Imaginação, Ousadia, Racionalidade, Autonomia, Curiosidade	Destrezas, Habilidades, Método, Trabalho	Trabalhar, Inventar Construir, Desenhar Compor, Interpretar	Ambiente de produção e informação, "Workshops", Grupos culturais, Audiências, espaços para expressão, Liberdade temporal
Identidade	Sensação de pertencer Consistência, Diferença,	Símbolos, Linguagem, Religião,	Comprometer-se Integrar-se, Confrontar-se,	Ritmos sociais Ambientes do cotidiano,

	Autoestima, Assertividade	Hábitos, Costumes Grupos de referência, Sexualidade, Valores, Normas Memória histórica Trabalho	Conhecer a si Próprio Reconhecer-se, Realizar-se, Crescer.	Ambientes aos quais pertencemos, estágios de amadurecimento
Liberdade	Autonomia, Autoestima, determinação, Paixão, Assertividade, Abertura de mente, Ousadia, Rebeldia, Tolerância	Igualdade de Direitos	Discordar, Escolher, Diferencia-se, Arriscar, Desenvolver a consciência, Comprometer-se, Desobedecer, Meditar	Plasticidade espaço Temporal

Fonte: Max-Neef, 2012, p.41.

Colunas do quadro: Ser, Ter, Fazer e Estar. “Ser” indicam condições pessoais ou coletivas, expressa por substantivo. Coluna “Ter” indica normas, instituições, mecanismo, ferramentas (não no sentido material), leis. Coluna “Fazer” registra ações pessoais ou coletivas expressas por verbos. Coluna “Estar” indica lugar, ou locais e meios com espaço e tempo. Categorias existenciais se relacionam com Satisfatores que têm características variáveis, identificados como:

- Satisfatores Inibidores - Atribuídos a costumes, hábitos ou rituais, supervalorizam a necessidade podendo inibir ou facilitar a satisfação de outras necessidades.
- Satisfatores Singulares - Satisfazem a necessidade do indivíduo em particular, têm origem em instituições públicas ou privadas.
- Satisfatores Sinérgicos - Satisfazem uma necessidade e possibilita e estimula a satisfação de outras necessidades; têm valor na cooperação e não na competição ou coerção, característica anti-hegemônica.
- Satisfatores Exógenos - São satisfatores induzidos impostos pela sociedade civil hegemônica, impulsionado de cima para baixo.
- Satisfatores Endógenos - Satisfações do bem comunitário, escolhas livres e libertadoras, podem ser promovidas pelo Estado de origem anti-hegemônicas.

Satisfatores não são bens econômicos, ligados subjetivamente às necessidades de determinada cultura e sociedade, e contribuem para a frustração ou realização das necessidades humanas. Para o autor, as necessidades humanas fundamentais são universais, o que difere é a maneira, o meio usado de satisfazê-las de acordo com o momento histórico e cultura da sociedade em constante movimento.

Nesta perspectiva, as questões humanas e ambientais são focos centrais do desenvolvimento local, que promove à inclusão social a valorização de bens culturais e o bem-estar econômico e o crescimento, voltado para o desenvolvimento dos valores humanos, maximizando e potencializando os talentos e a criatividade das pessoas do local (BRASILEIRO, CORIOLANO, MEDINA, 2012, p.83).

Para alcançar o desenvolvimento, os residentes são os principais atores do processo e produção de riqueza para atender às necessidades fundamentais dos indivíduos promovendo autoindependência da comunidade (CORIOLANO, 2012).

Nessa linha de pensamento, o turismo deve ser focado no desenvolvimento local e à escala humana, não pautado somente em elevação dos índices econômicos, levando em consideração valores culturais e ambientais. A realidade de Canoa Quebrada e seu desenvolvimento com o fenômeno do turismo será apresentada a seguir.

4.3 O OLHAR DOS RESIDENTES SOBRE O TURISMO EM CANOA QUEBRADA

Para compreensão do olhar dos residentes sobre o turismo foram realizadas visitas *in loco* explorando a área em estudo observando o cotidiano da comunidade, aguçando a percepção do pesquisador – culminando com a aplicação de questionários em novembro de 2015. Para resguardar a identidade dos entrevistados serão utilizados nomes fictícios.

Foram aplicados dois tipos de questionários: um questionário para os residentes e outro para antigos moradores investigando aspectos positivos e negativos do turismo em Canoa Quebrada, e como se deu a transformação da vila de pescadores e rendeiras em destino turístico. De que forma a comunidade participou do processo de turistificação do lugar. Foi perguntado aos novos

residentes sobre o motivo que os levaram a morar em Canoa Quebrada e custos e benefícios advindos da atividade do turismo.

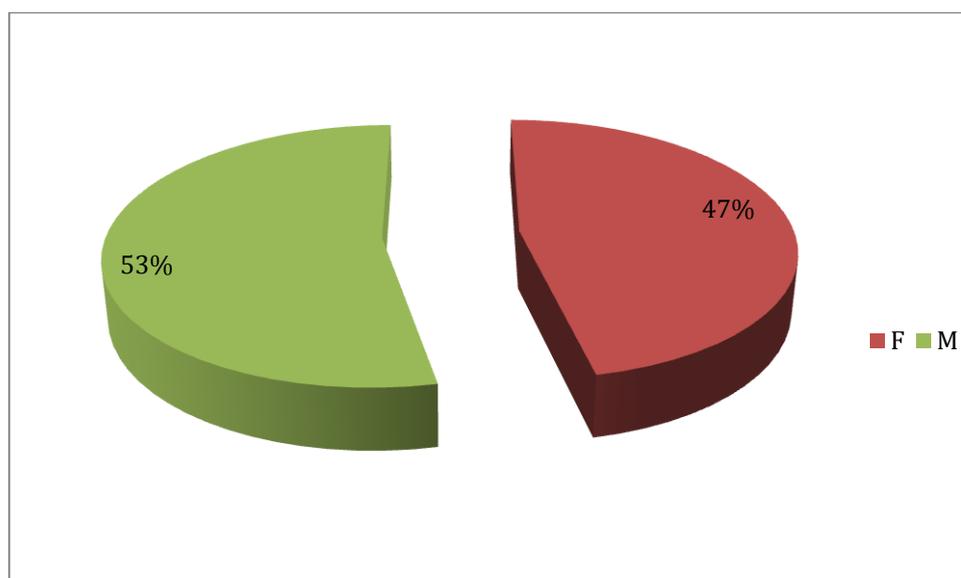
Os dados obtidos na pesquisa de campo, assim como observações, conversas informais e aplicação de 50 questionários, aos nativos e 50 questionários aos novos residentes, dados, analisados e interpretados respondem a questões que nortearam a pesquisa, com abordagem quantiquantitativa.

A aplicação dos questionários foi por meio de contato direto, com amostragem aleatória, sem escolha prévia de lugares. As entrevistas foram realizadas na Associação dos Moradores, em praça, restaurantes, residências, com pessoas dispostas a colaborar com a pesquisa. O critério previamente estabelecido foi a condição de ser nativo e novo residente independente do lugar de origem. Diz Richardson (1999, p. 196) que, “no contato direto, o pesquisador pode explicar e discutir os objetivos da pesquisa e do questionário, responder dúvidas que os entrevistados tenham sobre certas perguntas”. Assim foi feito.

Dados obtidos de entrevistas permitem identificar o perfil social dos entrevistados, caracterizando a amostra nos seguintes aspectos: gênero, faixa etária, estado civil, renda familiar, profissão e origem de novos residentes.

Em relação ao gênero o critério foi aleatório, não houve escolha ou parâmetro técnico previamente estabelecido. Em percentual quantitativo dos entrevistados 53% masculino e 47 % feminino (Gráfico 1).

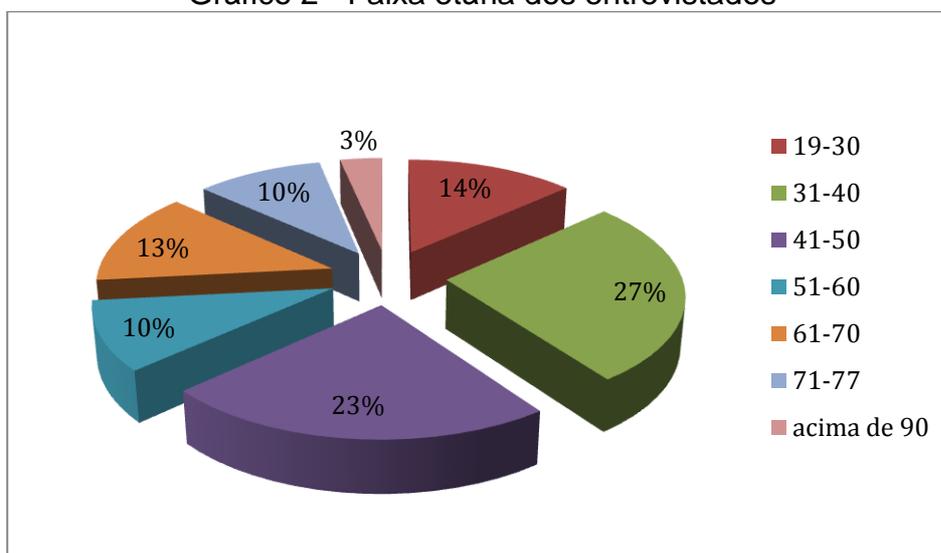
Gráfico 1 - Gênero dos entrevistados



Fonte: Thereza Cartaxo, 2016.

A faixa etária dos entrevistados foi prioritariamente de jovem e adulto, 64% somando-se o percentual de idade entre 19-30 a 41-50 anos (Gráfico 2), representam parcela significativa de pessoas economicamente ativa, em condições de empreender economicamente ou participar do mercado de trabalho, em emprego formal ou informal. Os 36% dos entrevistados somam ao percentual de idade acima de 50 anos, em amostra significativa da pesquisa que tem foco no relato dos residentes que vivenciaram o início do processo de transformação do lugar pela atividade do turismo.

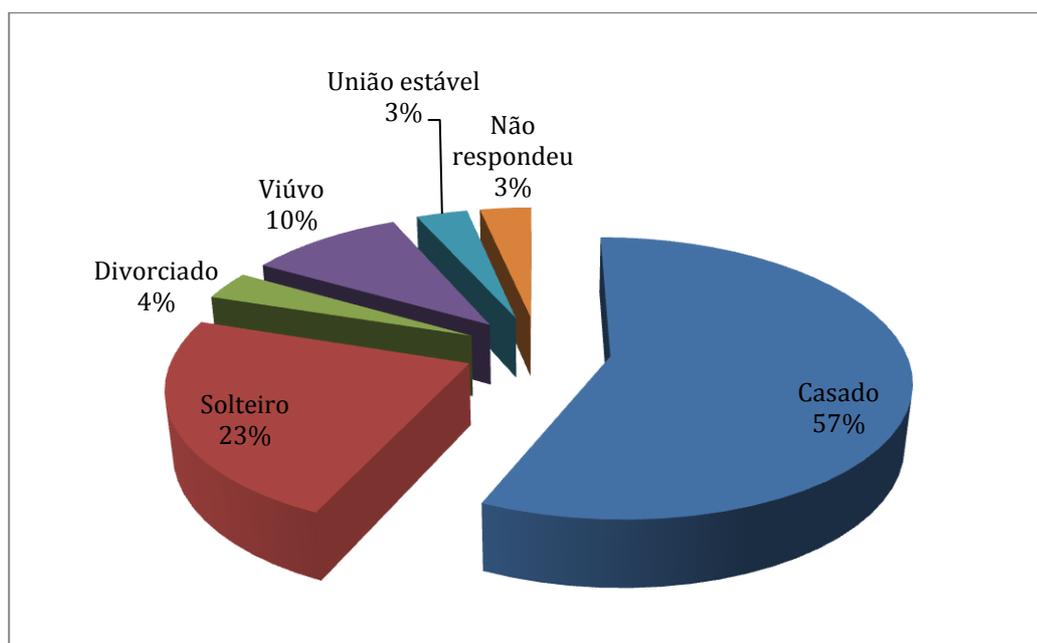
Gráfico 2 - Faixa etária dos entrevistados



Fonte: Thereza Cartaxo, 2016.

No quesito estado civil, 60%, maioria, são casados ou mantêm união estável – dos quais 57% casados, declaram-se ser casados com nativas ou nativos e 3% têm relação estável. Entre os residentes e novos residentes entrevistados, 23% são solteiros, viúvos, divorciados e os que não declararam o estado civil somam um percentual de 17%. (Gráfico 3):

Gráfico 3 - Estado civil

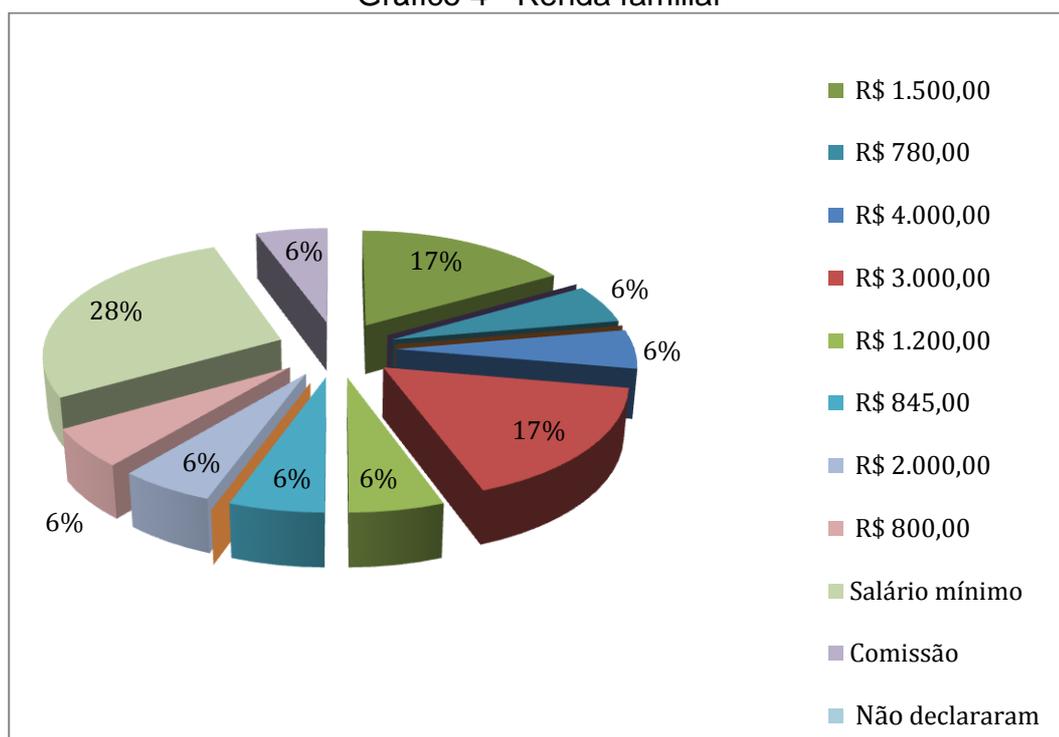


Fonte: Thereza Cartaxo, 2016.

Em relação à renda familiar e atividade econômica, caracterizou-se pelo contingente significativo de entrevistados que atua no mercado informal que oferece produtos ou serviços, providos de habilidades pessoais, atuando direta ou indiretamente na cadeia econômica do turismo.

Pode-se observar que a maioria dos empreendimentos turísticos, a exemplo de hotéis, pousadas, restaurantes e lojas, pertence ao grupo dos novos residentes, geradores de emprego e renda, que absorvem a mão de obra “local”. Declarado pelos nativos o maior benefício da atividade do turismo. Gráfico 4: renda familiar dos entrevistados.

Gráfico 4 - Renda familiar



Fonte: Thereza Cartaxo, 2016.

A população é bastante heterogênea, absorve novos residentes de regiões do Brasil e estrangeiros. O que se torna relevante é que os nativos representam apenas 33% da amostra dos entrevistados. A pesquisa considera nativo, indivíduos nascidos em Canoa Quebrada. E os novos residentes são indivíduos moradores advindos de outras localidades. Segundo Dantas (2002, p. 85), em 1975, a população foi estimada em torno de 1000 habitantes com aproximadamente 200 residências. Em 2011, a população chega aproximadamente a 4.200 habitantes (ESMERALDO; LIMA, 2011, p.166).

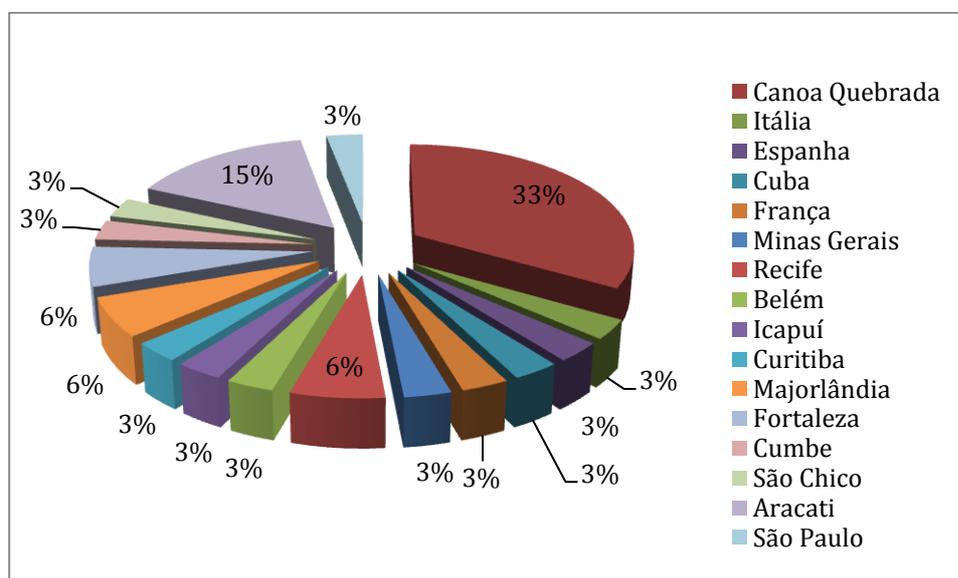
Identificou-se número crescente de novos residentes, entre os quais alguns em trabalho ou domicílio sazonal, permitindo inconstância do número populacional. Como declara o presidente da Associação dos Moradores de Canoa Quebrada, Francisco Edvando Ferreira, conhecido popularmente o Louro:

“a população é flutuante, depende da época do ano, as pessoas vêm, moram aqui, trabalham, viajam e depois voltam, oscila, acredito que em media tem umas 3.500 pessoas”.

O critério “nativo ou novo residente” é relevante na pesquisa que objetiva analisar o processo de turistificação, sob a perspectiva do olhar dos antigos moradores, aqui representados como pescadores e rendeiras, que vivenciaram o

início do turismo e relatam a transformação da antiga aldeia de pescadores em um destino turístico (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Entrevistados segundo naturalidade



Fonte: Thereza Cartaxo, 2016.

Sobre a vida, moradores de Canoa Quebrada, antes do turismo, o relato destaca que:

Nossa Canoa era tudo diferente, não tinha rua assim (pavimentada), as casas eram de taipa, cobertas de palha, os homens saíam para pesca no mar, as mulheres buscavam água no chafariz e lenha para cozinha, e fazia labirinto que era o nosso trabalho, tudo comercializado em Aracati [...]. Agora tem luz, água, fogão a gás. (Pedro)

Questionado sobre o que mudou com o turismo:

Foi aparecendo gente, vinha de pés, ficavam nas casas da colônia, vindo mais gente, comprando e construindo casas, mudando tudo, hoje em dia tá assim Canoa. Agora tem trabalho, corre dinheiro, não tem mais pescador, as meninas novas, as netas não querem fazer labirinto, só na vaidade, passeando, tudo se compra na loja [...] eles não têm esta parte do passado. (João).

Também ficou uma coisa ruim para nós, quando o turismo vem às coisas ficam muito cara, ruim pra gente pagar. Mas a gente vai se aguentando. Antigamente tinha muita fartura de comida por aqui, muito peixe, muito legumes, o pessoal plantava tudo, hoje nada disso tem. O pessoal mais velho já se acabaram tudo. Criei 11 filhos, da pesca e labirinto. Relata a mais antiga residente, 94 anos, nativa de Canoa Quebrada. (Joana)

O relato é unânime e repetido entre antigos moradores que vivenciaram vida comunitária, com fartura de alimentos e atendidas necessidades dos indivíduos. O depoimento revela sentimento de pertencimento, ao se referir ao lugar “Nossa Canoa”, onde tudo era diferente da Canoa de hoje. O turismo imprimiu novas

necessidades de consumo, impulsionou relações comerciais, descaracterizando a essência dos valores sociais e culturais da comunidade.

O início com o turismo alternativo, comunitário, familiar quando hospitalidade era questão de honra. O advento do turismo transformou a virtude humana da hospitalidade espontânea e gratuita no ganha-pão e em negócio. Assim, as relações comerciais estabelecem-se atendendo as necessidades do turista que invade o lugar (KRIPPENDORF, 2000).

Perguntado aos residentes nativos: como aconteceu a transformação da vila de pescadores e rendeiras em um destino turístico, o depoimento dos nativos constata;

Canoa cresceu desordenadamente. Foi descoberta por acaso por jovens mochileiros na década de 1970. Os jovens se deslumbravam com esta beleza e um povo acolhedor. Os jovens fizeram propaganda e muitos vieram conhecer o lugar, chegando eram acolhidos nas casas dos moradores, dormiam e comiam tudo junto, não tinha interesses comerciais. (Paulo)

Aos poucos, alguns procuravam lugar para morar. Os nativos, carentes, vivendo da pesca artesanal, vida rústica passaram a vender ou trocar seus terrenos por fogão ou geladeira a gás e até por televisão, aí foi se expandindo geograficamente desordenada, abrindo becos e ruelas, na rua atrás da Broadway. Todos são posseiros, não tem documento, hoje pouquíssimos tem através do usucapião. (Dorinha)

O turismo chegou, despertou o interesse dos especuladores que compraram tudo e foram vendendo até para os estrangeiros, que tem muitos morando aqui, construíram casas, restaurantes, pousadas hotel e tudo. (José)

Os nativos não imaginavam que Canoa seria tão valorizada, cobiçada, hoje estão sofrendo com dificuldade para morar, a terra que tem não esta, mas na mão dos nativos, que não tem dinheiro para comprar um lugar para os filhos e netos morar. (Regina)

Turismo, como indutor do desenvolvimento econômico, oferece benefícios: infraestrutura, água encanada, luz elétrica, acesso viário, correios, caixa eletrônica bancária, posto de saúde e segurança, ainda de forma precária. Todos os benefícios são essenciais ao desenvolvimento do destino turístico. Diz morador:

No final da década de 1980 já tinha pousada, na década de 1990 e a de 2000 deslançou. Canoa passou de uma vila de pescadores para uma cidade, com infraestrutura e desenvolvimento econômico, melhorou muito. (Fernando)

O processo de urbanização melhora a qualidade de vida de residentes, para Krippendorf (2000, p. 69), euforia inicial dará à desilusão e visão realista das coisas, quando talvez seja tarde demais os autóctones terão perdido o controle sobre o próprio destino. O autor ressalva que “os turistas não imaginam o quanto

podem transtornar o equilíbrio emocional, religioso, cultural, econômico e ecológico das regiões visitadas e de suas populações”.

O turismo mudou tudo em Canoa, não da para viver da pesca, o peixe só da para o consumo, alguns passam dificuldades. Agora as jangadas fazem passeios com turistas. Quem faz labirinto tem outra fonte de renda, geralmente faz faxina, os moradores trabalham com o turismo; tem trabalho e tem renda, em contrapartida perdeu seu lugar de “dono”, a maioria é empregada dos empresários, que querem mandar em tudo. E tem os bugueiros que são nativos. Tem atividade para os jovens, cursos e lazer. (Renato)

Ficou tudo melhor com a chegada dos “gringos” tem mais trabalho para os jovens, conhecimento com novas culturas, infraestrutura e mais lazer. Veio também às drogas e a violência e os novos residentes que não se relacionam bem com os nativos. (Rosa)

São inegáveis os benefícios do turismo, simbolizando o progresso para a pacata vila de pescadores que recebeu e acolheu novos residentes, possibilitando crescimento econômico, capacidade de consumo, lazer, 57% declaram-se casados com nativas ou nativos, em convívio e relacionamento com pessoas de culturas diferentes. Nativa fala assim:

Canoa é uma mistura, miscigenação. Nativas se envolvem com estrangeiro e vão morar fora do Brasil, tem filhos de Canoa de nativos com estrangeiros e de estrangeiro com estrangeiro. A menina se envolve com estrangeiro, mas não é para fazer programa é só para se dar bem, para viajar. Mas a prostituição é pouca. Num destino turístico, não tem como não ter, drogas e mulher pra se vender. (Amadeu)

O turismo, em Canoa Quebrada, acontece em momentos distintos. Motivou viagem dos primeiros turistas, em busca de vivência autêntica e genuína, o prazer de vivenciar novas experiências longe dos centros urbanos ou destinos turísticos artificiais. O atrativo é o lugar e a cultura preservada (WÖHLKE, 2005). A viagem é um encontro intimista com a natureza, em ambiente de caráter familiar, com os residentes (BENI, 2002).

Os turistas de antigamente nos anos 1970/1980 a gente gostava, acreditava, ajudavam a comunidade, não traziam o mal. Tinha tranquilidade e segurança. No começo tinha muitas dificuldades, não sei como eles descobriram Canoa. Agora ninguém sabe mais quem chega aqui, não temos contatos, se afastam e a gente não confia mais. (Jorge)

No começo, quando vinha mais brasileiro, era bom, eles ficavam na casa da gente, comia o que a gente comia, ficavam amigos ; até hoje tem uns que ajuda a minha mãe. Mas com a chegada dos “gringos”, a gente não sabe mais com quem esta convivendo. (Mariana)

Relatam antigos residentes, o turismo inicia com a chegada de jovens alternativos e Canoa Quebrada vivenciou turismo alternativo em contraponto ao turismo convencional na atualidade. O turismo alternativo ou endógeno é quando

gera ganho mútuo no encontro de culturas e troca de saberes. Depoimentos reveladores:

Mudança brusca, não se imaginou que a aldeia se transformaria no que está hoje. Antigamente era como uma família, a nossa Canoa. (Lia)

Transformação difícil! Aceitar a convivência com os turistas, que modificaram Canoa. Antigamente, tinha tranquilidade e segurança, principalmente para os antigos, que ficam assustados com a violência e com as drogas. Cresceu muito, mudou muito. (Elias).

Esta rua aqui- se referindo a Broadway- era ficava as nossas casas. Agora nos moramos nos becos, uns não tem nem luz; não passa carro; quando a gente precisa de, por exemplo material de construção, areia, cimento, tijolo etc.. Que leva, o material, é a carroça que tem como passar nos becos. E de noite no escuro a gente tem medo de sair andando pelos becos, muito perigoso (Marta)

O processo de turistificação que transforma Canoa Quebrada em destino turístico, pautado no desenvolvimento econômico, modificou esteticamente o lugar, impactando socioeconômica e culturalmente, a comunidade. O crescimento econômico é concentrado em lucros do turismo convencional, não são distribuídos com equidade e justiça social, não valoriza bens culturais sem atender as necessidades básicas da comunidade.

Sobre se a comunidade foi ouvida e convidada a participar do processo de turistificação de Canoa Quebrada:

A comunidade não participou, posso dizer que a comunidade é vítima, foi explorada o nativo não estava preparado para essa evolução, pra este crescimento. (Gilmar)

A comunidade não participou, ficou um pouco isolada, não sei se por comodidade ou falta de capacidade. (Ângelo)

Os nativos estão perdendo todos os espaços, tem que conscientizar os jovens pra eles se apropriarem do que é deles... dessa beleza que Deus esculpiu pra eles... perdeu o espaço pros outros, vamos dizer assim, desfrutar. (Mariana)

Não, mas tem que ter atitude, não basta dizer só de boca que o lugar é meu. (Luiz)

Quem esta na frente são pessoas que moram aqui, mas sem ser daqui, mesmo dentro das entidades, tem nativos, mais a maioria são pessoas de fora, que tem outra visão, outro conhecimento e passa a tomar a frente de Canoa. (Andre)

Não, o turismo cresceu com muito conflito; agora estão querendo comprar a área da APA (Área de Proteção Ambiental). (José)

Sim, com participação. Há questionamento com confronto. (Emilia)

Não querem ouvir, foram só comprando. Não há dialogo. Eles vivem de reunião, mas não comunicam nada pra gente. (Renato)

Os nativos relatam que não houve participação efetiva no desenvolvimento do turismo, no que tange às decisões e planejamento. A imposição do capital de empresários e novos moradores, que dominam e assumem o comando, do lugar, é sentida com certo rancor pelos residentes, que perdem o controle do próprio destino.

Segundo Krippendorf (2000), o turismo de forma lenta se apropria do lugar, e de forma quase imperceptível, toma a direção do lugar das mãos dos autóctones, a invasão é perfeita do exterior pelos turistas e do interior pelos novos residentes. Assim o turismo moderno denota traços colonialistas.

O turismo é uma atividade em si contraditória, traz benefícios a comunidade receptora assim como provoca impactos ao meio ambiente e nas relações socioeconômicas e culturais. O que fica evidente com o índice de satisfação e de insatisfação de residentes, com efeitos provocados pelo turismo e convívio com novos residentes. Valores comunitários e sentimento de pertencimento do lugar são abalados e fragilizados em meio a conflitos.

O turismo não se desenvolveu com base na sustentabilidade, o foco no crescimento econômico minimiza o desenvolvimento humano que pressupõe democracia direta e participativa, os residentes atores principais do processo, potencializando talentos e criatividade promovendo autodependência da comunidade (BRASILEIRO; CORIOLANO; MEDINA, 2012).

O turismo gera o “progresso” e tira a aldeia do ostracismo, eleva a qualidade de vida, impulsiona a economia local, oportunizando trabalho e renda para residentes que trabalham direta ou indiretamente com o turismo. A comunidade torna-se dependente economicamente do turismo, com mudanças estruturais na relação de tempo e trabalho, que tinha como principal fonte de renda, recursos naturais.

Os pescadores guiavam-se pelas estrelas e o tempo de trabalho era pautado em fases da lua, que determinavam os ciclos da maré e festejos eram nas noites de lua cheia. Não se observa o encantamento do encontro da lua e da estrela que se tornou símbolo do lugar. Os saberes dos pescadores, a arte das rendeiras, peculiaridades da gastronomia somam, entre outras, dimensões culturais simbólicas, que foram atrativos de Canoa Quebrada, aos poucos abandonados, não valorizados no calendário turístico moderno.

As jangadas são utilizadas em passeio turístico, labirintos não figuram em vitrines das lojas, e os restaurantes oferecem gastronomia internacional, de acordo com a nacionalidade do proprietário, a exemplo: Italiano, português, espanhol, cubano, francês, argentino, entre outros. Expandem-se os negócios em prol do turismo; declinam hábitos, costumes e tradições influenciando diretamente na dinâmica do cotidiano da comunidade.

A chegada de novos residentes, no encontro e sobreposição de culturas, ocasionou não só mudança de comportamentos e hábitos, mas a perda da identidade, valores tradicionais foram diluídos e perdem significados. Novos valores sociais são legitimados pela cultura dominante dos novos moradores.

Perguntando-se a novos e antigos residentes, sobre as melhores e piores coisas trazidas pelo turismo, que interferem na vida e no cotidiano da comunidade, com as seguintes informações (Quadro 2)

Quadro 2 - Benefícios e malefícios do turismo segundo residentes

Boas	Ruins
Qualidade de vida; mais conforto para a vida, água, luz, transportes e tem ajuda dos conhecidos.	Nativos mudaram pela “invasão” do turista; droga; insegurança; falta de higiene do povo na rua, o crescimento desordenado.
Oportunidade de trabalho	Canoa não oferece emprego e sim trabalho
Trabalho com turismo	O trabalhador não é valorizado, é explorado.
Novas barracas de praia	Associações de bugueiros não credenciadas, pessoas não habilitadas dirigem nas dunas.
Empregos; Renda	Drogas (venda e consumo)
Aumenta o comércio, diversos produtos para comprar e vender.	Tudo muito caro, tem muito turista, gringo, o preço é alto.
Renda familiar aumentou	Aumentou o custo de vida.
Cultura, conhecimento do mundo.	Prostituição; Violência
Crescimento geográfico	Não há solução urbana pelo Poder Público, cresceu desorganizada.
Têm de tudo de uma cidade, bancos, correios, loteria e diversão.	Alguns nativos ficaram desabrigados. Sem lugar para mora. Vendeu o que tinha
Gasto menos vivendo aqui do que em uma cidade grande.	Assaltos, abandono. Sem investimento por parte do poder publico. Sem segurança
Passeios de jangada, bugre, parapente. Mais lazer	Gente estranha morando aqui. Barulho, bagunça
Tranquila sem estresse da cidade	Sem tranquilidade, sem segurança,

grande, contato com a natureza.	tem medo de sair à noite, andar pelos becos de Canoa.
Muitas construções, boas pousadas, hotéis e restaurantes. Surpreende os turistas.	Sem fiscalização. Degradação ambiental
Desenvolvimento	Desunião da comunidade
	Nativos estão sumindo

Fonte: Thereza Cartaxo, 2016, com base em entrevistas.

A população manifesta os mais diversos sentimentos, com a percepção das transformações sociais e econômicas provocadas pelo turismo que vão de apoio a repúdio, de benefícios às interferências negativas para comunidade.

O turismo contribui de forma significativa, para melhoria das condições dos residentes de Canoa, onde a pesca e a agricultura não garantem renda suficiente e não é atrativa para a industrialização. A maior fonte de riqueza são os recursos naturais “capitalizados” pelo turismo que atrai investidores e novos residentes, que urbanizam e turistificam o lugar para atender demandas do turista.

Afirmam os nativos:

Eles, os novos moradores, vieram para cá, por dois motivos. Primeiro pelas belezas e tranquilidade, o povo acolhedor, o clima e vários aspectos naturais e culturais. Contemplaram, e segundo porque têm uma visão comercial, um futuro muito bom em termos de ganhar dinheiro, visão de empreendedor, de investidor. (Raimundo)

As pessoas vieram e divulgaram as belezas do lugar, e passou a ter um interesse econômico, uma oportunidade de viver bem e ganhar dinheiro. (Eleuda)

Regiões receptoras sabem que o turismo é capaz de salvar a população do seu isolamento, promovendo o “progresso” e de fazer com que as mesmas usufruam de vantagens, ambas têm esperança econômica como o principal motivo (KRIPPENDORF, 2000).

Perguntado aos novos residentes sobre o motivo de terem escolhido Canoa Quebrada para morar, declaram-se as seguintes respostas, tornando-se unânimes entre entrevistados:

Cheguei como turista me apaixonei pelo lugar e resolvi morar. (Mary)

Quando cheguei era uma vila muito tranquila para viver relaxadamente, um paraíso. Continua com suas belezas naturais, a praias as dunas; só que hoje é um lugar turístico, muito comercial. (Ruan)

Quando cheguei era um paraíso, não tem comparação com a Canoa de hoje, são dois lugares diferentes. Os nativos tinham muitas necessidades

econômicas, melhorou para eles que tem emprego, dinheiro e transporte. (Diego)

Moro aqui, encontrei a mulher da minha vida, vendo artesanato, sou artesão e vivo bem com o que ganho. (Manoel)

Mediante relatos, verifica-se haver ligação afetiva entre o lugar e residentes. O encantamento foi o primeiro critério para estabelecimento em Canoa Quebrada, posteriormente o fator econômico, quando novos moradores vislumbraram oportunidades de viver bem, explorando o lugar.

Diante de cenário de exploração do lugar e desenvolvimento turístico, a Vila do Estevão sobressai como sinônimo de resistência à especulação imobiliária, turistificação e destruição do meio ambiente, opondo-se à promessa de desenvolvimento pelo turismo, demonstrando que a atividade é contraditória.

A Vila do Estevão resiste à especulação imobiliária e à chegada do turismo de massa concentrando em Canoa Quebrada. O lugar preserva características da antiga aldeia de pescadores, moradores se organizaram para defender direitos, cultura e meio ambiente e fundam a Associação de Moradores dos Estevão - Canoa Quebrada (AME*CQ).

A Vila do Estevão inicia, em 1932, com a chegada da família Estevão Pereira da Silva, vinda do povoado de Fontainha, com a mulher, Maria Valente da Silva e treze filhos constroem casa de taipa próxima ao único vizinho, Manuel Marcos, e por ficar afastado dos amigos pescadores, o lugar passou a ser conhecido como Estevão. A família do Estevão continua a crescer e Maria Valente da Silva tem mais quatro filhos. (SILVA, 2002)

A vila do Estevão fica a 200 metros do centro de Canoa Quebrada, 70 famílias compõem o lugar, com população de 350 moradores e conta com 40 ha de terra (AME*CQ,1986).

O turismo se expande com a facilidade de acesso, luz elétrica e água encanada, inicia o processo de urbanização e investimentos turísticos concentrado em Canoa Quebrada, não chegando à Vila dos Estevão, que continua vivenciando o cotidiano pacato tendo como fonte de renda principal a pesca e a renda. A tranquilidade dos moradores dos Estevão é abalada com especuladores imobiliários.

Projeto de loteamento Ecológico Bahia de São Pedro foi apresentado aos moradores dos Estevão, em julho de 1985, empreendimento turístico para desenvolvimento, gerando emprego e renda para moradores da região. Assim

prometia Pedro Feitosa de Andrade, que chegou ao local com escritura de posse de terra dada pelo então prefeito de Aracati, Advogado Aberlado Costa Lima, com intenção de retirar os moradores das terras. Os moradores rejeitaram a proposta de remanejamento de suas moradas, em nome do “progresso” local, relata a moradora Francisleuda dos Santos Rocha.

Pedro Andrade reage em inquérito policial pelo processo judicial para expulsar os que ele chamou de invasores da terra, sugerindo que os moradores fossem transferidos para o Norte da localidade, loteamento de 40 hectares. Os moradores ficaram desorientados com a papelada falsa do suposto “dono”. Na ocasião, o advogado Inocêncio Rodrigues Uchoa se solidariza com a comunidade e presta assessoria jurídica em defesa legal dos moradores (SILVA, 2002 p.65).

Moradores apreensivos, indignados e unidos criam a Associação dos Moradores dos Estevão-Canoa Quebrada – AME*CQ, com apoio de Oscar Antônio Della Santa, nascido na Argentina, em Mar Del Plata, casado com Francisca Honorato dos Santos, neta do Sr. Estevão, conhecida como Fianga e ele como Índio.

O novo residente Carlos Limaverde Silva, conhecido como Kako, frequenta e participa da vida da comunidade, com o objetivo de legalizar a posse das terras. O fato é divulgado no Jornal e na televisão. A luta e a resistência da comunidade crescem gradativamente. Amplia-se a defesa em prol dos moradores que conta com apoio de artistas, intelectuais, jornalistas e amigos. Shows são realizados e vigília em frente a Palácio do Governo, fortalece-se a luta e a resistência da comunidade pelo direito de permanecer em suas terras e preservar a cultura, o meio ambiente e identidade.

A comunidade é um exemplo de resistência e consegue resultado vitorioso, no enfrentamento do poder do capital e da especulação imobiliária, em praias, com interesses turísticos que, em raras exceções, favorecem a comunidade. O Estado concede aos moradores do Estevão o Título de Domínio da Terra, no ano de 2002, ficando sob a responsabilidade do Instituto de Desenvolvimento Agrário do Ceará (IDACE) demarcar e regulamentar terrenos da Vila do Estevão. O Título de Domínio 6470/2006, em documento oficial, foi aprovado em 30 de novembro de 2006 pelo então superintendente do IDACE- Wilson Vasconcelos Brandão Júnior.

A Associação dos Moradores do Estevão de Canoa Quebrada tem o objetivo de fortalecer a vida em comunidade, preservar e proteger o meio ambiente. O território do Estevão é protegido pela APA*CQ- Área de Proteção Ambiental de

Canoa Quebrada e pela ARIE – Área de Relevante Interesse Ecológico, aprovada pela Lei 40/98. Isso reforça as regras estabelecidas no estatuto da associação. A AME*CQ mantém parceria com governos do Japão e Alemanha, e intercâmbio propiciando troca de experiências entre os jovens. Com resultados positivos, os governos financiam a construção da sede da associação, realizando o sonho antigo da comunidade, em busca de espaço adequado às atividades educacionais e sociais.

Pela experiência, uma comunidade unida e organizada pode enfrentar, com resultados positivos, imposição da hegemonia capitalista, na busca do lucro imediato, em detrimento dos valores sócio-culturais e ambientais, que formam a riqueza do lugar. Quando explorado de forma inadequada pelo turismo, a riqueza do lugar tende a desaparecer. O desafio da comunidade é conciliar turismo com preservação do meio-ambiente, tendo a valorização sócio-cultural como atrativo primordial.

Em Canoa Quebrada, os moradores foram coniventes com a especulação imobiliária e parece não ter havido resistência à chegada do turismo de massa. Casas e terrenos foram vendidos a especuladores e estrangeiros e o crescimento acontece de forma desordenada. A urbanização descaracterizou o lugar, ruas dos principais pontos turísticos são ampliadas e becos, onde residem os moradores são multiplicados.

Segundo Fracisleuda (2015), que participa da Associação dos Moradores (AME-C.Q), a degradação não é só territorial e ambiental, mas também cultural, gera desvalorização da história dos antepassados e fragmentação de laços afetivos. Outros graves problemas são lixo, poluição sonora, falta de saneamento, ocupação e destruição das dunas e falésias, dentre outros. O território de Canoa Quebrada é palco de conflitos entre antigos e novos moradores.

Conforme observações *in loco*, o turismo exerce forte influência sobre o lugar, onde é possível constatar, nitidamente, disparidade existente entre a vila do Estevão e Canoa Quebrada, uma mostrou-se resistente ao processo de turistificação, e a outra, resiliente.

5 CONCLUSÃO

Conhecendo Canoa Quebrada em 1977 e mantendo relação amigável com a comunidade, acolhida na casa de pescadores desfrutando do cotidiano, hábitos, costumes e culinária somados às belezas naturais e peculiaridades deste lugar, fizeram com que eu elegesse Canoa Quebrada praia predileta ao lazer; voltando inúmeras vezes em período diferente faz com que eu tenha acompanhado a transformação estética e socioeconômica promovida pelo turismo.

As viagens a Canoa Quebrada, nos anos, 2014 e 2015, realizadas com o objetivo específico de analisar e observar o cotidiano do lugar, com olhar e escuta sensíveis de pesquisadora, construindo uma visão crítica desta realidade metamorfoseada pelo turismo.

O processo de transformação, pela apropriação do espaço pelo turismo, fundamentou a realização desta pesquisa que resultou na descaracterização da paisagem e perda da identidade tradicional da comunidade e influência socioeconômica, ambiental e cultural da antiga aldeia de pescadores.

Pode-se contatar que, Canoa Quebrada foi descoberta pelos jovens em busca de um turismo alternativo ao turismo convencional, atraídos pelas belezas naturais e pelas peculiaridades de genuína aldeia de pescadores e rendeiras.

Comunidade acolhedora, turistas eram recebidos em casas de pescadores com quem estabeleciam relação “familiar” e não econômica. Lugar tranquilo e isolado de centros urbanos, foi divulgado como paradisíaco. A realidade durou pouco tempo, o “paraíso” despertou interesses políticos e econômicos, na exploração de atrativos do lugar pelo turismo.

A turistificação de Canoa Quebrada acontece de forma desorganizada, produz impactos negativos não só ao meio ambiente, mas às relações socioculturais. A comunidade, antiga aldeia de pescadores, rendeiras e artesãos, se descaracteriza com a chegada dos novos residentes motivados pela economia do turismo que provoca desapropriação dos moradores induzindo a venda das casas e terrenos para empreendimentos turísticos a preços irrisórios. Elege-se o turismo como possibilidade de crescimento e desenvolvimento do município sem contabilizar prejuízos dos nativos.

O turismo evolui a passos silenciosos, traz infraestrutura água encanada, luz elétrica, acesso viário e transporte regular, conquista a população, melhora a

qualidade de vida da comunidade, promove o desenvolvimento gerando emprego e renda, com o aumento do fluxo turístico, surgem necessidades de mais empreendimentos turísticos, restaurantes, comércio e opção de lazer, novos residentes com qualificação e capital tornam-se novos empreendedores.

Os nativos só percebem os impactos negativos com o turismo em estágio avançado, e o lugar é invadido e comandado pelos novos residentes, com imposição de novas culturas e novos hábitos; identidade local é diluída. O pescador e a rendeira deixam de ser a referência. A paisagem faz-se mercadoria, casas e terrenos de posse dos nativos, vendidos a baixo custo, reféns pela especulação imobiliária que urbaniza e supervaloriza espaços comercializados pela lógica do mercado. O processo se dá em meio a conflitos de interesses e beneficia minoria provocando problema habitacional na maioria.

A maioria dos nativos mora em ruelas interligadas por becos, sem pavimentação, saneamento e recolhimento do lixo e sem iluminação, o que dificulta mobilidade dos moradores em consequência do aumento crescente da violência, graves problemas que a comunidade enfrenta com a chegada do turismo.

Constata-se que os lugares centrais e urbanizados atendem prioritariamente ao turismo e demandas de turistas; localizam-se hotéis, pousadas, restaurantes, bares e comércio.

O turismo provoca elevação do custo de vida, abala a tranquilidade e segurança. Promove crescimento da economia, atrai investidores produtores de bens e serviços, gera emprego e renda e aumenta o poder de consumo da população, benefícios positivos. Também causa impactos negativos na população receptora e na transformação de territórios, impactando meio ambiente, economia e cultura.

A imagem de Canoa Quebrada, criada pelas ações de *marketing*, colabora de forma positiva com a demanda do turismo no litoral Leste do Ceará, por ser imagem coerente com a identidade do lugar. Quando fora divulgada era uma tranquila aldeia de pescadores.

Canoa Quebrada era um lugar tranquilo, hoje tem muita bagunça, barulho, prostituição, drogas, assalto e violência (Cláudia).

A imagem, de Canoa Quebrada com o crescimento do turismo, sofre modificações no tempo e no espaço, precisa ser ressignificada para que não chegue

ao turista uma imagem distorcida que cause falsas expectativas – tornando uma imagem negativa do lugar.

Conclui-se que o destino turístico sofreu modificações do meio ambiente natural e social, no processo de transformação de aldeia de pescadores a núcleo indutor de turismo no Ceará. No entanto não se observou ressignificação da imagem e marca do destino pesquisado. Sugere-se plano estratégico de *marketing* para estudo da imagem do destino e sua reodinamização no mercado.

Conclui-se que o turismo em Canoa Quebrada é vinculado ao crescimento econômico centrado, em que aspectos sociais, culturais e ambientais são subordinados ao sistema econômico em detrimento do desenvolvimento humano, quando lucros da atividade do turismo são distribuídos com equidade e justiça social, satisfazendo as necessidades humanas fundamentais, promovendo crescimento individual e autoindependência da comunidade. Turismo sustentável que promova desenvolvimento à escala humana, que só é possível quando a comunidade receptora participa efetivamente do processo.

Concorda-se com entrevistados que relatam não participarem do processo de desenvolvimento do turismo; não são ouvidos nas decisões e diretrizes da comunidade, tomadas à revelia dos nativos, que dependem do turismo para sobrevivência. Os espaços foram invadidos pelos novos residentes, e empresários do setor, beneficiados pelo privilégio da infraestrutura que atendem as demandas do turismo e turista.

Em conclusão, o turismo, como fenômeno humano, é em si contraditório, constitui uma complexa trama de elementos socioeconômicos, culturais e ambientais e interações. Um turismo saudável, para as comunidades receptoras, no caso Canoa Quebrada, faz-se necessário romper com o paradigma do crescimento econômico progressivo, pautado em produtos e acúmulo de capital, atendendo aos índices do PIB, em detrimento das necessidades das pessoas e da comunidade, com base na sustentabilidade e desenvolvimento à escala humana, como a exemplo do FIB. Como sugestão para elucidar um desenvolvimento humano do turismo. Assim como uma pessoa, o lugar pode parar de crescer e continuar a se desenvolver, a evoluir.

Propõe-se buscar alternativas, ao desenvolvimento e atendimento das sociedades nativas, salvando-as das práticas do turismo, muitas vezes, devastadoras.

REFERÊNCIAS

AAKER, David A. **Criando e administrando marcas de sucesso**. São Paulo: Futura, 1996.

ABEE – Associação Brasileira de Energia Eólica. **Nordeste é o maior produtor de energia eólica no Brasil; Ceará aparece em 3º no país. 2015**. Disponível em: <http://www.portalabeeolica.org.br/index.php/noticias/1267-nordeste-%C3%A9-maior-produtor-de-energia-e-%C3%B3lica-no-brasil-cear%C3%A1-aparece-em-3%C2%BA-no-pa%C3%ADs.html>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ABREU, João Capistrano. **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975.

_____. **Capítulos de História Colonial (1500-1800)**. 7a edição. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ACERENZA, Miguel Angél. **Administração do turismo**: conceituação e organização. Trad. Graciela Roberta. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

ALMEIDA, M.G Turismo e os novos territórios no litoral cearense. In: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

AMORIM, A.C.A. **A atividade turística**: análise integrada para uma construção sustentável. 126 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza - CE. 2006.

ANUNCIAÇÃO, V. S. da, et al. Algumas reflexões sobre memória urbana. **Revista Formação**. Presidente Prudente – SP, nº 8, 2001. p.87-97.

ARACATI - **Secretaria de Turismo Cultura e Meio Ambiente**. Calendário oficial de eventos. Disponível em: <<http://www.aracati.ce.gov.br/secretarias/turismo-cultura-e-meio-ambiente/>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

ASHWORTH, G.J. Products, Places and Promotion: destination images in the analysis of the tourism industry. In: **The Tourism Industry**: an international analysis. CAB International: Wallingford, 1991.

ASHWORTH, Gregory J; VOOGD, Henk. Marketing and place promotion. In: GOLD, John, R.; WARD, Stephen (eds.), **The Use of Publicity and Marketing to Sell Towns and Regions**. Chichester: John Wiley & Sons, 1994, 39-52.

ASSAEL, H. **Comportamiento del consumidor**. 6. ed. México: International Thompson Editores, 1999.

AZEVEDO, A.de. Vilas e Cidades do Brasil Colonial. **Revista Terra Livre-Geografia Espaço e Memória**, São Paulo N. 10. 1994.

BALOGLU, S.; MCCLEARY, K. W. A model of destination image formation. **Annals of Tourism Research**. 26(4), pp. 868-897, 1999.

BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros (Organizador). **Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional** - Relatório Brasil /- 2ª ed. revisada — Brasília : Ministério do Turismo, 2008. 84 p. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/MIOLO_65xdestinosx_revisao4set.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2015.

_____. Índice de competitividade do turismo nacional (Recurso eletrônico): destinos indutores do desenvolvimento turístico regional: relatório Brasil 2014 / Coordenação Luiz Gustavo Medeiros Barbosa. – Brasília, DF: SEBRAE, 2014. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/indice_Brasil_2014_2.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2015.

BARBOSA, Maria Edivani Silva; SOUZA, Maria Salete de. Aracati (CE) no século XVIII: espaço e memória urbana. In: **XIII Encontro Nacional de Geógrafos**, 2002, João Pessoa. Por uma Geografia Nova na Construção do Brasil. João Pessoa: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), 2002a. v. 1. p. 158-158.

_____; SOUZA, Maria Salete de. Os Agentes Produtores do Espaço Urbano em Aracati (CE) no Século XVIII. In: **V Seminário do Mestrado Acadêmico em Geografia**, 2002, Fortaleza. Pensando a Geografia Cearense: ambiente, cultura e sociedade, 2002b.

_____. **Aracati (CE) no período colonial: espaço e memória**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Mestrado Acadêmico em Geografia, Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza – CE, 2004.

BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, 2003, vol.9, n. 20. p. 15-29.

_____. **Turismo, cultura e sociedade**. EDUSC, Caxias do Sul, 2006.

_____. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas-SP: Papyrus, 2012.

BARROSO, O. Aracati um olhar sobre a cultura. In: GALVÃO, R (org.). **Aracati: Labirinto de Sonho e Luz**. SEBRAE - Fortaleza-CE. 2006. P.54-73.

BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: Diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro, Letra e Imagem, 2009 pp. 142-161.

BAUMAN, Z. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

BEERLI, A.; MARTÍN, J. D. Tourists' characteristics and the perceived image of tour destinations: a quantitative analysis—a case study of Lanzarote, Spain. **Tourism Management**. 25, p. 623–636, 2004a.

BEERLI, A.; MARTÍN, J. D. Factors influencing destination image. **Annals of Tourism Research**. 31(3):pp. 657–681, 2004b.

BENEVIDES, I. P. **Turismo e prodetur: dimensões e olhar e sem parceria**. Fortaleza: UFC 1998.

_____. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. RODRIGUES, A. B. (Orgs.). **Turismo Desenvolvimento Local**. 3 ed. São Paulo, Hucitec, 2002. p.23-41.

_____. O Turismo e seu Planejamento Governamental no Ceará. In: CORIOLANO, Luzia Neide. (Org). **O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local**. Fortaleza: FUNECE, 2003 p. 41-51.

_____. A Política de Turismo no Ceará e a Capacitação. **GEOUSP - Espaço e Tempo**. N.14, p. 31-44 São Paulo-SP, 2003.

BENI, M.C. **Análise estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC, 2001.

_____. O Profissional do Turismo na Sociedade Pós-Industrial. In: GASTAL, Suzana; KRIPPENDORF, Jost. (Org.). **Turismo Investigações e Crítica**. São Paulo: Editora Contexto, 2002, v., p. 93-110.

BIGNAMI, Rosana Viana de Sá. **A imagem do Brasil no turismo: construção, desafios e vantagem competitiva**. São Paulo: Aleph, 2002.

BORGES, M.C.; DALBERIO, O. Aspectos metodológicos e filosóficos que orientam as pesquisas em educação. **Revista Iberoamericana de Educación**, 43, p.1-10. 2007.

BOSQUE, Ignacio Rodríguez Del; MARTÍN, Hector San. Tourist satisfaction: a Cognitive Affective Model. **Annals of Tourism Research**, Vol. 35, No. 2, pp. 551–573, 2008.

BOTELHO, Caio Lóssio. Semi-árido excepcional. In: **Anuário do Ceará 1996/1997**. Fortaleza: Empresa Jornalística O Povo e Anuário do Ceará Publicações, 1997.

BRASIL. Lei nº 40/98 de 20 de março de 1998. Legislação Ambiental da APA. **Legislação Urbanística de Canoa Quebrada e Estevão**. Disponível em: <<http://www.semace.ce.gov.br/2010/12/area-de-protecao-ambiental-de-canoa-quebrada/>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Sol e Praia: orientações básicas**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. – 2.ed – Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 59 p. ; 24 cm. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Sol_e_Praia_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 12 dez. 2015.

_____. _____. **Plano Nacional de Turismo** – o turismo fazendo muito mais pelo Brasil 2013-2016. Disponível em:
<http://www.turismo.gov.br/images/pdf/plano_nacional_2013.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.

BRASILEIRO M.D; MEDINA J.C; CORIOLANO L.N. (org). **Turismo, cultura e desenvolvimento**. Campina Grande- EDUEPB, 2012.

BUARQUE, S.C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro R.J Garamond, 2004.

BUHALIS, D. Marketing the competitive destination of the future. **Tourism Management**, 21, P. 97-116, 2000.

BURGOS, A; CARNEIRO, D. M; HALLACK, N. **Turismo de base comunitária**: Estado da arte e experiências brasileiras. Brasília: UNB, 2006.

BURSZTYN, I; BARTHOLO, R; DELAMARO, M. **Turismo para quem?** Ilhéus-BA: Editur, 2009.

_____. **Políticas Públicas de Turismo visando a Inclusão Social**. 2005. 117p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação de Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

CALDAS, R. W. (Coord.) **Políticas Públicas: Conceitos e Práticas**. Belo Horizonte: SEBRAE/MG, 2008. 48 p.

CAMARGO, H. L. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo: Aleph, 2002.

CAMILO, C. D; ALBUQUERQUER, J. S; SALES, R. K. L; CARDOSO, M. L; VALDEVINO, R. Q. S; FORTES, S. H. A. C. Cenário para o Setor Turístico no Estado do Ceará (Brasil) para o Período de 2013 a 2023 – **Turismo & Sociedade** V.7 N.2 p. 248-270 Curitiba 2014.

CANOA QUEBRADA.com. Disponível em: < <http://www.canoa-quebrada.com/> >. Acesso em: 31 out. 2014.

CANOABRASIL. **Símbolo de Canoa Quebrada**. 2010. Disponível em:
<<http://www.canoabrasil.com/simbolo.html>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

CARVALHO, A. F. Políticas Públicas em Turismo no Brasil. **Sociedade e Cultura**, 3(1 e 2): 2000, 97-109.

CARVALHO NETA, M. D. L. **Evolução geomorfológica atual e análise ambiental da foz do rio Jaguaribe**. 2007. 126f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CAVALCANTE, S. A. S.; COSTA, J. H. A canoa furada: condições e relações de trabalho no setor de hospedagem em Canoa Quebrada (CE). **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p.83-103, abr. 2011.

CMMD. Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso Futuro Comum*. 2. ed. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1991. CEARÁ. Centro de Ciência e Tecnologia. Ceará, 2011.

CHAGAS, M. M. Formação da Imagem de Destinos Turísticos: Uma Discussão dos Principais Modelos Internacionais. **Caderno Virtual de Turismo**. 9(1), pp. 117-127, 2009.

CHAGAS, M.M., MARQUES JUNIOR, S., DUARTE, A.C.F. Análise do processo de formação da imagem de destinos turísticos de sol e raia: um estudo em Canoa Quebrada/CE. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, 7(3), pp. 456-475, set./dez. 2013.

CHAGAS, Márcio Marreiro; BRANDAO, Pamela de Medeiros. Formação da imagem de destinos turísticos: Uma discussão dos principais modelos internacionais, 2008. In: **2o Seminário de Pesquisa em Cultura e Turismo (CULTUR) & IV Seminário do Núcleo de Turismo da UESC (SEMMINTUR)**, 2008, Ilhéus. Seminário de Pesquisa em Cultura e Turismo (CULTUR) & IV Seminário do Núcleo de Turismo da UESC (SEMMINTUR). 2008.

CHAGAS, Márcio Marreiro das; DANTAS, Andréa Virgínia Sousa. Imagem de destinos e competitividade sustentável: Um estudo de Natal sob a percepção do mercado Ibero- Holandês In: **V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SEMINTUR)**, Caxias do Sul, 2008.

CHAUÍ, M: **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense. 2006.

CIRINO, Carlos Alberto Marinho. Pescadores em terra – O caso de Canoa Quebrada. O imaginário no processo de transformação de uma colônia de pescadores do litoral cearense. Diss. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1990.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999.

CMMAD (Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento). **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1991.

COOPER, Chris. **Turismo: princípios e prática**. Bookman, 1997.

CORADINI, Lisabete. **Cenários e imagens das cidades litorâneas do nordeste do Brasil** – VI Congresso Português de Sociologia. Universidade Nova de Lisboa, 2006.

CORIOLANO, Luzia Neide M.T. O desenvolvimento na escala humana. **Congresso Virtual**, 2000. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Luzia_Neide_Menezes.htm>. Acesso em: 22 set. 2015.

_____. (org). **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: Premium, 2003.

_____. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza.** São Paulo: Annablume, 2006.

_____; LEITÃO, C.S; VASCONCELOS, F.P. Sustentabilidade e insustentabilidade do Turismo Litorâneo. **Revista de Gestão Costeira Integrada**, 8(2):11-23 (2008). Disponível em: http://www.aprh.pt/rgci/pdf/rgci-130_Coriolano.pdf. Acesso em: 22 set. 2015.

_____; ARAÚJO, A.M.M; VASCONCELOS, F.P **Arranjos produtivos Locais do turismo comunitário: Atores e cenários em mudanças.** Fortaleza: EdUECE, 2009.

_____. Ecoturismo e Contribuição ao Desenvolvimento Sustentável em Comunidades. Ceará - Brasil. **Revista Geográfica da América Central**, número especial, EGAL, 2011.

_____; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Discursos e concepções teóricas do desenvolvimento e perspectivas do turismo como indução. CORIOLANO, L.N.M.T; VASCONCELOS, F.P. **Turismo, território e conflitos imobiliários.** Fortaleza: EdUECE, 2012.

_____. (org.). **Turismo, território e conflitos imobiliários.** Fortaleza: EdUECE, 2012.

CORREA, R. L; ROSENDAHL, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura.** Ed. UERJ, 1998.

CORREDOR C.E; CABEÇA M.A.R; Cabeça M.E. **Turismo endógeno e sustentável: uma nova atividade econômica na Venezuela.** duto v.12 n.47 Puerto Ordaz-2008. Disponível em: http://www.scielo.org.ve/scielo.php?pid=S13168212008000200007&script=sci_arttext. Acesso em: 27 jun. 2014.

COSTA PORTO, J. da. **Estudo Sobre o Sistema Sesmaria.** Recife: Imprensa Universitária, UFPE, 1965.

CRUZ, Gustavo da; CAMARGO, Patrícia de. A construção da imagem dos destinos turísticos através de seu patrimônio cultural intangível. **IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL.** Universidade de Caxias do Sul (RS), 2006.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Política de turismo e território.** São Paulo: Contexto, 2000.

CUNHA, M.E.N. **Mercado público em Aracati: análise de suas representações e sociabilidades (1960 - 1980) *** - Universidade Estadual do Ceará (UECE)/ Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM). Graduando em História e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET).

DAGNIES. Jérémy. Le vécu des professionnels du tourisme wallon impliqués dans la fabrication d'une démarche qualité. In: Pyramides. **Les réformes de l'administration vues D'en bas** - volume II. Bruxelles, 2009.

DANTAS, E. W. C. **Mar à Vista: estudo da maritimidade em Fortaleza.** Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura e Desporto, 2002.

DANTAS, E. W. Corrêa. **Sistemas de cidades em terra semi-árida**. In: ALMEIDA, Maria G. de; RATTS, Alecsandro JP. (orgs). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia, 2003. p.207-236.

DANTAS, E. W. C. **Maritimidade nos trópicos: por uma geografia do litoral**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

DANTAS, Fabiana Santos. **Direito fundamental à memória**. Curitiba: Juruá, 2010.

DANTAS, Shirley Carvalho. **Turismo, produção e apropriação do espaço e percepção ambiental: o caso de Canoa Quebrada, Aracati, Ceará**. 2003.191 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

DE MASI, D. **A economia do ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DE MASI, D; RUSSELL. B; LAFARGUE. P. **A Economia do Ócio**. Editora Sextante GMT: Rio de Janeiro-R.J, 2010.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Atlas, 2011.

DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Marina Rodrigues de. **Fundamentos do turismo: conceitos, normas e definições**. São Paulo: Alínea, 2002.

DIAS, R. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo, 2003.

DUARTE JUNIOR, Romeu. Arquitetura Colonial: meio-ambiente, projeto e memória. **Revista CPC**, São Paulo, n.7, pp 43-73, 2009. Disponível em: < www.revistas.usp.br/cpc/article/download/15638/17212 >. Acesso em: 16 jul. 2015.

DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

ECHTNER, Charlotte M; RITCHIE, J. R. Brent. The meaning and measurement of destination image. **The Journal of Tourism Studies**. v. 14, n. 1, p. 37-47, 1991.

ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELIAS, Denise. (Org.). **O Novo Espaço da Produção Globalizada: o Baixo Jaguaribe (Ce)**. Fortaleza: EdUECE, 2002. 363 p.

EMBRATUR-IEB. (2001): **Polos de ecoturismo: planejamento e gestão**. São Paulo: Terragraph 2011.

ESMERALDO, L. R. A . **Jangadeiros e pescadores: os dilemas do turismo em Canoa Quebrada**. Fortaleza: SENAC, 2002.

FERNANDES, Laura M.M. **O Ceará Turístico: política de regionalização e governança**. 361f. 2014. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza – CE, 2014.

FERNANDES, Leônidas Cavalcante. **Aracati: o que pouca gente sabe**. Rio - São Paulo - Fortaleza: ABC Editora, 2006.

FERREIRA, C.L. **Trabalho, tempo livre: uma reflexão sobre o uso do tempo da população brasileira**. Dissertação Mestrado em Engenharia de Produção. Paraná - Ponta Grossa, 2010

FÓRUM Permanente de Cultura de Aracati. Disponível em:
<<http://forumdeculturade aracati.blogspot.com.br/>> Acesso em: 20 dez. 2015.

FROTA, A.J.S. Por uma mitologia literária da memória e do esquecimento: o papel da narrativa memorialista nos contos sobre Seymour Glass. **Espéculo. Revista de estudos literários**. Universidad Complutense de Madrid, 2010. Disponível em:
<<http://www.ucm.es/info/especulo/numero44/mitglass.html>>. Acesso em: 20/06/2015.

GALLARZA, Martina G; GARCIA, Haydaer Calderon; SAURA, Irene Gil. Destination image: towards a conceptual framework. **Annals of Tourism Research**, v. 29, n. 1, p. 56-78, 2002.

GALVÃO, R;(Org.) BARROSO, O; VASCONCELOS,E; GUMARÃES,D.
Aracati:Labirinto de Sonho e Luz. Fortaleza-CE. SEBRAE – 2006.

GAMBOA, S.S: **Epistemologia da pesquisa em educação**. São Paulo: Papirus. 1996.

GAU – Guimarães Arquitetura e Urbanismo– **Diagnóstico Socioambiental da APA de Canoa Quebrada**. (Inédito), Fortaleza, 2002.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed UNESP, 1991.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. **As Oficinas ou Charqueadas no Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. Da conquista à implantação dos primeiros núcleos urbanos na capitania do Siará Grande. In: SOUZA, Simone (Org.). **História do Ceará**. Fortaleza: UFC/Fundação Demócrito Rocha, 1989.

GIRÃO, Raimundo. **Evolução histórica cearense**. Banco do Nordeste do Brasil SA, Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste, 1986.

GUTIÉRREZ, H. S. M. **Estudio de La imagen de destino turístico y el proceso global de satisfacción: adopción de un enfoque integrador**. Santander (ES). Tese Departamento de Administracion de Empresas de La Universidad de Cantabria, 2005.

HANAI, F.Y. Desenvolvimento e sustentável e sustentabilidade do turismo: conceitos, reflexões e perspectivas. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, G&DR. v 8, p.198-231, São Paulo-2012. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/download/589/276>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

HEGEL, G.W.F.: **Wissenschaft der Logik**. Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp. 1996.

_____. **Fenomenologia do Espírito**, Petrópolis, Vozes. 2003a.

_____. **Princípios da filosofia do direito**, São Paulo, Martins Fontes. 2003b.

HIWASAKI, L. Community-based tourism: A pathway to sustainability for Japan`s protected areas. **Society and Natural Resources**, vol. 19, pp. 133-143, 2006. Disponível em: <http://www.portal-administracao.com/2013/10/pib-voce-sabe-o-que-significa_1933.html>. Acesso em: 20 nov. 2015.

HOLANDA, A.G. **Democracia cultural e municipalização da cultura: O caso do Conselho Municipal de Cultura de Aracati**. Dissertação de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade-UECE. Fortaleza, 2010

HOORNAERT, E. Catequese e Aldeamento. In: SOUSA, Simone (org.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995. pp. 45-62.

IBGE. **Cidades**. Ceará Aracati. 2014. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

IGNARRA, L.R. **Fundamentos do Turismo**. Editora Pioneira: São Paulo-SP, 1999.

IPHAN. **Aracati – CE**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/248>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

IRVING, M. A; AZEVEDO, J. **Participação**: questão central na sustentabilidade de projetos de desenvolvimento. São Paulo: Ed Futura. 2002.

_____; BURSZTYN, I ; SANCHO, A.P ; MELLO,G.M. Revistando significados em sustentabilidade no planejamento turístico. **Caderno Virtual de Turismo**, Instituto Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, n.18, 2005.

IRVING, M.A; CAMPHORA, A.L. A sustentabilidade como tendência no discurso turístico do Estado do Rio de Janeiro. In: BARTHOLO, R; DELAMARO, M; BADIN, L. (Orgs.) **Turismo e Sustentabilidade no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, R.J: Garamond, 2005.

ISSA, Y.S.M.M; DENCKER, A.F.M. Processos de Turistificação: dinâmicas de inclusão e exclusão de comunidades locais. **IV SeminTUR - Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL**, Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo, Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de julho de 2006. p.1-15. Disponível em: [file:///C:/Users/narcelio/Downloads/GT14-12%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/narcelio/Downloads/GT14-12%20(1).pdf). Acesso em: 14 fev. 2016.

JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE. Arte do Ceará na Alemanha. **Jornal Diário do Nordeste**. Caderno Regional. Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/arte-do-ceara-na-alemanha-1.380649>>. Acesso em: 29 dez. 2015.

_____. Carcinicultura é questionada pelo MP. **Jornal Diário do Nordeste**. Caderno Regional, edição 30 set. 2009. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/carcinicultura-e-questionada-pelo-mp-1.1398303>>. Acesso em: 30 set. 2009.

KAKOS DE CANOA QUEBRADA. **A versão de todas as verdades**. Disponível em: <<http://www.canoa-quebrada.com/cultura/kakos.htm>>. Acesso em: 20 maio 2015.

KASTENHOLZ, E. **The role and marketing implications of destination images on tourism behavior: the case of Northern Portugal**. 2002. 392 f. Tese (Doutorado em Turismo) – Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2002.

_____. Contributos para o marketing de destinos rurais: o caso do norte de Portugal. **Revista Turismo e Desenvolvimento**, vol. II (1), 21-23, 2005.

KONDER, L. **O que é dialética**. 28 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

KOTLER, Philip; HAIDER, Donald H; REIN, Irving. **Marketing público: como atrair investimentos, empresas e turismo para cidades, regiões, estados e países**. Trad. Eliane Kanner. São Paulo: Makron Books, 1994.

KRIPPENDORF, J. **The holiday makers: understanding the impact of leisure and travel**. London: Heinemann, 1987.

_____. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2000.

LAFARGUE, P. O direito ao ócio (Carlos Irineu W. da Costa, trad.). In: DE MAIS, D. (Org.), **A economia do ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001. pp. 139-183.

LEAL, J.R.L.V. — **Zoneamento Geoambiental da APA de Canoa Quebrada, Aracati – CE**. Dissertação de Mestrado, UFC-DEGEO, Fortaleza, 2003.

LEAL, Rodrigues Sérgio. **A Imagem de destinações turísticas: um estudo de caso do Brasil na percepção de alunos baseados na Austrália**. Disponível em: <<http://www.presidentekennedy.br/retur/edicao04/edicao4.html>>. Acesso em: 20 maio 2015.

LIMA, A.C. **Terra Aracatiense**. Biblioteca de Historia do Ceará. 2ª Ed. Ceará: Editora Ramos e Pouchain, 1941/1979.

_____. **Pequena Coreografia do Município de Aracati**. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1956.

LIMA, F. E. T. Planejamento territorial: o modelo do Ceará. In: Fundação Demócrito Rocha. **Turismo educação e cidadania: o sistema turístico**. Fundação Demócrito Rocha, 1999.

LIMA, I.S.M; ESMERALDO, R.L.A. Atividade turística e os conflitos relacionados ao meio ambiente na praia de Canoa Quebrada em Aracati-Ce. MOTA, K. C. N.; ARAGÃO, A. R. F. [orgs.]. **Educação Tecnológica: Teoria e Prática do Turismo, da Hospitalidade e do Lazer**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.p.106-172.

LIMA, L. de Oliveira. **Na ribeira do rio das onças**. Fortaleza: Assis Almeida, 1997.

LIMA, Luiz Cruz; SILVA, Ângela Maria Falcão da. **O local globalizado pelo turismo: Jeri e Canoa no final do século XX**. Fortaleza: Gráfica e Editora LCR, 2004.

LIMA, Sergio Ferraz. Introdução ao Conceito de Sustentabilidade Aplicabilidade e Limites. **Caderno da Escola de Negócio**. Vol. 4, Janeiro, 2006.

LINDON, D. *et al.* Mercator XXI, **Teoria e Prática do Marketing**. 10 ed. [S.l.]: Dom Quixote, 2004

LOHMANN, Guilherme; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Teoria do turismo**. São Paulo: Aleph, 2008.

LOPES, Fernando Dias; BEZERRA, Karen Ann Sá; CHAGAS, Márcio Marreiro das. Redes e alianças em turismo: contribuições para o desenvolvimento do turismo comunitário e para o fortalecimento de imagem de destino In: **V Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR)**, 2008, Belo Horizonte (MG). V Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR). 2008.

LUCHIARI, M. T. D.: Urbanização Turística: um novo nexos entre o Lugar e o mundo. In: Luiz Cruz Lima (org.). **Da Cidade ao Campo: A Diversidade dosaber-fazer turístico**. Fortaleza-CE: UECE. 1998

LUSTOSA, A.E.; MELO, L.F. **Felicidade Interna Bruta – Índice de desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br/sepin/pub/conj/conj14/artigo05.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

MADRUGA, Antonio Moacyr. **Litoralização: da fantasia de liberdade à modernidade autofágica**. Dissertação de Mestrado (Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

MACHADO, A. **Diálogo – Sócrates e método dialético**. 2012. Disponível em: <<http://filosofiadohelena.blogspot.com.br/2012/08/dialogo-socrates-e-o-metodo-dialetico.html>>. Acesso em: 13 maio 2015.

MATANÓ, A. I., LACERDA, L. D., MARINS, R. V. Estimativa das emissões de carbono, nitrogênio e fósforo para o estuário do rio Jaguaribe (CE). In: **CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL**, 6, p. 163-164, Fortaleza, 2003.

Disponível em:

<http://www.culturaapicola.com.ar/apuntes/libros/20_diversidad_cerrado_caatinga/2/03_ecossistemas_aquaticos_costeiros_continentais_cap3.pdf>. Acesso em: 31 maio 2011.

MAX-NEEF, Manfred A. **Desarrollo a escala humana**: conceptos, aplicaciones y algunas reflexiones. Barcelona: Icaria Editorial, 1994.

MAX-NEEF, Manfred A. **Desenvolvimento à escala humana**: concepção, aplicação e reflexões posteriores. Trad. Rede Viva. Blumenau: Edifurb, 2012.

MEDEIROS, Ethel B. **O lazer no planejamento urbano**. Rio de Janeiro: Ed. F.G.V. 1971.

MENZ, Maximiliano M. **Entre impérios**: formação do Rio Grande na crise do sistema colonial português (1777-1822). São Paulo: Alameda, 2009, p. 96-109, p. 171.

MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. In: _____. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 09-30.

MOLINA, Sérgio. Planejamento integral do Turismo: um enfoque para a América Latina. Trad. Carlos Valero. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MOURA, F.C.A. **A economia do turismo e o impacto no produto interno bruto de Ceará**. [Dissertação de mestrado]. Departamento de Economia UFC- Fortaleza-CE, 2007.

MOURÃO, R. **Turismo participativo**: Eco Brasil. In: Associação Brasileira de Ecoturismo. Rio de Janeiro: Ecobrasil, 1996.

NASCIMENTO, C.R.T. **A participação dos residentes no processo de produção do território turístico de Canoa Quebrada-CE**. 126f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia, programa de pós-graduação e pesquisa em geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

OLIVEIRA, V. R. S. de. **Impactos cumulativos na avaliação de impactos ambientais**: fundamentação, metodologia, legislação, análise de experiências e formas de abordagem. 2008, 181f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Carlos-UFSC. São Carlos – SP, 2008, 181f.

OMT – Organização Mundial do Turismo. **Panorama do Turismo Internacional**, 2014. Disponível em:

http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/estatisticas_indicadores/downloads_estatisticas/OMT_Turismo_highlights_2014_sp.pdf. Acesso em: 11 dez. 2015.

_____. **Tendências do Turismo Internacional**. O mundo e as Américas. Impresso, Madrid: 2001.

ORIÁ, Ricardo. Fortaleza: os lugares de memória. In: SOUSA, S. de; GONÇALVES, Adelaide *et al.* **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p.237-256.

PANTALENA, Ana Flavia. **Análise dos Impactos Ambientais no médio e baixo Jaguaribe a partir da Memória Histórica da ocupação humana e registros geológicos**. 2012. 211 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Marinhas Tropicais), Instituto de Ciências do Mar, Programa de Pós-Graduação em Ciências Marinhas Tropicais, Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, 2012.

PEDROZA, Alda Nogueira; FREIRE, Laura Lúcia Ramos. **A atividade turística no Nordeste**. Fortaleza, CE: Banco do Nordeste do Brasil (BNB), 2005.

PEREIRA, R. B. Avaliação e pesquisa: um mesmo estatuto epistemológico em perspectiva interdisciplinar. **Proposições**, 6, 1, 1995, p. 115-124.

PÉREZ-NEBRA, Amália Raquel. **Medindo a imagem do destino turístico** [mensagem pessoal]. Brasília (DF), 2005. Dissertação do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Mensagem recebida por dantas_andrea@hotmail.com. Acesso em: 20 maio 2015.

PIMENTEL, E; PINHO, T. VIEIRA, A. Imagem da Marca de um Destino Turístico. **Turismo visão e ação**. V.8.n.2. P. 283-298. 2006. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/291/252>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

PINHEIRO, F. José. O Vale do Jaguaribe: um espaço livre dos povos indígenas para uma região da pecuária. In: **Propostas Alternativas: Vale do Jaguaribe Natureza e Diversidade Cultural – I**, no 6, p.12 –17. Fortaleza: IMOPEC, 1999.

PINHEIRO, F. José. Mundos em confronto: povos nativos e europeus na disputa pelo território. In: SOUSA, S. de, e GONÇALVES, Adelaide *et al.* **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

PIRES, M.F.C. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface - Comunic. Saúde, Educ.**, 1, 1, p.83-9, 1997.

PIRES, P.S. **Dimensões do Ecoturismo**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

PORTAL Canoa Quebrada. **Sobre Canoa Quebrada**. Ceará, 2004. Disponível em <http://www.portalcanoaquebrada.com.br/>. Acesso em: 25 março 2015.

PROGRAMA das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano - PNUD, **Relatório do Desenvolvimento Humano 2014**. < www.pnud.org.br > Acesso em: 20 out. 2014.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. 5a. ed. São Paulo: Global, 1997.

QUEIROZ, Odaléia Telles. (org.). **Turismo e Meio Ambiente: temas emergentes**. Alínea, Campinas: 2006.

QUITÉRIO. J.; SANTOS. P. **Refazendo as contas: Felicidade na economia**. Agencia Iberoamericana para la difusión de la ciência y la tecnologia. Universidad de Salamanca, 2014. Disponível em: <www.dicyt.com>. Acesso em: 21 out. 2014.

REIS FILHO, N. G. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500/1720)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

_____. **Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: Editora da USP, 2000.

RICHARDSON, Robert Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 334 p.

ROLIM, L.C. Organização do Trabalho nas Oficinas de Charqueadas da Vila de Santa Cruz do Aracati (1748-1793) - ANAIS DO II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL. **Mneme - Revista de Humanidades**. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008. ISSN 1518-3394. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais>. Acesso em: 02 jul. 2015.

ROLIM, L.C. “Tempo das Carnes” no Siará Grande: o mercado das carnes secas na Vila do Aracati (1710-1793). **SAECULUM – Revista de Historia** [29]; João Pessoa, jul./dez. 2013.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente**. Campinas: Papirus, 1997.

RUSSELL, Bertrand; LAFARGUE, Paul. **A Economia do Ócio**. (Organização e Introdução de Domenico De Masi). Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

_____. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

RYGLOVA, Katerina; TURCINKOVA, Jana. **Image as an important factor of destination management**. Disponível em: <<http://www.metla.fi/julkaisut/workingpapers/2004/mwp002-52.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2007.

SACHS, Ignacy. O tripé do desenvolvimento includente. Palestra Magna. **Seminário de Inclusão Social**. BNDES. 22 e 23 de setembro de 2003. http://www.bndes.gov.br/inclusao_ignacysachs.pdf. Acesso em 12 nov. 2015.

SAMPAIO, B.A; FREDERICO, C. **Dialética e Materialismo: Marx entre Hegel e Feuerbach**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SAMPAIO, C.A.C. Turismo como fenômeno humano: princípios para pensar a ecossocioeconomia do turismo e sua prática sob a denominação turismo comunitário. **Turismo em Análise**, v. 18, n. 2, p. 148-165, novembro 2007. Disponível em: <<http://www.turismoemanalise.org.br/turismoemanalise/article/view/375/193>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

SANSOLO, D; BURSZTYN, I: **Turismo de base comunitária**: potencialidade no espaço rural brasileiro. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

SANTOS, A. M. F. D. S. **Zoneamento geoambiental para uma gestão planejada e participativa**: planície costeira do município de Icapuí/CE. 2008. 150f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE, 2008.

SANTOS, J. V. T. dos. A construção da viagem inversa: ensaio sobre a investigação nas ciências sociais. **Cadernos de sociologia**, 3, 3,p 55-88, 1991.

SANTOS FILHO, João dos. Questões teóricas expressam riqueza e pobreza no debate epistemológico do fenômeno turístico: Uma ciência em construção. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 96, maio de 2009. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/096/96jsf.pdf>. Acesso em: 13 out. 2015.

SCHUMACHER, Ernst Friedrich. **O Negócio é ser pequeno**: um estudo de economia que leva em conta as pessoas. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

SCHUSSEL, Z.G.L. Turismo, desenvolvimento e meio ambiente. In: BRASILEIRO, MDS; MEDINA, JCC; CORIOLANO, LN., (orgs). **Turismo, cultura e desenvolvimento** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 99-121.

SEABRA, Odette C. de Lima. A muralha que cerca o mar: uma modalidade de uso do solo urbano. 1979, 122 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

SEMACE - **Superintendência Estadual do Meio Ambiente (2008)**. Área de Proteção Ambiental de Canoa Quebrada. Disponível em: <<http://www.semace.ce.gov.br/2010/12/area-de-protecao-ambiental-de-canoa-quebrada/>> Acesso em: 31 out. 2014.

SETUR – Secretaria de Turismo do Ceará. **Indicadores Turísticos 1995/2014**. Fortaleza – CE. Fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://www.setur.ce.gov.br/categoria1/estudos-e-pesquisas/Indicadores%202015.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Pecuária, agricultura e recursos naturais no Brasil- Colônia. In: SZMRECSÁNYI, Tamás (Org.). **História Econômica do Período Colonial**. 2. ed. Revista – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / Imprensa Oficial, 2002.

SILVA, J.B da. A Cidade Contemporânea no Ceará. In: SOUSA, S.de; GONÇALVES, A. Et al. **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Edição Demócrito Rocha, 2002. p. 215-236.

SILVA, Lígia Gomes de Menezes. **A Vila do Estevão e a dinâmica do turismo em Canoa Quebrada**. Rio Claro, 2013 - Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro – SP, 2013.

SILVA, Raimundo Carlos Limaverde. **O impacto do turismo em área relevante interesse ecológico: a praia do Estêvão**. 2002. (Dissertação). Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turístico da Universidade Estadual do Ceará.

SOARES, Taís. **Imagem e conceito: uma aplicação para o diagnóstico de espaços turísticos**. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18341/1/R1198-1.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2015.

SOUZA, Arminda Mendonça; CORRÊA, Marcus Vinicius M. **Turismo: conceitos, definições e siglas**. Valer, 2000.

SOUZA, J.T.P. Os jovens anticapitalistas e a resignificação das lutas coletivas. **Perspectiva**, V 22, N. 02, p.451-470 Florianópolis 2004. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

SOUZA, T.C. **Planejamento e Gestão Ambiental: Análise Integrada da Praia de Canoa Quebrada em Aracati-CE**. Universidade de Coimbra, 2010.

SOUZA NETO, G.F. de. **O Estado e Sociedade em ação: Produção espacial pelas políticas de Turismo em Aracati-CE**. / Gerardo Facundo de Souza Neto. – Fortaleza, 2011. 153f; il. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual do Ceará - UECE, Fortaleza, 2011.

SPINELLI, M. O desenvolvimento da dialética no interior da filosofia. In: **Hypnos**, n.13, p.69-83, 2 semestre, 2004.

SUSSAN, A. **A ciência de ser feliz - Conheça os caminhos práticos que trazem bem-estar e alegria**. São Paulo: Ágora 2011.

TAVARES, Mauro Calixta. **A Força da Marca**. Como construir e manter marcas fortes. São Paulo: Harbra, 1998.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. **O Papel das Políticas Públicas no Desenvolvimento Local e na Transformação da Realidade**. Bahia, 2002. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/aatr2/a_pdf/03_aatr_pp_papel.pdf>. Acesso em: 31 out. 2014.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo básico**. SENAC, 2002.

UM, S.; CROMPTON, J.S. The roles of image and perceived constraints at different

stages in tourist's destination decision process. In: ASHWORTH, G.; VOOGD, J. **Global tourist behavior**. New York: Uysal, 1994.

VALLS, Josep Francesc. **Las claves del mercado turístico: cómo competir en el nuevo entorno**. Bilbao: Deusto, 1996.

VASCONCELOS, E. Aracati: Memória do Lugar In: GALVÃO, R (org.). **Aracati: Labirinto de Sonho e Luz**. SEBRAE- Fortaleza-CE, 2006. P.17-51.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Pensamento entre os gregos**. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 2002.

WCED. World Commission on Environment and Development. **Our Common Future**. Oxford and New York: Oxford University Press, 1987.

WÖHLKE, Marina. **A atuação do terceiro setor no turismo alternativo** - análise do desempenho das ONGs ambientalistas no Brasil. Balneário Camburiu 122f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria), Centro de Educação de Balneário Camburiu, Universidade Vale do Itajaí, Balneário Camburiu, 2005.

WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL. **Travel & Tourism Economic Impact**.

2013. Brazil. Disponível em:

<http://wttc.org/site_media/uploads/downloads/brazil2012.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2015.

YOON, Y; UYSAL, M. An examination of the effects of motivation and satisfaction on destination loyalty: a structural model. **Tourism Management**, 2005, 26, pp. 45-56.